



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: AQUISIÇÃO E PROCESSAMENTO DA
LINGUAGEM

Emiliana Faria Rosa

**A IDENTIDADE DO SURDO, PESQUISADO NA PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA**

Florianópolis
2013

Emiliana Faria Rosa

**A IDENTIDADE DO SURDO, PESQUISADO NA PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do Grau de
Doutora em Linguística.

Orientadora: Professora Emérita Doutora
Leonor Scliar-Cabral

Florianópolis
2013

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

Rosa, Emiliana Faria

A IDENTIDADE DO SURDO, PESQUISADO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA / Emiliana Faria Rosa ; orientadora, Leonor Scliar-Cabral - Florianópolis, SC, 2013.

170 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Pós-graduação. . 3. Identidade. 4. Língua de sinais. 5. Surdos. I. Scliar-Cabral, Leonor. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Emiliana Faria Rosa

A IDENTIDADE DO SURDO, PESQUISADO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Esta Tese foi julgada adequada e aprovada em sua forma final para obtenção do Título de “Doutora em Linguística” pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Local, 26 de agosto de 2013.

Prof. Dr. Heronides de Melo Moura
Coordenador do Curso

Prof. Emeritus Dr.^a Leonor Seliar-Cabral
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cátia de Azevedo Fronza (UNISINOS)

Prof.^a Dr.^a Cristiane Lazzarotto Volcão (UFSC)

Prof.^o Dr. Fábio Lopes (UFSC)

Prof.^a Dr.^a Regina Maria de Souza (UNICAMP)

Prof.^a Dr.^a Ronice Müller de Quadros (UFSC)

Prof.^o Dr. Josias Ricardo Hack (UFSC, suplente)

Aos meus amigos e minha família que estiveram ao meu lado em cada momento desta tese.

AGRADECIMENTOS

À Professora Emérita Leonor Seliar-Cabral pela possibilidade e compreensão nestes quatro anos de caminhada e aprendizados.

À Universidade Federal de Santa Catarina pela acolhida, conquistas e amigos feitos dentro e fora de seus limites.

À Universidade Federal do Pampa pelo apoio nos momentos em que me dividia como professora e doutoranda.

A minha mãe pelo braço forte, pelo estímulo constante mesmo quando minhas forças quase se esgotavam.

As minhas irmãs pela digitação inicial de fichamentos e apontamentos para a existência desta tese.

A meu pai *in memoriam*.

Aos meus amigos, essenciais em cada passo, pela contribuição em muitos momentos e apoio nas horas decisivas.

A Deus por mais um degrau subido na escada da vida.

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Guimarães Rosa

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo geral a reflexão sobre como se apresenta a identidade do surdo no ambiente acadêmico e suas contextualizações, assumindo a Libras como seu principal instrumento. O objeto de estudo trata da identidade do surdo, acadêmico e pesquisador na pós-graduação nos cursos de mestrado ou doutorado da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. A questão investigada é a de que o surdo possui identidades variáveis de acordo com o que e/ou com quem interage. Justifica-se esta pesquisa tendo em vista que o meio acadêmico se torna um meio no qual o surdo, enquanto pesquisador, busca a si mesmo; busca conhecer, desbravar saberes, para que assim possa absorver e propagar conhecimentos aos outros surdos, consolidando o empoderamento cultural e linguístico da comunidade surda. A pesquisa é relevante por apresentar dados atuais sobre surdos acadêmicos participantes da pós-graduação. O referencial teórico versa sobre teóricos da identidade, sobre a língua de sinais, interação sociocultural e educação. Quanto à metodologia, optou-se por entrevistas semi-estruturadas filmadas em língua de sinais ou ainda escritas em língua portuguesa. As entrevistas filmadas ou escritas foram utilizadas na análise quantitativa e qualitativa dos dados. Em conclusão, o surdo possuidor de uma identidade tem a consciência de como constrói esta identidade de pesquisador e de formador de conhecimentos no ambiente acadêmico, tendo a Libras, língua de acesso, permanência e desenvolvimento no meio acadêmico, como principal instrumento de interação e de pesquisa.

Palavras-chave: Identidade; língua de sinais; surdos; pós-graduação.

ABSTRACT

This research aims at general reflection on how to present the identity of the deaf in the academic environment and its contextualization, assuming Libras as his main instrument. The object of study is the identity of the deaf student and researcher in graduate courses in master's or doctoral courses in Linguistics at the Federal University of Santa Catarina. The studied problem is that the deaf's identities vary according to what and / or with whom they interact. This studies is justified because academia becomes a medium in which the, while researcher, searches himself, searches knowledge, and he explores it, so that he can absorb and spread knowledge to other deaf, consolidating the cultural and linguistic empowerment of the deaf community.

The research is relevant because it presents current data about deaf graduate students. The theoretical frame is based upon identity theorists and also upon sign language, socio-cultural interaction and education. Regarding the methodology, we chose semi-structured filmed interviews recorded with sign language or written Portuguese. Data were submitted to quantitative and qualitative analysis. In conclusion, the possessor of a Deaf identity is aware of how to build this identity as a researcher and teacher, while being a graduate student and using Libras as his/her main tool.

Keywords: Identity, sign language, deaf, graduate students

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama Venn.....	29
Figura 2 – Tabela de configurações de mão.....	52
Figura 3 – Tabela de configurações de mão.....	52
Figura 4 – Locações.....	54
Figura 5 – Orientações de mão.....	55
Figura 6 – Traços distintivos.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias do parâmetro movimento na Libras.....	52
Quadro 2 – Locações na Libras.....	54
Quadro 3 – Expressões não-manuais na Libras.....	56
Quadro 4 – Sujeitos da pesquisa.....	80

LISTA DE SIGLAS

ILS – Intérprete de língua de sinais

Libras- Língua brasileira de sinais

PGL – Pós-graduação em Linguística

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 IDENTIDADE SURDA.....	23
1.1.1 Identidade linguística.....	29
1.1.2 Identidade educacional.....	33
1.1.3 Identidade sociocultural.....	35
1.1.4 Identidade histórica.....	38
2 REFERENCIAL TEÓRICO	42
2.1 BREVE HISTÓRICO DA LÍNGUA DE SINAIS E SOBRE A LIBRAS E POR QUE DEVEM SER CONSIDERADAS LÍNGUAS NATURAIS.....	42
2.1.1 Breve histórico da língua de sinais.....	43
2.1.2 Por que a língua de sinais deve ser considerada língua natural.....	56
2.2 A INSERÇÃO E A INTERAÇÃO DO ALUNO SURDO NO MEIO ACADÊMICO.....	58
2.2.1 A inserção do surdo no meio acadêmico.....	58
2.2.2 A interação do surdo no meio acadêmico.....	62
2.2.2.1 O meio acadêmico.....	66
2.2.2.2 O surdo como pesquisador.....	69
3 METODOLOGIA	73
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	74
3.2 SUJEITOS.....	77
3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	78
3.4 LOCAL.....	79
4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	81
4.1 ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS.....	81
4.1.1 Tema de pesquisa no mestrado/doutorado.....	82
4.1.2 Para que você quis cursar o mestrado ou doutorado?.....	83
4.1.3 Como foi sua experiência de ingresso no mestrado e/ou doutorado?.....	85
4.1.4 A língua de sinais foi bem aceita? Você sentiu resistência por parte dos professores ou outros alunos?.....	87
4.1.5 Você, como pesquisador, sente falta de algo na universidade? Faça uma lista do que sente falta.....	89
4.1.6 Você se sente respeitado com sua língua de sinais?.....	92
4.1.7 Você percebe se o meio acadêmico usa e/ou valoriza as pesquisas feitas pelo surdo pesquisador?.....	93
4.1.8 Você sente dificuldade em acompanhar as aulas?.....	94
4.1.9 Você sente dificuldade em compreender os textos indicados para leitura pelos professores?.....	96
4.1.10 Você, ao entrar no mestrado, ou doutorado tinha planos de	

pesquisa? Conseguiu concluí-los?.....	98
4.2 OBSERVAÇÕES DE COMO OS ALUNOS SURDOS ESTUDAM, SUAS ATUAÇÕES EM SALA DE AULA E SOBRE SEUS PROJETOS DE PESQUISA.....	100
4.2.1 Exame de alguns projetos de pesquisa dos alunos.....	107
5 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS.....	111
REFERÊNCIAS.....	116
ANEXOS.....	121
ANEXO A - Modelo de entrevista aplicada para os acadêmicos surdos da PGL.....	121
ANEXO B - Tabelas comparativas a partir das respostas transcritas dos entrevistados.....	122
ANEXO C - Transcrição das entrevistas realizadas.....	134
ANEXO D - Termo de consentimento para entrevista.....	14

INTRODUÇÃO

O que leva uma pessoa a identificar-se com algo ou alguém? Identificar-se com uma questão ou situação? A questão do identificar-se representa um somatório de características, influências ou decisões de que o sujeito dispõe ou que aceita em relação a sua experiência diária através de uma semelhança de contextos.

Neste trabalho, ao se pesquisar a identidade do surdo participante da Pós-Graduação em Linguística, observou-se a existência de múltiplas identidades. Afinal, a identidade não pode ser, e não é fechada: a identidade não é única, mas sim dependente das atuações e participações do sujeito¹.

Ao vivenciar e constatar acontecimentos do dia a dia no ambiente acadêmico surgiu o interesse de pesquisar o tema proposto. Esta pesquisa foi motivada pela necessidade de aprofundar a reflexão sobre como o surdo fluente em Libras, no ambiente acadêmico, constrói a sua identidade, em especial, no curso de pós-graduação, ali convivendo. O ambiente será caracterizado por um conjunto de circunstâncias, contextos e condições físicas e situações externas que envolvem a vida do surdo.

Pesquisar o tema é uma forma de descobrir como a língua de sinais é vivenciada no meio acadêmico, como essa língua é percebida, recebida, aceita, ignorada, usada como comunicação e interação pelos surdos que, cada vez mais, participam deste meio. A Libras no meio acadêmico não é algo nem tão novo nem tão antigo. A questão da língua de sinais não decorre do tempo em que se faz presente, mas sim de como se apresenta e de como é observada.

¹ É preciso observar sobre os termos *sujeito* e *indivíduo* que Sujeito está sendo utilizado aqui para se referir ao ser que é sujeito à subjetivação. O indivíduo seria considerado uma estrutura singular. Segundo Carvalho: “Para efeito de uma definição inicial dos termos utilizados, chamo atenção para uma diferenciação entre sujeito e indivíduo, comum a vários campos como a psicanálise e a filosofia. Sujeito diz respeito ao *locus* da subjetividade e remete a uma estrutura, posição, lugar de ser. Indivíduo ou pessoa, tal como menciono aqui descreve a unidade empírica, a experiência ou vivência singular, um modo de ser particularmente expresso por uma pessoa. Evidentemente os conceitos estão relacionados e podemos dizer que os indivíduos participam e são também sujeitos na medida em que produzem e são produzidos pelas subjetividades existentes, isto é, adotam posições subjetivas e vivenciam modos de ser que circulam em seu horizonte de identificações. Subjetividade designa um modo de ser estar no mundo que resultará em estilos de vida e valores adotados por indivíduos e grupos sociais nas suas relações com os outros humanos e não-humanos”. Disponível em: http://www.isabelcarvalho.blog.br/pub/capitulos/psico_social.pdf. Acesso: jul de 2013.

Centrando-se no meio acadêmico, local de descobertas, pesquisas e percepções das distintas possibilidades existentes das trocas linguísticas e, por conseguinte, sociais, toma-se por problema: Como se constrói a identidade do surdo pesquisado no ambiente acadêmico e suas contextualizações?

Secundariamente a reflexão se desdobrará diante dos seguintes problemas: Qual a percepção linguística do sujeito surdo perante a influência do meio acadêmico? Qual a percepção linguística do surdo acadêmico do curso de mestrado e/ou doutorado de como a Libras é observada, usada e compartilhada no meio acadêmico? Qual a participação do surdo pesquisado no meio acadêmico mesmo com as barreiras sociolinguísticas que se observam?

Para aprofundar e investigar o tema desta pesquisa, coloca-se como objetivo geral a possibilidade de refletir sobre como se constrói a identidade do surdo pesquisado no ambiente acadêmico e suas contextualizações, assumindo a Libras como seu principal instrumento.

Seguindo esta linha de objetivo geral, os objetivos específicos consistem em questionar as possibilidades do surdo diante da diversidade linguística e cultural da comunidade acadêmica; analisar a identidade do surdo; apontar as principais dificuldades com as quais o surdo se defronta neste ambiente e examinar as pesquisas realizadas pelos surdos e ao que elas se vinculam.

A justificativa, na qual se infere também sua relevância para o tema proposto, é que o meio acadêmico se torna um meio no qual o surdo, enquanto pesquisador, busca a si mesmo; busca conhecer, desbravar saberes, para que assim possa absorver e propagar conhecimentos aos outros surdos, consolidando o empoderamento cultural e linguístico da comunidade surda. É adequado imaginar que o assunto transmita interesse a ponto de ter direito a uma maior investigação, vista a relevância do tema.

Sendo assim, o que se pretende é contribuir para um melhor conhecimento para o tema, sendo esta contribuição teórica, com base nos autores analisados e aplicados, a partir das entrevistas e observações efetuadas. Este conhecimento maior pode ser caracterizado como uma ampliação do que se sabe sobre o ingresso, presença e permanência do surdo enquanto pesquisador na PGL e sua respectiva identidade.

Inicia-se aqui uma reflexão sobre a identidade do geral para o singular, que neste trabalho será especificamente a identidade surda e algumas de suas vertentes observadas pela interação contínua com a língua de sinais.

O que é a identidade? Como sou? Quem sou eu? Quem e o que representa o surdo? As pessoas surdas ou não, são diferentes; as identidades possuem tantas diferenças quanto os sujeitos. Abrem-se, desta forma, múltiplas características, múltiplos conhecimentos, múltiplas respostas,

línguas, entendimentos.

Vive-se no mesmo mundo, mas será a mesma cultura, a mesma percepção do que acontece ao redor dos sujeitos? Não. Embora pertençam ao mesmo mundo, as percepções, sensações, escolhas, caminhos e singularidades são diferentes. Tudo isso leva a que cada um tenha sua história de vida e, portanto, sua identidade; sua marca, particularidade que os torna únicos nessa aldeia global.

As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstituídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular. (HALL in SILVA, 2012, p. 130)

Cada sujeito possui o desejo de saber quem é. Tem-se a vontade de descobrir o outro e a si mesmo. Como cada um se identifica? Com o que se identifica? O que identifica o surdo? O que o aproxima ou afasta de uma característica identitária? Quais as possíveis identidades que uma única pessoa pode conter? Qual história linguística e cultural com a qual o surdo se define e se identifica ou, ainda, por muitos, será identificado por esta história?

De acordo com Ferreira (2010), sob uma das perspectivas, a identidade possui caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc. ou ainda pode vir a ser o ato de perceber afinidades ou compartilhar sentimentos ou ideias com alguém. São esses dados exclusivos e afinidades que fazem a identidade sofrer modificações como descrito acima.

Valeria todo o esforço de descobrir, caracterizar e contextualizar identidades se fosse algo sem relação com as experiências diárias vivenciadas? Um dos caminhos é identificar, ou encontrar algo ou alguém culturalmente ou linguisticamente parecido, identificando-se, desta forma, com o outro.

Identificar-se corresponde a aproximar-se de alguém que possui ideias, costumes e língua semelhantes aos seus próprios. Dentro de uma sociedade, a diversidade de identidades escolhidas, assumidas, impostas, oprimidas ou favorecidas pode ser caracterizada por opções por uma linguagem, por hábitos, jogos, pensamentos, raciocínio, sentimentos, desejos, ações, etc. compartilhados (ROSA, 2009).

A identidade, como se observa, *“muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida.”* (HALL, 2006, p. 21). Mudanças

identitárias são necessárias para o crescimento individual e social de qualquer sujeito. No caso do surdo, ele não é diferente de qualquer pessoa: o surdo passa por mudanças sociais e individuais sofrendo influência do meio ao se relacionar com os demais. É necessário lembrar a existência das mudanças linguísticas às quais ele também se expõe ou que provoca.

A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada ou idêntica. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada modificada a cada situação. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA in SILVA, 2012, p. 96-97)

Ou ainda:

Neste caso, devemos observar a importância da produção narrativa coletiva nos movimentos sociais, que permite, partindo da conexão das diferenças, construir – com palavras e linguagens próprias – a autodefinição de identidades comuns e quebrar o silêncio imposto por sistemas discursivos essencialistas e excludentes. (COSTA, 2007, p 111)

Quando se diz que a identidade tem estreitas conexões com relações de poder, parte-se do pressuposto de que as relações sociais não são simétricas, pois sempre existe uma parte dominante e outra dominada. Qual delas o surdo integra, presentemente? Como exemplo, uma parcela da sociedade ouvinte ainda acredita que o surdo possui uma língua e identidade inferior, portanto, deseja exercer uma relação de poder sobre o surdo através da normalização.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa

atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (SILVA in SILVA, 2012, p.83)

Durante muito tempo, a identidade do surdo foi reprimida na sociedade. Os surdos não tinham a liberdade de expor sua cultura e muito menos sua língua. A identidade surda era reprimida por médicos, familiares e escola, os quais buscavam e, muitas vezes, impunham formas de normalização através de, por exemplo, treinamento fonoaudiólogo, prótese auditiva ou implante coclear na esperança de transformar surdos em ouvintes.

Segundo Lopes (2007) essas relações de poder, empoderamento e resistências acontece por uma negociação de significados. Negociação que acontece pela convivência, interação e participação social. É questão de compreender que ser surdo, descobrir-se enquanto surdo, é a primeira diferença que aproxima ou afasta sujeitos sociais.

Necessita-se lembrar de que os membros de uma sociedade estão predispostos a produzir e seguir determinadas formas de interação e identidade usará estas formas de interação de acordo com os elementos disponíveis para cada sujeito. Por exemplo, a interação entre surdos torna a identidade surda fortalecida.

De acordo com as formas de interação e as relações de poder, o sujeito escolhe como agir em determinada situação. Em cada ambiente, ou contexto social, ele pode adquirir uma face identitária, porque a identidade está sempre em construção, ou seja, *“para a identificação, a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade”* (BHABHA, 1998). Observa-se, a partir daí, a confirmação da volubilidade da identidade, da mutação da identidade do sujeito. As interferências sociais citadas acima são vistas no cotidiano. São interferências linguísticas, culturais, educacionais e situacionais.

Por sua própria natureza, a identidade é movida por sentimentos opostos ou similares, encontrados em um mundo plural, diverso. *“A imagem da ‘fraternidade’ é o símbolo que tenta alcançar o impossível: diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos.”* (BAUMAN, 2005, p. 16). É percebendo essas semelhanças ou diferenças que o sujeito surdo se identifica, se encontra ou não no outro. É a partir dessas semelhanças ou diferenças que ele retirará objetivos e meios para suas pesquisas. Ao se identificar com o outro ou com um tema, cria-se um elo, ou seja, uma identificação.

A identidade pode ser ainda *“[...] uma identidade que serve somente para nossa identidade”* (SKLIAR, 2003, p.149), como princípio de

identificação com o outro, com o mundo em que o sujeito vive e como orientadora da diversidade de escolhas. Segundo Skliar, não se pode saber onde começa ou onde termina uma identidade, qual o limite existente nela ou como ela se apresenta, mas sabe-se o que ela representa.

Assim, o termo identidade *“é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.”* (HALL, 2006, p. 8)

Identificar-se, pois, visando a esse contexto com o outro gera um crescimento social, individual e político. A identidade individual é a descoberta de si mesmo, de quem se é e do que se pode vir a ser. Em se tratando do surdo, identificar-se implica valorização linguística e cultural. Não obstante, convém lembrar que, embora o surdo descubra a própria identidade, ou identidades, isso não será um acontecimento totalmente individual, pois é pela interação com o outro que a identidade toma forma: é a relação de proximidade ou de afastamento que irá determinar identidades.

Cada sujeito possui representações identitárias. Esse sujeito, posicionado em relação a outro, também com suas características próprias e singulares, constatará que tais representações são simultaneamente diferentes e semelhantes às do outro sujeito, manifestas através da palavra. Ou seja, *“[...] esse outro [...] está entre nós [...] se o outro não estivesse aí, não haveria palavra, não haveria relação, não haveria vida humana [...]”* (SKILIAR, 2003, p.14).

A consciência das identidades (em contexto individual, social ou cultural) implica, igualmente, o empoderamento de si como sujeito surdo, possuidor de uma língua, de uma história e o empoderamento de uma comunidade. Identidades, no plural, porque não se fecha em uma só, como cita Hall ao dizer que não há: *“[...] uma identidade fixa, essencial ou permanente.”* (HALL, 2006, p.12). As identidades, desta forma, são múltiplas, complementares, singulares, variando de surdo para surdo, de momento para momento, dependendo da aceitação, compreensão e, fundamentalmente, do fortalecimento.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se

multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

O ser humano, pois, é múltiplo, divisível e plural, capaz de, voluntária ou involuntariamente, alterar suas características pessoais e, por conseguinte sua identidade, de acordo com sua vontade e/ou interferências do social. Em cada ambiente, ou contexto social, ele pode adquirir uma face identitária. Essa multiplicidade apontará caminhos não somente para descobrir-se como ser identitário, mas também como participante social.

O contexto social permite a identificação através das mesmas significações para caracterizá-la, atribuídas pelo grupo social através da linguagem compartilhada. A consciência das identidades em um ambiente social acontece pela interação, em que, nos mesmos contextos de uso, as identidades, construídas a partir das influências, elementos e características do meio social em que o sujeito participa, se manifestam através da linguagem. A identidade e a consciência desta apresentam-se e representam-se no interior e no exterior: no exterior, através das manifestações discursivas, interiorizadas com as percepções e reflexões, para retornar para o exterior em novos discursos, quando se manifesta o que se sente e o que se pensa.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL in SILVA, 2012, p. 109)

A construção da identidade no movimento da interiorização e exteriorização dos discursos se dá no decorrer do tempo: tempo de construção de si, do aprendizado e uso de uma língua, tempo de compreensão de uma cultura e seus costumes, ou seja,

[...] tempo paradoxal que é produto do surgimento de identidades, posições ou localizações do sujeito, que antes eram ignoradas, silenciadas, colonizadas e/ou traduzidas a um tempo e um espaço único de representação. Identidades de sujeito que hoje estão presentes *aqui* e no *agora*. Entretanto: como essas identidades são

expostas, fixadas, traduzidas em termos de temporalidade? (SKLIAR, 2003, p. 46)

Nem sempre, a internalização de um discurso identitário retorna imediatamente na forma de outros discursos. Às vezes permanece latente, até o momento em que, amadurecido pela reflexão, explode em novas interações discursivas, conforme menciona Skliar (2003, p.100), ao citar De Marins, ao se referir à construção da identidade de si mesmo e da comunidade como “[...] *faíscas que hoje se apagam e que amanhã podem aparecer reavivadas, corrigidas, aumentadas*”.

Já Maheirie (2002) nos aponta o sujeito identitário, produto das relações da consciência e do corpo com o mundo, como o produtor da história:

Sendo corpo e consciência, ao mesmo tempo, o sujeito é objetividade (pois é corpo) e subjetividade (pois é consciência), não podendo ser reduzido a nenhuma destas duas dimensões. O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social. Fazendo-se na pluralidade do contexto, o sujeito, como singularidade humana, está tecido no mundo e caracterizado por uma situação específica. Nela ele se movimenta, se constrói e produz a história, à luz de um projeto. Impulso em direção ao ainda não existente e, simultaneamente, inserido em condições objetivas que a situação lhe impõe, o projeto é a própria práxis vivida no cotidiano. (MAHEIRIE, 2002)

A aquisição da linguagem, numa sociedade desigual, é enfatizada por Mendes (2010):

Deve partir do princípio de que estamos imersos em ambientes sociais, culturais, históricos e políticos específicos, e que como tais devem ser considerados; repensar a aquisição da linguagem considerando seus diferentes contextos de ocorrência, a raça, o gênero e outras relações de poder e desigualdade; considerar o indivíduo como múltiplo, multifacetado, multidiscursivo. (MENDES, 2010, p. 54)

Mendes coloca, assim, a necessidade de observar o meio ao redor do sujeito e este como ser múltiplo. Como o sujeito surdo construirá sua identidade, numa sociedade desigual em que sua língua não goza do mesmo prestígio e não registrou de forma permanente o acervo cultural já produzido pelo homem?

Uma forma de rastrear como a comunidade surda construiu sua identidade, já que não existe documentação escrita na própria língua de sinais, é por meio do

“conhecimento através de vestígios.” (BLOCH, 2001, p.73). Serão os vestígios sociais, históricos e linguísticos da identidade que representarão como o sujeito se molda, que fundamentarão as características identitárias que hoje conhecemos.

É preciso lembrar que o laço mais forte da identidade é a língua. Nesta tese é a língua de sinais que irá corresponder ao elo entre as identidades observadas. Assim, deve-se analisar a relação entre língua e cultura, a fim de que se tenham elementos de percepção de como se constrói e desenvolve uma identidade, conforme muito bem assinalou o antropólogo Lévi-Strauss:

Em primeiro lugar, tratou-se da relação entre uma determinada língua e uma determinada cultura. Para estudar uma cultura, é necessário o conhecimento da língua? Em que medida e até que ponto? Inversamente, o conhecimento da língua implica o da cultura, ou pelo menos de alguns de seus aspectos? (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 79)

E ainda:

Também discutimos num outro nível, em que a questão já não é a da relação entre uma língua e uma cultura, e sim a da relação entre linguagem e cultura em geral. Mas talvez tenhamos negligenciado um pouco esse aspecto. Durante nossas discussões, jamais enfrentamos a questão da atitude concreta de uma cultura para com sua língua. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 79)

Torna-se, igualmente, necessário definir o que é cultura:

A cultura é um conjunto complexo que compreende instrumentos, instituições, crenças, costumes e, evidentemente, língua, a depender do ponto de vista adotado, as questões que se

levantam, não são as mesmas. Além disso, é possível tratar a linguagem como condição da cultura, e por duas razões. Uma diacrônica, já que é principalmente por intermédio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; a criança é instruída e educada pela palavra, é repreendida e elogiada com palavras. De um ponto de vista mais teórico, a linguagem se apresenta igualmente como condição da cultura, na medida em que esta possui uma arquitetura similar à da linguagem. Ambas se constroem por intermédio de oposições e correlações ou, em outras palavras, de relações lógicas. De modo que a linguagem pode ser considerada como uma função, destinada a receber as estruturas, às vezes mais complexas, mas do mesmo tipo que as suas, que correspondem à cultura tomada em seus vários aspectos. (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 80)

Neste passo de Lévi-Strauss, se verificam as interrelações entre língua e cultura, portanto, no caso do surdo, são interdependentes as influências entre Libras e a cultura surda.

Esta inter-relação:

Qualquer cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos na primeira fila dos quais se colocam a linguagem, as regras matrimônias, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião. Todos estes sistemas pretendem expressar determinados aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos da realidade mantêm uns com os outros. (MAUSS, 2001, p. 18)

O ser humano é caracterizado por ser *Homo sapiens*, o homem que sabe que sabe; que sabe da importância da troca, do convívio, do outro e de sua importância na sociedade. A língua está vinculada à cultura, como elemento divulgador das especificidades da vida de um grupo de pessoas. Afinal, aprende-se que cultura é o fazer humano passado de geração a geração através da linguagem. Uma língua está para a cultura assim como a identidade está para a interação humana e a evolução do pensamento. Tem-se, assim, que a língua de sinais é parte da cultura surda; a língua, e ainda a linguagem, de uma forma geral, *“pode ser tratada como produto de uma cultura: uma língua usada por uma sociedade reflete a cultura, é uma parte*

da cultura, constitui um de seus elementos, entre outros.” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 80).

Língua e cultura são, pois, fatores essenciais na construção da identidade e, em nossa pesquisa, fundamentais para o entendimento das múltiplas identidades assumidas pelo surdo em relação ao que a ele se apresenta.

A (s) identidade (s) do surdo hoje deriva(m) de todos os feitos anteriores, de todas as buscas, conquistas e do desenrolar de ações afirmativas em prol do desenvolvimento de uma (ou várias) identidade (s) surda (s). Assim:

Os seres humanos não vivem sozinhos no mundo, tampouco vivem sozinhos no mundo das atividades sociais como comumente entendido, mas eles estão a mercê da língua que é o meio de expressão de sua sociedade. É uma ilusão imaginar que as pessoas se ajustam à realidade sem o uso da língua e que a língua é meramente um meio incidental de solucionar problemas específicos de comunicação ou reflexão. O que importa é que o mundo real é em grande escala moldado pelos hábitos da língua do grupo. (SAMPSON apud DOURADO & POSHAR, 2010, p. 39)

São vários os fatores que interferem para modificar a identidade: valores, língua, costumes, religião, trabalho, família, idade, escolaridade, informação, participação, entre outros. Nesta pesquisa, selecionamos três fatores para a identificação que os sujeitos surdos apresentam ou representam em um momento vivido. Sendo assim, a identidade surda, a seguir descrita, será subdividida em identidade linguística, social e educacional.

Analisar o tema proposto requereu uma leitura aprofundada para interpretar as memórias e observações diárias presentes durante a pesquisa, no transcorrer das relações e inter-relações linguísticas e sociais entre pesquisadores e meio, sempre buscando entender a construção da identidade do surdo.

Volta-se esta tese para a reflexão sobre a construção da identidade do surdo pesquisado no ambiente da PGL e suas contextualizações, cruzando as leituras com as vivências de como acontece a interação linguística, quais as trocas, o que se apresenta, o que se vive e como se percebe o papel linguístico e socioeducacional deste conjunto.

1.1 IDENTIDADE SURDA

Antes de iniciar a contextualização sobre a identidade surda, deve-se compreender quem é o surdo. O surdo é o sujeito pertencente a uma comunidade que dispõe de uma cultura e uma língua, a língua de sinais, que, por vezes, são negadas ou oprimidas pela sociedade, mais voltada ao lado patológico que ao lado cultural e identitário do surdo.

O sujeito surdo não dispõe de audição, porém não dá importância a este tema e coloca a experiência visual e a língua de sinais acima daquele. Esta língua acarreta a construção da identidade, e o fortalecimento da comunidade e cultura surda, aproveitando as inúmeras possibilidades da cultura visual.

O surdo identifica-se sociolinguisticamente quando o meio acadêmico dispõe de outros membros da comunidade surda, os quais utilizam a língua de sinais; identifica-se como surdo e cidadão com direitos e deveres como qualquer pessoa da sociedade.

Tem-se o pensamento de que tanto o surdo molda a identidade quanto a identidade molda o surdo, através de contextos históricos, sociais, familiares, educacionais e linguísticos. De acordo com Lopes (2007), qualquer escolha acontecerá a partir de interpretações e representações, através de um conjunto de justificativas que se escolhe para manter as formas de entender o que se é e o que o outro é.

Identifica-se como aluno de pós-graduação, pertencente a um meio no qual pesquisas e conhecimentos são expandidos diariamente, visando a maiores comprovações sobre temas variados, inclusive temas associados à língua de sinais; identifica-se como pesquisador, observando e analisando um tema pertinente à comunidade acadêmica e à sociedade em que a universidade está inserida. Assim o termo identidade pode ser considerado para Hall como:

Utilizo o termo 'identidade' para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. (HALL in SILVA, 2012, p. 111-112)

A cultura surda é apreendida e aprendida no convívio, na educação (familiar, escolar ou em outro meio social), nas vivências e convivências com o outro. Ou seja, o sujeito surdo interage com o mundo através do visual e manifesta sua cultura principalmente com o uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Ser surdo, nascer surdo, põe a pessoa numa situação extraordinária; deixa-a exposta a uma gama de possibilidades linguísticas e [...] a uma gama de possibilidades intelectuais e culturais que o resto de nós, como falantes naturais [...] mal podemos começar a imaginar. (SACKS, 1998, p. 135)

A cultura surda não surgiu do nada, ela está presente em sua própria identificação. Dirksen e Bauman (2008) afirmam que a cultura ajuda a descrever que um grupo de pessoas consideradas como um grupo social possui um profundo laço conectado com sua língua, história e tradições.

But before we talked culture, culture talked. Without mentioning the word “culture”, Deaf people have historically maintained a discourse that was about themselves, their lives, their beliefs, their interpretation of the world, their needs, and their dreams. It is this internal process of “culture talking”, probably one of the strongest of cultural processes, that forms the basis for both private and public expressions of what we know today as “Deaf Culture”. We would not be talking culture if we had no clue as to what Deaf people think or know or what their behaviors or artifacts (such as American Sign Language [ASL²]) mean.³(DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 35)

²ASL - American signlanguage é a língua de sinais americana, a qual corresponde à Libras (língua brasileira de sinais) aqui no Brasil.

³ “Mas antes de falarmos de cultura, a cultura fala. Sem mencionar a palavra “cultura”, as pessoas surdas têm historicamente mantido um discurso que era sobre si mesmos, suas vidas, suas crenças, sua interpretação do mundo, suas necessidades, e seus sonhos. É esse processo interno de “cultura falada”, provavelmente um dos mais fortes dos processos culturais, que constitui a base para expressões públicas e privadas do que conhecemos hoje como “cultura surda”. Nós não estaríamos falando cultura se nós não tivemos nenhum indício a

A cultura é vista como o que proporciona afeição ao grupo, não é um estado, mas sim um processo pelo qual o sujeito é o grande responsável pelos valores que se recebe e os quais se devem preservar. Não há como pensar fora do que uma cultura oferece.

O surdo presente em uma sociedade diversificada deixa claro que há possibilidade – visível ao próprio surdo, cognitivamente – mas dificilmente tal sociedade aceitará as mudanças urgentes e imprescindíveis que este sujeito requer. Ou seja: *“Trata-se de um indivíduo que não tem, não possui, não dispõe dos atributos para deixar de ser o que é.”* (SKLIAR, 2003, p.38)

É um sujeito, um ser humano que tem uma identidade ou várias, dependendo do contexto vivenciado e do conhecimento de culturas. As marcas identitárias podem seguir uma ou várias trajetórias referentes ao meio em que estão e de suas necessidades momentâneas. A palavra ‘sujeito’ nos leva a pensar no lado individual de cada pessoa, individualidade que gera uma multiplicidade diante do e no que se vive.

O surdo ao descobrir-se percebe que existem diferenças. *“[...] a diferença é considerada uma essência, que ignora e nega a situação histórica e cultural de sua construção”* (SKLIAR, 2003, p. 135). As diferenças se acabam quando põem um fim nas deficiências. Mas a diferença não é um ponto de vista, mas sim uma distância (SKLIAR, 2003), distância em referência ao que se tem de semelhante ou de diferente.

Bhabha afirma que a diversidade *“[...] supõe o reconhecimento de conteúdos e costumes preestabelecidos isentos de mistura e contaminação”* (apud SKLIAR, 2003, p. 205). Ainda segundo Skliar, Bhabha articulou uma distinção significativa entre diversidade – que é centrada no outro - e diferença:

[...] Diversidade é utilizada geralmente em um discurso liberal que se refere à importância de sociedades plurais e democráticas e que junto com ela surge sempre uma norma transparente, construída e administrada pela sociedade que hospeda, que cria um falso consenso, uma falsa convivência, uma estrutura normativa que detém e contém a diferença cultural [...] (BHABHA apud SKLIAR, 2003, p. 137).

respeito de o que as pessoas surdas pensam ou sabem ou o que os seus comportamentos ou artefatos (tais como Língua de Sinais Americana [ASL]) querem dizer.” (DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 35, tradução nossa)

Identificar-se com o outro é simples e complexo. É a partir do outro, do convívio com outro sujeito surdo que a identidade é descoberta e fortalecida. Tal identidade surda só será construída pelo encontro entre semelhantes, ou seja, de surdo com outro surdo. Será este semelhante, serão as mesmas aptidões e necessidades, ou ainda o ‘espelho’ e o estímulo, que levarão o surdo a se descobrir enquanto ser surdo: *“A transição da identidade vai se dar no encontro com o semelhante, onde novos ambientes discursivos estão organizados pela presença social dos surdos culturais. A aproximação dos surdos é um passo para o encontro com outras possibilidades de identidades surdas.”* (PERLIN, 1998, p. 30)

A identidade surda é o mais visível elemento de representação do surdo. Tal identidade será descrita como o conjunto de todas as identidades acima descritas. É uma identidade própria do surdo, uma identidade que se subdivide em várias, mas valorizada pelo que representa. *“Deaf identity itself is highly valued; Deaf people seem to agree that a hearing person can never fully acquire that identity”*⁴(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 70)

Mas como a identidade se constrói? Em se tratando da identidade surda e sua construção, Perlin explica que *“A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural”*. (PERLIN, 2003, p.56)

A cultura visual dita por Perlin refere-se à cultura surda, a qual possui características visuais, existentes pela presença da língua de sinais e de elementos próprios desta língua e cultura. Como exemplo, há expressões, poemas, piadas e sinais que somente surdos ou pessoas muito fluentes em Libras entenderiam.

A identidade surda pode ser definida como um conjunto de características da comunidade surda. Um conjunto de tradições, costumes, interesses, cultura e língua desenvolvido e vivido pelo povo surdo ou ainda *“algo em questão, em construção [...] que pode [...] ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições.”* (PERLIN, 2003, p. 52).

Por isso, destacou-se anteriormente a singularidade da identidade surda, sua flutuação e mutação de acordo com o ambiente social vivenciado e com a marca da personalidade do sujeito surdo. Viu-se que a identidade não se constrói de uma hora para outra, não é processo rápido, e passa por influências e modificações. A identidade surda será construída pelo encontro

⁴ “A própria identidade surda é altamente valorizada; os Surdos parecem concordar que uma pessoa ouvinte nunca pode adquirir totalmente essa identidade.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 70, tradução nossa)

com o outro, o encontro surdo-surdo; um encontro que pode acontecer para muitos no ambiente escolar, mas também nas associações de surdos⁵, na família ou em outros locais. Para tanto, é necessário:

[...] uma política de identidades surdas, onde questões ligadas à raça, à etnia, ao gênero, etc.; sejam também entendidas como ‘identidades surdas’; identidades que são, necessariamente, híbridas e estão em constante processo de transição (SKLIAR, 2005, p. 27).

A identidade surda vai mesclar contextos políticos, educacionais, linguísticos e históricos. A identidade surda demonstra a importância da diversidade e do poder de direcionar as próprias escolhas. “*Power over defining and developing identity is itself the battleground of the most important ideological battles of the past thirty years.*”⁶(DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 9).

A diversidade acima referida apresenta uma peculiaridade, ou seja:

The DEAF-WORLD is, by hearing standars, a heterogeneous family, but the salience of Deaf identity attenuates differences of age, class, sex and ethnicity that would be more prominent in hearing society.⁷(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 70)

No entanto, definir-see, ainda, poder definir-seé uma das árduas tarefas que o surdo enfrenta em relação ao meio, para poder apontar quem é

⁵ Associações de surdos são locais nos quais os surdos e demais participantes da comunidade surda se encontram. Representam importante espaço de articulação e encontro entre surdo-surdo; é um território livre no qual os surdos trocam conhecimentos, informações, mantendo em contínuo desenvolvimento tanto a língua de sinais quanto a cultura surda.

⁶“Poder sobre a definição e desenvolvimento da identidade é o próprio campo de batalha das mais importantes batalhas ideológicas dos últimos trinta anos.” (DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 9, tradução nossa).

⁷ “O MUNDO do SURDO é, segundo os padrões ouvintes, uma família heterogênea, mas a proeminência da identidade Surda atenua as diferenças de idade, classe, sexo e étnica que seria mais proeminente na sociedade ouvinte.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 70, tradução nossa)

em relação ao outro ou ainda a outras formas de perceber e relacionar-se com o surdo, ou seja, a necessidade de mostrar-se como membro de uma comunidade linguisticamente diferente.

Carol Padden was one of the earliest to ask and answer the question, “Who are *Deaf* people?” [...] These values, according to Padden, are, first and foremost, use respect for ASL, as opposed to speech, for face-to-face communication. Deaf people also value their social and family ties within the Deaf world and they learn values of the culture through literature. Padden then makes further distinctions of the cultural boundaries of Deaf people by how difficult it is for outsiders, such as those raised orally, to assimilate to the ways of Deaf people – from eye gaze to cultural patterns of introductions and value systems.⁸ (DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 9).

A consciência da própria identidade para o surdo ocorre através da interação linguística, quando reconhece através das manifestações do outro como este percebe e recebe aquele, e através da própria atuação sobre o mundo. A identidade cria-se pela língua, pelo que representa e ainda a partir das vivências diárias. “*Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior.*” (WOODWARD in SILVA, 2012, p. 8)

Segundo Rosa (2009), investigar a identidade do surdo é investigar a subjetividade, ou seja, um espaço de ‘luta’ entre o mundo interno (sujeito) e o mundo externo (social), tendo por resultado tanto as marcas singulares na formação do sujeito quanto na construção de valores em uma cultura que se associarão à experiência histórica do sujeito e da comunidade que ele habita: afinal, é a subjetividade que auxilia na relação com o outro.

⁸ “Carol Padden foi uma das primeiras a perguntar e responder a questão, ‘Quem são as pessoas *Surdas*?’[...] Estes valores, de acordo com Padden, são em primeiro lugar, uso e respeito pela língua de sinais, como oposição ao discurso da comunicação face-a-face. As pessoas surdas também possuem valores sociais e laços familiares dentro do mundo dos surdos e aprendem valores culturais através da literatura. Padden lhes faz outras distinções das fronteiras culturais das pessoas surdas por quão difícil é para os iniciantes, como para os ouvintes, para assimilar as formas de surdos - de olhar olhos nos padrões culturais de apresentações e sistemas de valores.” (DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 9, tradução nossa)

Lembra-se de que a identidade surda não é única, ela afirma uma diferença e não uma deficiência. Não há uma identidade surda melhor do que a outra, não há uma característica melhor do que a outra. Assim, “há formas diferentes de viver a condição de ser surdo e de pertencer a um grupo específico.”(LOPES, 2007, p. 14)

Em se tratando da experiência, pode-se dizer que “Deaf people described their experiences as a result of being aligned toward a “different center” than hearing people, a center where sign language use and not relying on sound was the norm, not the deviation.”⁹(DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 10).

A norma dita pelos autores refere-se ao ‘normal’ ouvinte que coloca o som como algo essencial. O surdo descarta essa normalidade uma vez que para ele o que vale não é o som, mas sim o visual. Sobre essa relação, pode-se afirmar também que o meio no qual o sujeito surdo se identifica. Como pode ser observado no diagrama Venn, abaixo:

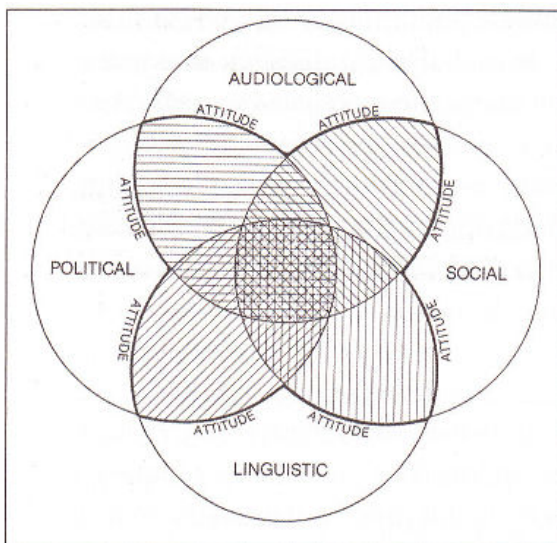


Figura 1-Diagrama Venn¹⁰

⁹“Surdos descreveram suas experiências como resultado de estar alinhado em direção a um "centro distinto" das pessoas ouvintes, um centro onde o uso da língua de sinais e não depender de som era a norma, e não o desvio” (DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 10, tradução nossa)

¹⁰Diagrama de identificação da cultura Surda.

Sendo assim:

Similarly, Cokely and Baker reinforce the model of a strong Deaf center in their Venn diagram to demonstrate four attributes of being culturally Deaf – audiological deafness, use of ASL, social affiliation, and political involvement. When in alignment, these attributes create a Strong Deafcentric identity. This diagram was often used to describe the phenomenon of Deaf identity affiliation.¹¹(DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 10).

Neste trabalho a identidade será revelada através da língua de sinais e do surdo inserido no ambiente acadêmico, na PGL. Esta identidade linguística se caracterizará pelo uso, reconhecimento e valorização da Libras no meio acadêmico da Pós-Graduação aqui enfatizada, uma identidade linguística que permite ao surdo ingressar, permanecer e pesquisar na academia favorecendo, não só usar a língua de sinais, mas também investigá-la. Todas as mudanças de identidade descritas acima são essenciais para que o surdo interaja com o universo da pesquisa, visualizando novas vertentes, que poderiam ser, até então, desconhecidas.

A participação do surdo na pós-graduação leva-o a ser sujeito e agente e não apenas objeto da história, contribuindo para que tenha ainda mais consciência de sua identidade, assim: *“O cuidado de si funda-se no conhecimento de certa verdade que o próprio indivíduo aciona e que ele utiliza para transformar sua subjetividade.”* (GROS, 2004, p. 59)

O pesquisar do surdo é um pesquisar-se a si mesmo e é através da língua de sinais, como ponto de partida e de chegada, que ele reconhece este autorreconhecimento. Assume-se, assim, a língua como *“uma realidade fundamentalmente individual e psicológica”* (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p.18). Apesar de estar intimamente ligada ao fator convívio social, a identidade também se liga ao fator temporal. Afinal, a

¹¹ “Similarmente, Cokely e Baker reforçam o modelo de um forte núcleo surdo no seu diagrama Venn para demonstrar quatro atributos culturais do ser surdo – audiológico, uso da ASL, relação social e envolvimento político. Quando alinhados, esses atributos criam um forte núcleo surdo (*Deafcentric*) identitário. Este diagrama era frequentemente usado para descrever o fenômeno surdo da relação identitária.” (DIRKSEN & BAUMAN, 2008, p. 10, tradução nossa)

identidade é mutável como o tempo e é através dele que se altera.

Nesta pesquisa, o surdo pode vir a se desdobrar em duas possíveis identidades: a identidade de pesquisado e a identidade de pesquisador. Na identidade de pesquisado, o surdo será analisado por suas características socioeducacionais e linguísticas. Ele se coloca, assim, como objeto da pesquisa, cedendo informações, dados e experiências. Como pesquisado, o surdo será identificado como sujeito linguístico, sinalizante de uma língua de sinais e participante de uma comunidade surda.

A contribuição do surdo como pesquisado é essencial ao desenvolvimento de uma pesquisa voltada a temas correspondentes à língua de sinais. Quem se relaciona diretamente e diariamente com uma língua possui a possibilidade de compreender o que realmente acontece e como se dá a experiência linguística que a língua de sinais acarreta.

A identidade de pesquisador aparecerá ao entrar em contato com o universo acadêmico e as possibilidades de sua pesquisa, identidade esta que condiciona o surdo a colocar-se de fora da pesquisa, visando a uma análise real dos dados que obteve, lembrando que há a necessidade de distanciamento e imparcialidade na identidade do pesquisador caso este identifique o objeto de estudo. Como pesquisador ele terá a responsabilidade de retratar o que coletou de forma científica, expondo fatores essenciais a fim de obter a comprovação dos objetivos de pesquisa.

1.1.1 Identidade linguística

Desde 1960, muitos estudos têm descoberto e valorizado características das línguas de sinais. Os linguistas descobriram uma riqueza de informações sobre a ASL¹² e demais línguas de sinais que colocaram tais línguas no mesmo patamar de valorização que as línguas orais. Assim como Lane, Hoffmeister e Bahan revelam que *“Perhaps the most astonishing and fundamental discovery of that research is that ASL is a language – a complete natural language, quite independent of English.”*¹³ (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 43).

É de suma importância compreender a extensão de contextos de que a língua dispõe e é fundamental saber o papel que ela possui na questão da identidade. Demonstrar a identidade linguística leva a compreender a língua de sinais como o instrumento mais importante para a vivência do surdo.

Desta forma:

¹³“Talvez a descoberta mais surpreendente e fundamental dessa pesquisa é que a ASL é uma língua - uma língua natural completa, completamente independente do inglês.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 43, tradução nossa)

Signed language is the most important instrument for communicating in the DEAF-WORLD. The language competency of the members varies, depending on whether signed language is their native language (true only of the children of members of the DEAF-WORLD) or whether they learned the language as small children or later in life.¹⁴(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 6)

Porém não se trata somente de conhecer a língua sob a forma gramatical, mas sim tudo ao que ela se relaciona, afinal a gramática não é somente um conjunto de normas de uma língua, mas seus usos, conforme já pontuava B. Whorf, citado por Dourado e Poshar, na tese do relativismo linguístico:

A gramática de cada língua não é meramente um sistema de reprodução para expressar ideias, mas ela é o formador de ideias, o programa e o guia para a atividade mental do indivíduo, para sua análise de impressões... A formulação das ideias não é o processo independente... As categorias e tipos que nós isolamos do mundo objetivo nós não os encontramos lá porque ele olha cada observador na sua face: ao contrário, o mundo é apresentado em um fluxo caleidoscópico de impressões que têm que ser organizado pelas nossas mentes – e isto significa que em grande medida é organizado pelo sistema linguístico nas nossas mentes. (WHORF apud DOURADO & POSHAR, 2010, p. 40)

Como se pode depreender, as línguas estruturam a realidade que se apresenta caótica. Assim acontece com as línguas de sinais para os surdos: será não somente um meio de comunicação, mas parte presente, constante e indispensável para a vivência do surdo e, mais que tudo, como marca de

¹⁴ “A língua sinalizada é o instrumento mais importante para a comunicação no mundo do surdo. A competência linguística dos membros varia, dependendo se a língua sinalizada é sua língua nativa (verdade apenas para filhos de membros do mundo surdo) ou se aprendeu a língua ainda criança ou mais tardiamente.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 6, tradução nossa)

suas identidades sociais, conforme pontua Mendes:

A língua simboliza uma realidade cultural, vez que ela, em si mesma, é um sistema de símbolos que possui um valor cultural, que funciona para os seus falantes como modo de identificação deles mesmos e de outros através do uso da língua – a língua é vista como o símbolo que marca as suas identidades sociais. (MENDES, 2010, p. 76)

Portanto, a:

ASL is a very powerful symbol of identity in the DEAF-WORLD, no doubt in part because of the struggle of ASL-speakers to find their identity in a hearing world that has traditionally disparaged their language and denied their culture. Deaf sociolinguist Barbara Kannapell, a pioneer in the American Deaf Rights movement, has written of ASL: "It is our language in every sense of the word. We create it, we keep it alive, and it keeps us and our traditions alive." And further, "To reject ASL is to reject the Deaf person."¹⁵(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p.67-68)

Na citação acima, embora cite-se a ASL, pode-se substituir esta língua de sinais por qualquer outra e, especificamente, pela língua brasileira de sinais. A língua de sinais está tão próxima e fundamental na vida do surdo que rejeitá-la é rejeitar uma identidade linguística e ainda um direito linguístico do próprio surdo. Pensando desta forma, toma-se a língua como parte essencial da investigação de uma caracterização identitária.

A língua expressa ou incorpora a realidade cultural, ou seja, *"é o meio através do qual nós conduzimos a nossa vida social, a nossa experiência, tanto expressando fatos, ideias e eventos que fazem parte de*

¹⁵ "ASL é um poderoso símbolo de identidade no mundo do surdo, sem dúvida, em parte por causa dos falantes da ASL para encontrar sua identidade em um mundo ouvinte que, tradicionalmente, deprecia a sua língua e nega a sua cultura. A sociolinguística surda Barbara Kannapell, uma pioneira no movimento de Direitos dos Surdos Americanos, escreveu sobre ASL: "É a nossa língua em cada sentido da palavra. Nós a criamos, nós a mantemos viva, e ela mantém a nós e nossas tradições vivas." E ainda: "Rejeitar a ASL é rejeitar a pessoa Surda" (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p.67-68, tradução nossa)

um conjunto de conhecimentos sobre o mundo partilhado por um mesmo grupo.” (MENDES, 2010, p. 75-76).

E ainda, segundo Duranti:

A linguagem está em nós tanto quanto nós estamos na linguagem. Por conectar pessoas ao seu passado, presente e futuro, a linguagem *torna-se* seu passado, presente e futuro. A linguagem não é apenas uma representação de um mundo estabelecido independentemente. A linguagem é também este mundo. Não no sentido simplista de que tudo que nós temos de nosso passado é linguagem, mas no sentido de que nossas memórias são inscritas em representações linguísticas, estórias, anedotas e nomes tanto quanto elas estão contidas em cheiros, sons e modos de expressão do nosso corpo. (DURANTI apud MENDES, 2010, p. 71)

De acordo com as palavras de Mendes (2010), e baseado na citação de Duranti, a língua é a instância na qual nos tornamos humanos e nos inserimos no mundo que nos cerca. *“Então, como posso separá-la do modo como eu penso, atuo e vivo a minha vida?”* (MENDES, 2010, p. 71). Observando ambos os autores, é visível a posição em que a língua é mais do que mero instrumento de comunicação: é elemento vital para o desenvolvimento do surdo, sua identidade e cultura construindo significados. A língua é uma necessidade social, um elo que une e integra os sujeitos em um mesmo mundo, dando acesso à cultura.

A língua, em todas as suas variedades, em todos os modos em que aparece na vida cotidiana, constrói um mundo de significados. Quando você se depara com diferentes significados, quando você se torna consciente dos seus próprios e trabalha para construir uma ponte para outros, 'cultura' é o que você está fazendo [...] a cultura está na linguagem e a linguagem está impregnada de cultura. (AGAR apud MENDES, 2010, p. 75)

Para os surdos uma identidade surda é formada, principalmente, pela identidade linguística e pela identidade cultural, uma vez que a língua de sinais é intrínseca à cultura surda. Embora sejam dois contextos diferentes, em relação à língua de sinais, língua e cultura se integram levando o surdo a

compreender conceitos e situações.

a diferença essencial entre os fenômenos linguísticos e os demais fenômenos culturais é que os primeiros jamais se tornam claramente conscientes, ao passo que os outros, embora possuam a mesma natureza inconsciente, frequentemente se elevam ao nível do pensamento consciente, originando assim raciocínios secundários e reinterpretações. (BOAS apud LÉVI-STRAUSS, 2008, p 34)

Visando a esta compreensão e captação de significados, tem-se que *“a linguagem, então, constitui um dos mais importantes mecanismos sociais, que não somente cria, sustenta, identifica, modifica e perpetua culturas, como também tem o poder de afetá-las e destruí-las.”* (MENDES, 2010, p. 61). Tomando a afirmação de Mendes, a linguagem é um símbolo da identidade e pode modificar esta através do que o sujeito participa.

Language has fundamentally three roles in bonding a group of speakers to one another and to their culture. It is a symbol of social identity, a medium of social interaction, and a store of cultural knowledge. ASL fulfills all these roles in the culture of the DEAF-WORLD.¹⁶(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p.67)

Uma identidade linguística surda irá além da interação cotidiana. Esta identidade terá papel de permitir a compreensão da língua na cultura surda e o papel da cultura na língua de sinais. A luta por manter o *status* linguístico vai além da valorização, alcançando uma permanente multiplicação.

We further describe how, like other minority languages, ASL has struggled for survival and evolved into its present form, despite hearing efforts to eradicate it. Finally, we discuss the roles

¹⁶ “A língua tem fundamentalmente três papéis na ligação de um grupo de falantes a outro e sua cultura. É um símbolo de identidade social, um meio de interação social, e um repositório do conhecimento cultural. ASL preenche todos esses papéis na cultura do mundo do surdo.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p.67, tradução nossa)

of ASL in the culture of the DEAF-WORLD in the United States, roles that mirrors those served by other languages in their respective cultures.¹⁷(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p.43)

Sendo assim, além de uma identidade linguística, expõe-se a identidade do pesquisado e do pesquisador. Embora uma identificação linguística seja mais constante por parte do surdo, as duas outras identidades dependerão da escolha momentânea entre ser pesquisado ou ser pesquisador. É oportuno lembrar que a identificação linguística se apresentará em ambas as identidades, uma vez que a língua de sinais está presente nas duas, como língua de pesquisa e interação.

1.1.2 Identidade educacional

Ingressar em um curso de pós-graduação é para alguns somente parte de um caminho acadêmico; para outros, um complemento ou ainda uma atualização; para os surdos, este ingresso, permanência e formação equivalem a enfrentar mais dificuldades para a valorização da Libras do que a ela se associa.

Por muitos anos a sociedade pensou que a educação do surdo era desnecessária ou somente para mão-de-obra barata. Raros eram os surdos que se formavam no ensino fundamental, resultando na alta taxa de surdos analfabetos e semi-analfabetos. Mais raro ainda era um surdo chegar ao ensino médio ou superior.

A universidade é um espaço novo para os surdos. A postura de acadêmico, a autonomia e o interesse pelo campo de estudo no sentido de formação profissional passam a se consolidar. Quanto às Instituições de Ensino Superior (IES), também é recente o recebimento de alunos surdos, principalmente usuários de Libras. Com isso, os recursos oferecidos ainda são precários.

¹⁷ “Nós ainda descrevemos como, assim como outras línguas minoritárias, a ASL tem lutado pela sobrevivência e evoluiu para sua forma atual, apesar dos esforços dos ouvintes para erradicá-la. Finalmente, discutimos os papéis da ASL na cultura do mundo dos surdos nos Estados Unidos, os papéis estes que serviram de modelo para outros idiomas em suas respectivas culturas.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p.43, tradução nossa)

(ALBRES, 2010, p. 208-209)

O surdo ocorre à universidade por uma necessidade vital? Por que motivo o surdo é sedento de mais e mais? Pelo que e por que o surdo luta? A necessidade faz com que o surdo busque algo além do que tem. Poderíamos enquadrar as aspirações do surdo em algo mais profundo e radical como postula Foucault?

Para o intelectual, o problema político essencial não é criticar os conteúdos ideológicos que estariam vinculados à ciência, ou agir de modo a que sua prática científica se faça acompanhar de uma ideologia justa. É antes saber se é possível constituir uma nova política de verdade. O problema não é mudar a consciência das pessoas ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade. (FOUCAULT, 2009, p. 160)

Esta luta se refere ao que o surdo busca, seja como cidadão, seja como pesquisador, ação que está presente no dia a dia, no ir e vir, na sociedade e, conseqüentemente, no meio acadêmico.

Pensar a educação de surdos, alguns anos atrás, seria julgado uma utopia. E, por isso, alcançar uma titulação de mestre ou doutor era algo desconsiderado para o surdo. Os tempos são outros agora e se têm mestres e doutores surdos formados e outros em formação, realidade agora vivida e absorvida no contato diário com surdos pesquisadores no meio acadêmico¹⁸. Poucos, se comparados com a quantidade de mestres e doutores ouvintes, mas algo que de ilusório passou a ser legítimo e a caminho de uma expansão.

O surdo, por muitas vezes à margem da sociedade e do processo de escolarização, visto numa visão patológica, alça novos voos, os quais, nem tão novos assim, levam-no a conquistar o direito a uma educação de qualidade, buscando praticar o direito de formação e pesquisa para confirmar através destas o direito de expor, sobre si, sua cultura e a Libras.

O ambiente acadêmico demonstra mais do que vemos no

18Até março de 2013 havia oito doutores surdos e nove doutorandos, no Brasil. Quanto aos mestres, aproximadamente trinta e aproximadamente catorze em formação. Não há pesquisas oficiais publicadas sobre o número aproximando de surdos formados em mestrado/doutorado.

cotidiano: é pela participação, presença e interação que o surdo se descobre como parte deste meio. Será no meio acadêmico que o aluno surdo revelará uma identidade educacional, tanto como aluno quanto pesquisador.

É interessante observar que o aluno surdo terá outra percepção de mundo e do ambiente educacional, afinal, *“pessoas diferentes falam de uma maneira diferente, porque pensam diferente, e elas pensam de maneira diferente porque sua língua lhes oferece diferentes maneiras de expressar o mundo a sua volta.”* (KRAMSCH apud DOURADO & POSHAR, 2010, p. 39). Será esta língua diferente, o ver, entender e expressar o mundo de forma diferente que darão ao surdo uma identificação educacional diferente da identidade de um aluno ouvinte?

Em uma identidade educacional de aluno, o surdo levará sua língua para a sala de aula. O ambiente acadêmico deverá ser coerente com essa variedade linguística, uma vez que precisará de intérpretes de língua de sinais para que o aluno acompanhe as aulas, pois muitos professores não são fluentes em língua de sinais. O professor de um aluno surdo na pós-graduação necessita compreender que este aluno irá associar os conteúdos lecionados aos conteúdos de sua própria língua e conceitos. Visa, com isso, comparar conceitos e um melhor entendimento do conteúdo.

O surdo, em sua identidade de aluno, se beneficiará das trocas teóricas, da possibilidade de exposição de temas, adquirindo e aprofundando conceitos e levando-os para a realidade do cotidiano, assim como trazendo desta realidade algo a ser debatido ou contextualizado na sala de aula.

Uma identidade educacional voltada ao perfil de pesquisador acontece quando o aluno surdo, acadêmico em um curso de pós-graduação investiga suas indagações. O surdo pesquisador não foge à regra de pesquisar o que vivencia e dedica suas pesquisas a algo que faça parte do seu mundo de experiências a ele próprio, sua cultura, a Libras, aos estudos linguísticos e literários, às políticas linguísticas, incluindo a inserção da língua de sinais no ambiente educacional e social, ou a contextos relacionados.

O surdo sente a necessidade de mostrar seu ponto de vista, sua experiência e assim comprovar o teor de suas pesquisas. Tal necessidade vem do fato de que a visão do surdo pode ser, e é, diferente da visão do ouvinte no ato de pesquisar e toda e qualquer visão deve ser exposta para que se tenham meios de mudar, interferir ou desmistificar valores e conceitos referentes ao surdo e ao que a ele se refere.

Tem-se assim que a exposição do surdo a fatores diferentes, principalmente educacionais, leva a percepções diferentes sobre o mundo que vivencia e com o qual interage, ou seja:

É tão impossível negar a natureza política do

processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e que o caráter educacional do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado, uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa. (FREIRE apud MENDES, 2010, p. 55)

Atenta-se, assim, para a observação de que a identidade educacional do surdo mescla-se com a identidade linguística e sociocultural. O processo educacional é uma das marcas de desenvolvimento do surdo enquanto aluno, assimilando ensinamentos, e enquanto pesquisador, aprofundando tais ensinamentos e desenvolvendo-os.

1.1.3 Identidade sociocultural

Uma identidade sociocultural irá se referir ao conjunto social e cultural, aos quais se misturam e dos quais se separam, no decorrer do tempo, influências e demais ações vividas pelos sujeitos. Sabe-se que estas mudanças acontecem e permanecem em constante modificação. Assim, as mudanças identitárias acompanham as mudanças comportamentais observadas no sujeito, mudanças baseadas em elementos presentes como a língua e a interação, em várias combinações. Estas combinações acontecerão principalmente entre língua, sociedade e cultura. A sociedade engloba não somente os sujeitos que a ela pertencem, mas suas respectivas línguas e culturas, com suas diferenças, semelhanças ou o que mais for relevante. Segundo Dourado e Poshar (2010), estas diferenças e semelhanças existentes integram um sistema simbólico coletivo:

É da natureza da sociedade expressar-se simbolicamente nos seus costumes e nas instituições; pelo contrário, as condutas individuais normais nunca são simbólicas por si mesmas: elas são os elementos a partir dos quais se constrói um sistema simbólico, que não pode ser senão coletivo. (MAUSS, 2001, p. 15)

É na função comunicativa das línguas de sinais (como qualquer outra língua natural), ao permitir a construção da identidade, que melhor se pode compreender a identidade sociocultural. No entanto, no caso do surdo, nota-

se um conflito entre a comunidade surda e a ouvinte: a sociedade ouvinte invariavelmente, por mais que se fale em alteridade e diversidade cultural, não aceita espontaneamente a cultura surda por desconhecer a língua de sinais. A identidade sociocultural surda tem que ser construída com muito empenho, para não ser proscrita, conforme a citação a seguir:

ASL is also a medium of social interaction in the DEAF-WORLD. This is surely one reason for its power as a symbol of identity. Most Deaf children lack any effective medium of social interaction until they encounter ASL. That encounter not only provides a basis for identifying with the members of a culture, transforming an outcast individual into a participating member of a society, it also enables full and easy communication for the first time.¹⁹(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 68-69)

Na realidade, o que se constata é uma identidade sociocultural surda, construída na base de uma língua comum, a língua dos sinais: “*What are the bondsthatholdDeafpeopletogether?Collectively, they are calledDeafculture.*”²⁰(LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 124). É nessa comunidade sociocultural surda que emerge a identidade individual, que não pode ser esquecida, conforme explica Mauss:

Consequentemente, a noção de facto social está em relação directa com a dupla preocupação, que nos apareceu isolada até este momento, de ligar o social e o individual por um lado, o

¹⁹ “A ASL também é um meio de interação social no mundo dos surdos. Esta é certamente uma das razões para o seu poder como um símbolo de identidade. A maioria das crianças surdas não tem qualquer meio eficaz de interação social, até que elas encontram ASL. Esse encontro, não só fornece uma base para a identificação com os membros de uma cultura, transformando o indivíduo de um membro proscrito em participante de uma sociedade, também permite a comunicação completa e fácil pela primeira vez.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 68-69, tradução nossa)

²⁰ “Quais são as ligações que mantêm as pessoas surdas juntas? Coletivamente, eles são chamados de *Cultura Surda*.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 124)

físico (fisiológico) e o psíquico por outro. Mas compreenderemos melhor a razão de ser desta questão, que é ela mesma dupla: por um lado, é só no tempo de uma série de reduções que estaremos de posse do facto social, o qual compreende: 1º - diferentes modalidades do social (jurídico, econômico, estético, religioso, etc.); 2º - diferentes momentos de uma história individual (nascimento, infância, educação, adolescência, casamento, etc.); 3º - diferentes formas de expressão, desde fenômenos fisiológicos como reflexos, secreções, abrandamentos e acelerações, até categorias inconscientes e representações conscientes, individuais ou coletivas. (MAUSS, 2001, p. 23 e 24)

A identidade sociocultural surda é o elo entre os sujeitos surdos e o mundo em que vive, sendo formada pela língua e demais criações culturais materiais e espirituais e contextos sociais diários, nos quais expressam sua identidade. Em relação à cultura surda pode-se dizer que é *“a part of a society's adaptation to its physical and social environment. Some customs are rather transparent adaptations, while others seem, on the face of it, more arbitrary.”*²¹ (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 72).

Assim como a língua, a identidade sociocultural surda não é algo pronto, estável ou finalizado. É algo que passa por modificações contínuas e só estará consolidada quando constituir um conjunto que incluir conhecimento, arte, lei, costumes e outras habilidades ou atitudes conquistados pelos sujeitos como participantes de uma comunidade. A identidade sociocultural está tanto em relação com o sujeito surdo quanto a identidade histórica abaixo descrita.

1.1.4 Identidade histórica

Os dados de que nos valemos para rastrear a identidade histórica do surdo são as narrativas nas quais relatam o percurso da comunidade para conquistar os seus direitos, luta esta travada no dia-a-dia, bem como o registro destas conquistas, na forma de leis e regimentos, que garantiram o

²¹“Uma parte da adaptação social ao seu ambiente físico e social. Alguns costumes são adaptações bastante transparentes, enquanto outros parecem, no entanto, mais arbitrários.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 72, tradução nossa)

seu acesso gradativo nas instituições educacionais, inclusive na mídia televisiva.

A identidade histórica do surdo é construída, pois, através de sua própria história da realidade cotidiana enquanto indivíduo das conquistas legitimadas pelo coletivo. Afinal, se “*o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade.*” (BLOCH, 2001, p. 54), assim também acontecerá com a identidade histórica do surdo. Se o objeto da história é o próprio sujeito cabe observar e demonstrar os acontecimentos que provocam sua identificação.

Trata-se, de registrar as modificações que levaram a trocas culturais mais profundas, ou seja, “[...] *a obra de uma sociedade que remodela, segundo suas necessidades, o solo em que vive é, todos intuem isso, um fato eminente “histórico”. Assim como as vicissitudes de um poderoso núcleo de trocas.*” (BLOCH, 2001, p. 53)

Uma identidade histórica será revelada através do que é vivenciado pelas pessoas surdas e pela comunidade surda como uma mudança marcante, definido-se comunidade surda como o conjunto de surdos e ouvintes que vivenciam um cotidiano, interagindo entre si e com o mundo. Ter-se-iam, assim, fatos realizados em um contexto social que levariam a uma modificação identitária.

É nessa comunidade que o surdo encontrará um lugar seguro, compartilhando com outros sujeitos surdos códigos semelhantes e um estabelecimento de fronteiras – entre o mundo ouvinte e o mundo surdo. Precisa-se lembrar de que não é somente o surdo que é participante de tal comunidade: ouvintes fluentes ou não em língua de sinais ou familiares, ou ainda os que participam convivendo com surdos também fazem parte da comunidade surda.

A comunidade surda é heterogênea e diversificada. Cada localidade tem características próprias, visto que a cultura não é a mesma em todos os lugares. Em se tratando do surdo, há especificidades que se manifestam na variação linguística e cultural de cada comunidade. É preciso definir e diferenciar comunidade surda de povo surdo.

Comunidade surda é o conjunto de surdos e ouvintes que vivenciam um cotidiano, interagindo entre si e com o mundo. Povo surdo é o conjunto de surdos que utilizam, valorizam e expõem a língua de sinais e a cultura surda, e que tem as mesmas tradições, história e interesses em comum. (STROBEL, 2008, p.31)

A identidade histórica do surdo irá além dos acontecimentos sociais presentes em um determinado momento: deverá captar como os sujeitos participam disto, como interagem, o que perdem, o que ganham, o que reivindicam e como tudo isto marca não somente o momento em que ocorre como também os fatos futuros.

A identidade histórica do surdo será baseada, sobretudo, nos fatos narrados de um surdo a outro surdo por meio da língua de sinais. São essas narrativas que marcam acontecimentos essenciais para a compreensão da importância da língua de sinais, de quem é o surdo, qual sua (s) identidade (s) e como a comunidade surda se revela, *“because a vital part of Deaf culture is stories and the telling of stories (as in any culture where knowledge and tradition are passed down face-to-face)”*²² (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 7)

Desta forma, o passado, o que já aconteceu com a comunidade surda, é fundamental para o desenvolvimento ou ainda a continuação ou início de um desenvolvimento. Não pela questão de saber onde parou um acontecimento, mais sim para saber o que ignorar ou reforçar na argumentação. *“O passado e, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado e uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.”* (BLOCH, 2001, p.75)

Isto porque *“toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção.”* (BLOCH, 2001, p.79). Qual seria a direção tomada pelo surdo? Uma identificação linguística e social para assim buscar e reforçar a necessidade de assegurar seus direitos em uma sociedade. Ter-se-ia uma direção em prol de definir-se identitariamente participante de um meio social e usuário de uma língua de sinais.

A direção tomada pelo surdo é aquela em que se manifestam suas necessidades e possibilidades. Tem-se que *“they are the culture’s oral historians and teachers, and theirs entertainers, and their stories have messages embedded in them about DEAF-WORLD values.”*²³ (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 7)

Alguns dos momentos históricos vividos que levam o surdo a criar uma identidade histórica são leis e decretos a favor da língua de sinais no Brasil, a valorização da língua de sinais através das pesquisas realizadas no meio acadêmico e educacional, a criação de escolas bilíngues para surdos,

²²“Porque uma parte vital da cultura surda são histórias e narração de histórias (como em qualquer cultura onde o conhecimento e a tradição são transmitidas diretamente)” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 7, tradução nossa)

²³“Eles são historiadores e professores da cultura oral, e as suas histórias têm mensagens incorporadas sobre os valores do mundo do surdo.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 7, tradução nossa)

instituição dos intérpretes em sala de aula, a presença de surdos na universidade tanto como alunos quanto professores, entre outros fatores.

A relação entre história e identidade deve-se ao fato de que o surdo faz sua própria história através das reivindicações diárias em prol de seus direitos, através também de suas pesquisas no meio acadêmico, visando a um maior conhecimento e multiplicação de saberes entre a comunidade surda.

Aplicando o que assevera Hobsbawm à identidade histórica, é preciso acompanhar como acontecem as modificações nas comunidades surdas e ouvinte, quando elas interagem. Assim: *“O importante é que a história consiste da interação de entidades sociais diversamente estruturadas (e geograficamente distribuídas), que mutuamente se remodelam.”* (HOBBSAWM, 1998, p. 187)

Como observado há um conjunto de fatores que levam o surdo a possuir uma identidade. Estes fatores misturam-se disponibilizando ao surdo melhores possibilidades de interação e desenvolvimento linguístico, sociocultural e educacional.

Ressalte-se que as identidades citadas não implicam o rótulo de melhores ou piores que outras identidades que um sujeito possa usufruir. Afirmar-se que elas retratam valores e a disposição de luta pelo reconhecimento cultural do surdo, contra o isolamento, e pela interação sociocultural que tais identidades significam. Lembrar-se-á que é a diversidade que move o mundo, mas isso só ocorre se esta diversidade se interligar. A sociedade somente avançará para um reconhecimento identitário se souber respeitar e contribuir para o desenvolvimento de identidades, sejam elas quais forem.

Compreender a identidade é compreender a essência de cada pessoa. É observar as diferenças e semelhanças existentes nela e no grupo ao qual pertence. Identificar-se significa mais do que encontrar essas diferenças e semelhanças: significa descobrir-se como participante de um meio social. As identidades apresentadas aqui correspondem a identidades possíveis em relação ao meio com o qual o surdo interage. E por mais que se tente subestimar as diferenças da pessoa surda, não há como ignorar, afinal, *“the DEAF-WORLD is the one minority that can never be totally assimilated or eradicated.”*²⁴ (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 159)

Analisando o conteúdo das pesquisas e observações, deseja-se ponderar e trazer subsídios para o tema desta tese de forma que estimule mais pesquisas sobre a vivência dos surdos no meio acadêmico.

²⁴“O mundo do surdo é a única minoria que nunca pode ser totalmente assimilada ou erradicada.” (LANE, HOFFMEISTER & BAHAN, 1996, p. 159)

Levando em conta o que foi acima descrito, observa-se que esta tese quer possibilitar um entendimento de como é construída a identidade do surdo pesquisado no ambiente acadêmico e suas contextualizações, isto é, na interação – ou na falta dela – no meio acadêmico.

Com isso as identidades assumidas pelos sujeitos passam a ser vistas como produtos de um desenvolvimento das sociedades inscrito no fluxo de tempo. [...] Assim, o ser humano é inserido em um ambiente repleto de discursos e dispositivos coercitivos que buscam moldar padrões de comportamento e pensamento, ainda que esse processo jamais seja pacífico ou definitivamente consumado. (PAVLOSKI *in* HARMUCH & SALEH, 2012, p. 16)

Para o desenvolvimento dos temas expostos, esta tese se dividirá em quatro capítulos, seguidos das conclusões e perspectivas. No capítulo dois apresenta-se o referencial teórico, subdividido nos seguintes subtópicos: breve histórico sobre a língua de sinais e sobre Libras sobre por que elas devem ser consideradas línguas naturais; a inserção do surdo no meio acadêmico. Neste referencial teórico encontram-se elucidações a propósito das questões aqui levantadas, mesclando-as com posições de outros autores a fim de discutir criticamente diferentes enfoques.

No capítulo três consta a metodologia utilizada nesta tese, expondo a necessidade de uma pesquisa qualitativa e quantitativa a fim de analisar os dados observados e coletados durante a pesquisa. O capítulo quatro trará a análise qualitativa e quantitativa dos dados obtidos de forma a apresentar o que influencia o surdo pesquisador e pesquisado na UFSC e com o que ele se relaciona, levando, assim, à consciência de sua identidade, além de analisar os projetos de pesquisa dos entrevistados.

No capítulo cinco encerra-se esta tese com as conclusões e perspectivas a partir da leitura crítica dos autores compulsados, aplicada à análise dos dados colhidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Constitui-se o assunto desta tese, “A identidade do surdo, pesquisado na pós-graduação em linguística”, a partir de uma realidade linguística, social, cultural e educacional. Iniciar uma pesquisa sobre o tema proposto, a identidade do surdo em cursos de mestrado/doutorado, requer conhecer a língua de sinais e a interação do surdo no ambiente da Pós-Graduação, pois não há possibilidade de separar, linguística e culturalmente, a identidade do surdo da língua de sinais e suas contextualizações, como visto na introdução desta tese.

É preciso saber que uma língua não se refere somente à comunicação ou transmissão de conhecimentos: para o surdo, a língua de sinais equivale a uma parte fundamental dele mesmo. Equivale à naturalidade de ser e estar em um ambiente em que ele possa se identificar, sem precisar requerer seu direito linguístico de usar sua língua natural, a língua de sinais.

Ser e Estar. Ser alguém. Estar num lugar. Pertencer ou não pertencer a um ambiente social e cultural. Ser sujeito dotado da possibilidade de estar, de conviver, de viver. Ser no mundo um alguém único, um ser do mundo; capaz de participar das relações mundanas que observa, cria, renova, anula e constrói.

Na introdução desta tese foram aprofundadas características e contextos essenciais para a caracterização das identidades vivenciadas pelo surdo. Será necessário aprofundar, neste referencial, tais contextos a fim de que se possa refletir sobre a presença e interação do surdo no ambiente acadêmico. Isto porque será este o ambiente investigado, no qual o surdo irá expor tanto sua identidade linguística, quanto sociocultural e educacional.

Após as definições sobre identidade no capítulo anterior, o referencial teórico aprofundará os seguintes subtópicos: breve histórico sobre a língua de sinais e sobre Libras sobre por que elas devem ser consideradas línguas naturais; a inserção do surdo no meio acadêmico.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA LÍNGUA DE SINAIS E SOBRE A LIBRAS E SOBRE POR QUE DEVEM SER CONSIDERADAS LÍNGUAS NATURAIS

Observe-se que para se compreender a identidade do surdo, faz-se necessário conhecer com o que o surdo interage, com quem o surdo se relaciona e como se apresenta e se representa através de sua língua, a língua de sinais. Visto isso, falar uma língua “*não significa apenas expressar nossos pensamentos mais inferiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.*” (HALL, 2006, p. 40). Ativar a gama de

significados demonstra como o surdo irá participar dos diferentes ambientes levando suas percepções e saberes através da língua de sinais.

Para tanto, neste subcapítulo, de forma concisa, se discorrerá sobre a língua de sinais e, especificamente, sobre a Libras, demonstrando por que as línguas de sinais devem ser consideradas línguas naturais e como podem modificar e desenvolver a (s) identidade (s) do surdo.

2.1.1 Breve histórico da língua de sinais e da Libras

Neste breve histórico sobre a língua de sinais e, especificamente, sobre a Libras serão expostas particularidades que devem ser conhecidas a fim de se entender a importância desta língua enquanto língua sociocultural para o surdo, tanto em seu papel de aluno quanto no de pesquisador.

A Libras, também conhecida pelas abreviações LSB (língua de sinais brasileira) e LS (língua de sinais), ou ainda simplesmente como língua de sinais, deve ser compreendida como uma língua como qualquer outra. Assim, no Brasil, o que se compreende como a língua brasileira de sinais (Libras) terá, em outros países, não só suas próprias denominações, mas serão línguas diferentes, com vocabulários e gramáticas próprias, como, por exemplo, em Portugal, onde se chama língua gestual portuguesa (LGP) ou ainda a ASL (American signlanguage).

A língua de sinais é o mais visível e influente traço identitário na construção de uma identidade surda. A Libras, Língua Brasileira de Sinais, nascida da língua de sinais francesa e modificada através do tempo pela comunidade surda do Brasil, é a língua natural da comunidade surda brasileira, uma língua visuoespacial.

A Libras é reconhecida, cientificamente, como um sistema linguístico de comunicação gestual-visual, com estrutura gramatical própria, oriunda das comunidades surdas brasileiras. É uma língua natural, formada por regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias. É uma língua completa, com estrutura independente da língua portuguesa. Além disso, possibilita o desenvolvimento cognitivo dos surdos, favorecendo o acesso destes aos conceitos e conhecimentos existentes. Os usuários da Libras são os surdos, familiares, profissionais da área e todas as pessoas que convivem ou trabalham com surdos ou tenham interesse por utilizar, pesquisar e aprender esta língua. As comunidades surdas do Brasil vêm lutando para

serem respeitadas enquanto minorias linguísticas [...] Temos vários registros da nossa luta pelo reconhecimento da Libras até a conquista de sua regulamentação (FENEIS, 2008).

A Língua Brasileira de Sinais ainda é desconhecida por muitos; algumas pessoas ainda possuem a ideia de que o surdo usa uma linguagem gestualizada que não tem a amplitude nem os conceitos linguísticos. Para muitos, a Libras é uma mímica sem base conceitual, gramatical, sem os pilares em que se baseiam as outras línguas naturais de outras culturas, ideias que devem ser modificadas, em favor da língua de sinais como língua natural.

A língua de sinais, seguindo estas ideias errôneas, serviria apenas para uma comunicação rudimentar e primitiva. Vista assim, a língua de sinais agiria como fator de exclusão dentro da sociedade. Embora a língua de sinais e a língua oral não sejam opostas, mas sim apenas utilizem canais diferentes para transmissão da linguagem, a língua dos ouvintes não é a língua dos surdos, por isso surgem muitos problemas em relação às duas línguas em suas relações cotidianas, opondo-as.

Para alguns surdos, a língua de sinais dá liberdade, enquanto a língua portuguesa prende. A língua de sinais é vista pelos surdos como uma língua maleável, versátil; um espaço múltiplo, aberto; uma língua capaz de exprimir diversas situações. Língua de sinais como *lôcus* de referência teriam as características de língua de instrução, de interação, um direito dos surdos, língua como referência de mundo e de ampliação de conhecimentos. A língua de sinais também é parte essencial da relação do surdo com a família, o trabalho, cultura, aprendizagem, identidade, educação, profissão, comunicação e sociedade.

A língua de sinais é uma língua natural existente na modalidade visuoespacial, ou seja, a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos; assim, tem-se que *“as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e distingue dos demais sistemas de comunicação [...]”* (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.30). E ainda:

Os seres humanos podem utilizar uma língua de acordo com a modalidade de percepção e produção desta: modalidade oral-auditiva (português, francês, inglês, etc.) ou modalidade visuoespacial (língua de sinais brasileira, língua de sinais americana, língua de sinais francesa, etc.). (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 24)

A língua de sinais se insere nos princípios postulados por F. de Saussure:

Língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2002, p. 17).

A língua de sinais tem seus primeiros relatos registrados em 1644, passando a ser mais conhecida em 1760 na França pelas mãos do abade Charles Michel de L'Épée, que *“iniciou o trabalho de instrução formal com duas surdas a partir da Língua de Sinais que se falava pelas ruas de Paris”* (RAMOS, 2011), mas a base científica e sua difusão ocorreram nos Estados Unidos:

Foi só a partir do trabalho pioneiro do linguista William Stokoe (1960), que deu início à descrição da gramática da língua de sinais americana (*American SignLanguage- ASL*), que as línguas de sinais deixaram de ser vistas como meras representações gestuais das línguas orais dos países em que são usadas, e passaram a ser reconhecidas como línguas naturais, possibilitando, assim, que muitos trabalhos sobre elas surgissem em todo o mundo. A descrição feita por Stokoe não foi só o início da transformação da visão sobre as línguas de sinais serem objeto de estudo da linguística, mas também o início da real ampliação do objeto de estudo dessa ciência e, conseqüentemente, de um entendimento maior do que são as línguas humanas. Desde o trabalho de Stokoe, pesquisadores das mais variadas línguas sinalizadas vêm se empenhando em mostrar que as línguas de sinais possuem uma gramática bem estruturada e que podem ser analisadas em todos os níveis linguísticos: do fonético ao discursivo. Além disso, os estudiosos vêm salientando o fato de as línguas de sinais serem sistemas linguísticos ou relações simbólicas visual-espaciais: o

significante de seus signos não são imagens mentais acústicas, mas visuais, e os signos e os enunciados dessas línguas são construídos no espaço físico, diante dos nossos olhos. Apesar de mostrar que as línguas sinalizadas são naturais, a maior parte dos estudos sobre as línguas de sinais, até recentemente, tinha como um de seus objetivos principais encontrar semelhanças gramaticais e discursivas entre as línguas orais e as línguas de sinais. Esses trabalhos têm apresentado evidências nas línguas de sinais para hipóteses de caracterização da língua humana levantada a partir da observação e da descrição das línguas orais. A idéia era a de que, assim, seria mais fácil provar que as línguas de sinais são de fato línguas naturais. (MOREIRA, 2007, p. 15-16)

Conforme Moreira (2007) e Sacks (1998), o primeiro linguista a pesquisar e, portanto, a dar *status* linguístico a uma língua de sinais foi Willian Stokoe por volta de 1960, levando a um melhor entendimento do que era a língua de sinais e como se organizava a estrutura desta língua:

[...] Stokoe convenceu-se de que os sinais *não* eram figuras, e sim complexos simbólicos abstratos com uma estrutura interna complexa. Foi, então, o primeiro a buscar uma estrutura, analisar os sinais, dissecá-los, procurar as partes constituintes. Desde o começo ele tentou demonstrar que cada sinal possuía pelo menos três partes independentes – localização, configuração de mãos e movimento executado (análogas aos fonemas da fala) – e que cada parte apresentava um número limitado de combinações. (SACKS, 1998, p. 89)

Stokoe, ao propor uma estruturação da língua de sinais, fez valer a necessidade de apresentar a língua de sinais enquanto língua dotada de estruturação gramatical como qualquer língua oral. Stokoe em 1960 inicia o processo de conquista do *status* linguístico das línguas de sinais.

Para marcar a diferença entre as línguas de sinais e as orais, Stokoe propôs o termo *quirema* ao conjunto destas três unidades formacionais dos sinais (movimento, configuração de mão e locação). É preciso lembrar que tal termo foi usado no início das pesquisas por Stokoe e o mesmo autor posteriormente descartou o termo, substituindo-o pelos termos fonema e

fonologia a fim de equiparar a linguística da língua de sinais com a linguística da língua oral.

Outros pesquisadores, incluindo Stokoe em estudo posterior (1978), têm utilizado os termos ‘fonema’ e ‘fonologia’, estendendo seus significados de modo a abarcar a realização linguística visual-espacial. O argumento da utilização desses termos é o de que as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre a fala e o sinal. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 48)

Após Stokoe, outros pesquisadores surgiram e ampliaram as pesquisas sobre as línguas de sinais, como, por exemplo, os citados por Quadros & Karnopp (2004): Stokoe, Bellugi e Klima, Liddell, Lillo-Martin são exemplos clássicos de pesquisas da língua de sinais americana que trazem evidências da existência de todos os níveis de análise dessa língua. Karnopp, Quadro, Ferreira Brito -Langevin e Felipe pesquisaram a Libras.

Interessante observar o que Lopes (2007) cita que somente em 1984 a UNESCO²⁵ declarou que as línguas de sinais deveriam ser reconhecidas como um sistema linguístico e em 1987 a Federação Mundial dos Surdos adotou a primeira resolução sobre as línguas de sinais.

O sistema estrutural proposto por ele foi acrescido de mais dois aspectos (orientação de mão e expressões facio-corporais) por volta de 1974/1978 (QUADROS & KARNOPP, 2004), chamados de fonemas, como dito acima e esse sistema passou a ser conhecido como parâmetros fonológicos. Portanto:

Assim como as línguas orais apresentam unidades menores do sistema de sons, a língua de sinais apresenta um conjunto de unidades menores que são compostas pelas configurações de mãos, pelas locações e pelos movimentos. As características das unidades mínimas das línguas faladas são de natureza acústico-sonora. Um som é considerado fonêmico nas línguas orais quando sua substituição em um léxico causa uma mudança de significado: [ˈfak], [ˈfal]. Nas línguas de sinais, as características das unidades mínimas dos sinais

²⁵ UNESCO - Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

são espaciais. Dessa forma, os fonemas da Língua Brasileira de Sinais são estruturados simultaneamente no espaço de sinalização, assim, as unidades mínimas das línguas sinalizadas se organizam a partir dos parâmetros fonológicos de Configuração de Mãos (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), O (Orientação), ENM (Expressão não-manual). Logo, a principal diferença estabelecida entre as línguas orais e as línguas de sinais é a presença linear entre os fonemas das línguas orais e a ausência nas línguas de sinais, pois os fonemas das línguas visuoespaciais são articulados simultaneamente e sequencialmente. (BENTO, 2010, p. 38)

Sobre os parâmetros fonológicos referidos acima pode explicitar que tais parâmetros se dividem em: configuração de mão, movimento, locação, orientação de mão e expressão não-manuais. Quanto aos traços fonológicos, se caracterizam por representarem uma unidade mínima na constituição de uma palavra.

Ferreira (2010) completa sobre a língua de sinais que, sendo esta uma língua multidimensional, os parâmetros podem ser alterados para a obtenção de modulações aspectuais, incorporação de informações gramaticais, lexicais, quantitativas, negação e tempo.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), sendo a configuração de mão, locação e movimento unidades mínimas (fonemas) constituindo morfemas nas línguas orais, estas unidades começam a prevalecer e apontam a diferença ente a língua oral (presença de uma ordem linear) e a língua de sinais (fonemas articulados simultaneamente). Assim, observa-se a sequencialidade nas línguas orais e a simultaneidade nas línguas de sinais. Entretanto, de acordo com Ferreira (2010):

Entre as diferenças existentes entre as línguas orais [...] e as línguas de sinais, salientamos a ordem sequencial linear da fala e a simultaneidade dos parâmetros na constituição dos sinais, assim como a simultaneidade de sinais na formação de várias orações das línguas de sinais. Obviamente, apesar de se passar em espaço multidimensional, as línguas gestuais-visuais também fazem uso da linearidade temporal. Por outro lado, as línguas orais nem sempre são exclusivamente unidimensionais. Por exemplo, no caso da



Figura 3²⁸

O parâmetro de movimento na língua de sinais é um parâmetro complexo que pode envolver uma rede de direções, formas, movimentos internos, de mão, de pulso, movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos no mesmo sinal (FERREIRA, 2010); é preciso haver objeto e espaço para se ter o movimento. As mudanças de movimentos distinguem mudanças lexicais para diferenciar algo no espaço referente ao objeto.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as mãos do enunciador, nas línguas de sinais, são o objeto, e o espaço onde o movimento se realizará (espaço da enunciação) é a área em torno do corpo enunciador. Abaixo a tabela com as categorias deste parâmetro.

²⁸FELIPE, Tania. Dicionário de Libras, 2005. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/index.swf>.

Categorias do parâmetro movimento na Libras (FERREIRA BRITO e LANGEVIN, 2010)

<i>TIPO</i>	<i>DIRECIONALIDADE</i>	<i>MANEIRA</i>	<i>FREQÜÊNCIA</i>
<p>Contorno ou forma geométrica</p> <ul style="list-style-type: none"> - retilíneo - helicoidal - circular - semicircular - sinuoso - angular - pontual <p>Interação</p> <ul style="list-style-type: none"> - alternado - de aproximação - de separação - de inserção - cruzado <p>Contato</p> <ul style="list-style-type: none"> - de ligação - de agarrar - de deslizamento <p>De toque (início, final, duplo)</p> <ul style="list-style-type: none"> - de esfregar - de riscar -de escovar ou pincelar <p>Torcedura de pulso</p> <ul style="list-style-type: none"> - rotação (p/ dir. e esq.) - com refreamento (p/ 	<p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> - unidirecional (para cima) (para baixo) (para direita) (para esquerda) (para dentro) (para fora) (para o centro) (para lateral inferior esquerda) (para lateral inferior direita) (para lateral superior esquerda) (para lateral superior direita) (para específico ponto referencial) <p>- bidirecional (para cima e baixo)</p> <p>(para esquerda e direita)</p> <p>(para dentro e fora)</p> <p>(para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda)</p> <p>- multidirecional</p> <p>Não-direcional</p>	<p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - contínuo - de retenção - refreado 	<p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> -simples -repetido

direita ou p/ esquerda) Dobramento do pulso - para cima (‘supinate’) - para baixo (‘pronate’) Interno das mãos - abertura simultânea/ gradativa - fechamento simultâneo/ gradativo - curvamento simultâneo./ alternado -dobramento simultâneo./alte rnado			
--	--	--	--

Tabela de parâmetro movimento²⁹

As locações de mão(ou ponto de articulação) são definidas pelo espaço em frente ao corpo ou no próprio corpo onde se articula o sinal (FERREIRA, 2010). Os pontos de articulação podem ser na cabeça, troco ou no espaço neutro em frente ao corpo. Define-se também como a área no corpo ou espaço na qual o sinal é articulado. Como exemplo a figura abaixo:

²⁹ QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 56.

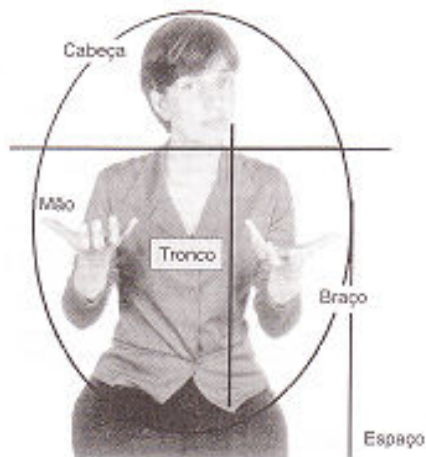


Figura 4³⁰

As locações podem ser divididas em quatro regiões como abaixo expostas na tabela. Leva-se em conta que cada sinal tenha um ponto de articulação específico mesmo que ocorra movimento de direção.

Locações na Libras (FERREIRA BRITO e LANGEVIN, 2010)³¹				
<i>Cabeça</i>	<i>Tronco</i>	<i>Braços</i>	<i>Mão</i>	<i>Espaço neutro</i>
Topo da cabeça	Pescoço	Braço	Palma	
Testa	Ombro	Antebraço	Costas das mãos	
Rosto	Busto	Cotovelo	Lado do indicador	
Parte superior do rosto	Estômago	Pulso	Lado do dedo mínimo	
Parte inferior do rosto	Cintura		Dedos	
Orelha			Ponta dos dedos	
Olhos			Dedo mínimo	
Nariz				
Boca				

³⁰ QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 57.

³¹ QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 58.

Bochechas Queixo			Anular Dedo médio Indicador Polegar	
---------------------	--	--	--	--

A orientação de mão é referente à posição em que se encontra a palma. A orientação de mão pode colocar a palma para cima ou para baixo, para dentro ou para fora ou para os lados dependendo do sinal a ser produzido. Pode haver mudança de orientação durante o movimento (FERRREIRA, 2010). A seguir constam seis tipos de orientação da palma da mão na língua de sinais.





Figura 6³²

As expressões não-manuais (também chamadas de expressões facio-corporais) são definidas como os movimentos da face, dos olhos, da cabeça e do tronco e são marcações sintáticas e diferenciações lexicais. É uma forma de referência específica da língua de sinais. Se na língua portuguesa há entonação, nasalização e características de produção de fonemas, a expressão facio-corporal na língua de sinais tem essa função de reproduzir expressões de concordância, topicalização, relações, interrogações, negações, etc.

Expressões não-manuais na Libras (FERREIRA BRITO e LANGEVIN, 2010)

Rosto

Parte superior

- sobrelhas franzidas
- olhos arregalados

³² QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 59-60.

<ul style="list-style-type: none"> • lance de olhos • sobrancelhas levantadas <p>Parte Inferior</p> <ul style="list-style-type: none"> • bochechas infladas • bochechas contraídas • lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas • correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha • apenas bochecha inflada • contração do lábio superior • franzir nariz
<p><i>Cabeça</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • balanceamento para frente e para trás (sim) • balanceamento para os lados (não) • inclinação para a frente • inclinação para o lado • inclinação para trás
<p><i>Rosto e cabeça</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas • cabeça projetada para trás e olhos arregalados
<p><i>Tronco</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • para frente • para trás • balanceamento alternado dos ombros • balanceamento simultâneo dos ombros • balanceamento de um único ombro

Tabela de expressão não-manuais³³

Mesmo com todas as diferenças linguísticas, há princípios linguísticos compartilhados entre línguas de sinais e língua orais, apesar das especificidades de cada língua, como restrições devidas à modalidade de percepção e produção.

A noção de traços distintivos nas línguas de sinais dá-se no sentido que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos, que formam uma locação, um movimento e uma configuração de mão e que, por sua vez entram na

³³ QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 61

formação de itens lexicais. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 62)

A identificação de traços distintivos nos sinais visa a atingir o mesmo nível de adequação descritiva atualmente disponível para línguas orais. O modelo de traços distintivos (FERREIRA BRITO apud QUADROS & KARNOPP, 2004) para a língua de sinais, apresenta 12 traços para a análise de configurações de mão: [compacta], [aberta], [ulnar], [cheia], [côncava], [dual], [indicadora], [radial], [toque], [separada], [cruzada] e [dobrada]. Como exemplo a figura 8:

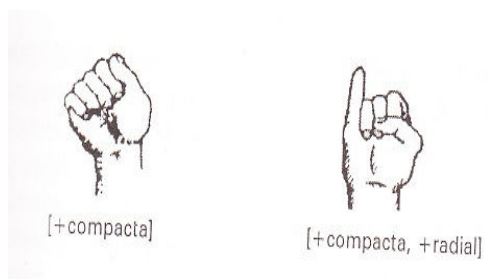


Figura 7³⁴

Os traços fonológicos da Librasnada deixam a desejar se comparados aos traços fonológicos da língua oral. É necessário observar, no entanto, a diferença entre a língua oral e a visuoespacial, pois possuem duas modalidades, dos canais diferentes de entrada e saída dos sinais. Citando Bento (2010), ainda sobre a estrutura gramatical da língua de sinais:

Nas línguas de sinais, os sinais são os significantes. E sendo essas línguas verbais, a literatura atual as trata neste contexto, por isso temos o termo “fonologia” da língua de sinais. Na verdade, tanto o significante quanto o significado são abstratos. O significante não pode ser confundido com a realização concreta dos sons ou gestos. Ao se pensar no signo ZOOLOGICO da Língua Brasileira de Sinais, não é relevante se o sinalizante realiza o sinal mais rapidamente ou de forma mais lenta; ou se o sinalizante deixa os dedos das mãos um pouco mais fechados e tensos ou mais abertos e relaxados e os braços formam 70° ou se formam

³⁴ QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 63.

85º; etc., tudo isso são detalhes fonéticos (da realização concreta do sinal), mas o que é apreendido pela mente são os detalhes fonológicos (a realização psíquica do sinal ZOOLOGICO). Tendo em vista que o significante não é a realização concreta do signo (mas sim uma representação mental abstrata), o conceito de significante ou signo pode se aplicar à língua oral ou à língua de sinais. Trata-se de um fenômeno psíquico, que se realiza por meio de mais do que uma modalidade (sonora ou gestual). (BENTO, 2010, p. 29)

No Brasil, em 1857, a língua de sinais passa a ser ensinada aos surdos na instituição hoje conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), mas somente em 2002 teve reconhecimento oficial, através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência

auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002)

A Librasé hoje reconhecida como língua não só pela lei acima exposta, mas sim por ter toda a estrutura e contextualização necessárias às atividades que a ela correspondem como interação, comunicação e trocas sociais. Pode-se compreender sobre esta estrutura e contexto que, como língua visuoespacial, a língua de sinais é:

Como uma língua percebida pelos olhos, a língua brasileira de sinais apresenta algumas peculiaridades que são normalmente pouco conhecidas pelos profissionais. Perguntas sobre os níveis de análises, tais como, a fonologia, a semântica, a morfologia e a sintaxe são muitos comuns, uma vez que as línguas de sinais são expressas sem som e no espaço. Porém, as pesquisas de várias línguas de sinais, como a língua de sinais americana e a língua brasileira de sinais, mostraram que tais línguas são muito complexas e apresentam todos os níveis de análises da linguística tradicional. A diferença básica está no canal em que tais línguas expressam-se para estruturar a língua, um canal essencialmente visual. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.20)

Considera-se a Libras, portanto, uma língua de libertação do surdo, libertação para se expressar, para ir e vir, uma língua regida por regras gramaticais - e mutável em suas variações sociolinguísticas. Dir-se-ia até uma língua polivalente, versátil, capaz de mostrar nuances diferentes de uma língua oral. Como? Através do visual. A Libras é uma língua rica de elementos visuoespaciais.

Ter a língua de sinais como língua do surdo, como elemento firmador de uma identidade e ter esta mesma língua como característica

influenciadora de outras possíveis e reais identidades leva a necessidade de afirmar a língua de sinais como língua natural, o que será visto a seguir.

2.1.2 Por que a língua de sinais deve ser considerada língua natural

É importante lembrar que a língua de sinais é mais do que mera língua: é parte essencial da vivência do surdo. E, por conseguinte, deve ser aceita como língua natural do surdo, língua que precisa ser disponibilizada no meio socioeducacional.

Para considerar a Libras como língua natural, é preciso que se diferencie língua e linguagem, diferença que, no inglês está contida numa só palavra: *language*, em inglês, Segundo Quadros & Karnopp (2004), as pessoas usam a palavra linguagem para especificar vários sentidos como linguagem corporal, musical e outras possibilidades. Embora relacionadas, o termo linguagem seria mais abrangente do que o termo língua, sendo este mais específico.

Ao compreender e valorizar a Libras, o meio acadêmico põe em xeque o que se tinha por verdade – a existência de somente uma língua válida, a língua portuguesa – dando espaço através da Libras aos surdos e suas pesquisas culturais, linguísticas e socioeducacionais. Porém, apesar das mudanças visíveis, o velho persiste – seja em metodologia ou em professores que ainda resistem em ceder espaço a novas pesquisas e/ou a novos pesquisadores.

Quando se refere a uma língua como válida, deseja-se especificar-lhe a existência do *status* linguístico em uma língua de uso contínuo no meio social e educacional, uma vez que uma língua seja considerada de mais valor do que a outra em virtude da política linguística. Assim, observa-se que o português brasileiro é colocado em um patamar superior ao de Libras até mesmo ao de outra língua estrangeira.

A Libras, por conseguinte, terá valor de língua de interação, comunicação e troca de informação uma vez que por meio dela o surdo colocará ao mundo quem ele é, qual sua cultura e seus saberes linguísticos, entre outras possibilidades. Tem-se assim a língua de sinais como língua visuoespacial que dá ao surdo a possibilidade de expandir horizontes e perceber a diversidade do mundo que o rodeia.

A língua de sinais é uma língua natural com características gramaticais tanto quanto outra língua oral possuindo flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural. (QUADROS & KARNOOP, 2004).

Uma língua natural é flexível e leva o surdo a aprender, ampliando o próprio conhecimento. Tem-se assim a necessidade de entender a Libras como língua do surdo, como língua de conhecimento, de informação,

de pesquisa, de interação e de trocas (recepção e multiplicação) culturais e identitárias. Trata-se, assim, de uma língua natural, como as demais línguas de sinais:

Não há, portanto, nenhum problema (nem impedimento teórico), para aqueles que são seguidores das ideias de Saussure sobre a língua, em considerar as línguas de sinais também um conjunto de signos convencionais, uma instituição social, uma *langue* e tão naturais quanto às línguas orais. Mas não foi isso que aconteceu. As diferentes teorias linguísticas, que partiram ou não de Saussure, tiveram algo em comum: por muito tempo, seu objeto de estudo foi só as línguas orais. (MOREIRA, 2007, p. 14)

A realidade, ainda segundo Moreira (2007), é que a linguística ignorou, por muitos anos, o fato de as línguas sinalizadas emergirem naturalmente, como qualquer outra língua natural, em comunidades de surdos, e de serem línguas estruturadas, apresentando uma gramática, sinais com uma estrutura fonético-fonológica, morfológica, sintática, e características discursivas e pragmáticas como qualquer outra língua de modalidade oral.

Desta forma a língua de sinais é uma língua natural por apresentar-se como língua desenvolvida pelos surdos como resultado da possibilidade da existência de uma língua de uso comum. A língua de sinais é uma língua natural por possuir as estruturas gramaticais descritas anteriormente. Observa-se ainda que a língua de sinais possui, tal como uma língua natural, desenvolvimento linguístico contínuo.

Como visto, a Libras foi reconhecida recentemente no Brasil após mais de vinte anos de luta para esse reconhecimento³⁵. Porém, apesar desta vitória, persistem dois gravíssimos problemas: a falta de valorização da língua de sinais na sociedade e a dificuldade de acesso à informação pelo surdo.

Apesar do reconhecimento da língua de sinais, a falta de informação é o mais grave e o mais delicado dos problemas: o surdo ainda não está inserido, totalmente, na sociedade da informação. Eis por que se propõe

35Os mais de vinte anos de luta se revelam a partir do começo do movimento pela valorização e oficialização da Libras. Embora esse tempo seja contado até o ano de 2002 com a Lei de Libras, a luta pela valorização no meio acadêmico e social permanece válida, visto que ainda há muito a ser feito.

investigar como o surdo se vê e é visto no meio acadêmico, para começar a explicar quais são os principais obstáculos a sua inserção na sociedade da informação e como pesquisador na pós-graduação.

A UFSC, local da pesquisa realizada, disponibiliza esta possibilidade de superar obstáculos à informação nos cursos de mestrado e doutorado, dando ao surdo a chance de estar em um ambiente que propicia mostrar sua identidade socioeducacional e linguística, através da presença da língua de sinais neste ambiente e de estratégias, associações de conteúdos e disponibilidade dos professores para com a língua de sinais e seus usuários.

A fim de se acompanhar o desenrolar desta tese, é imprescindível analisar a Libras no meio acadêmico e, por conseguinte, a inserção e interação do surdo neste meio, e enfatizar algumas afirmações para assim poder dar sequência ao que aqui se pretende.

2.2 A INSERÇÃO E A INTERAÇÃO DO SURDO NO MEIO ACADÊMICO

2.2.1 Inserção do surdo no meio acadêmico

Ingrossar em um curso de Pós-Graduação é para alguns somente parte de um caminho acadêmico; para outros, um complemento ou ainda uma atualização; para os surdos, este ingresso, permanência e formação equivalem a enfrentar mais dificuldades para a valorização da Libras do que a ela se associa.

Entretanto, como em toda caminhada, a trajetória do surdo não foi – e não é – fácil, o que pode ser observado na fala de Galeano, quando se refere ao futuro, ao desejo de algo que está mais à frente, porém, visível aos olhos: *“Se ela está no horizonte e caminha como eu caminho e jamais a alcançarei? A utopia serve para caminhar”* (GALEANO apud ENRIGONE, 2008, p. 28): esta utopia existiu até dado momento quando a formação acadêmica deixou de ser algo imaginado para ser parte do cotidiano do surdo.

Quando se fala que a trajetória educacional do surdo não é favorável, refere-se à falta de estratégias de ensino, de um ambiente favorável à língua de sinais, de interação, da presença de intérpretes de língua de sinais e de profissionais capacitados a fim de lecionar ao surdo respeitando sua língua e cultura.

Considerar a educação uma via de mão dupla é afirmar que o que se dá, se recebe; e tanto ensinar quanto aprender não são unilaterais. O real aprendizado só acontece com e diante do outro. No meio educacional *“[...] encontramos a importância da ‘interação com o outro e a colaboração entre os pares’ para a ‘internalização’, ‘como construção interna de uma operação externa’.*” (FARIA in ENRIGONE, 2008, p. 82). Só através da

interação pode-se ter uma profunda relação de ensino-aprendizagem.

A luta por direitos, enfaticamente, direito a uma educação de qualidade e ao respeito linguístico, não é recente, mas os direitos, dados aos poucos, são recentes: são anos de um percurso de lutas e de conquistas que o precedem. A questão é que nem sempre se tem o que se deseja, porém, quanto mais se reivindica, mais se consegue conforme aconteceu quando a Lei de Libras reconheceu a língua de sinais como a língua natural do surdo. O surdo e a língua de sinais saem da margem com este reconhecimento linguístico e passam a um patamar de detentores da segunda língua oficial do país. Como pode ser visto no fragmento abaixo da lei de Libras:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras - a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Pensar a educação de surdos, alguns anos atrás, seria julgado uma utopia, como dito acima, e, por isso, alcançar uma titulação de mestre ou doutor era algo distante da realidade educacional do aluno surdo. Os tempos são outros agora e se têm mestres e doutores surdos formados e outros em formação, realidade agora vivida e absorvida no contato diário com surdos pesquisadores no meio acadêmico. Poucos, se comparados com a quantidade de mestres e doutores ouvintes, mas algo que de sonhado passou a ser legítimo e a caminho de uma contínua expansão.

É preciso lembrar que *“as certezas dependerão de concepções assumidas de pessoa, educação, aprendizagem, ensino e do valor que a elas damos”* (ENRICONE, 2008, p. 7), certezas observadas na valorização das pesquisas sobre língua de sinais, pela busca de uma educação de surdos com qualidade; ações que desencadeiam uma sequência de reações acadêmicas como a presença de surdos na universidade, a procura por material que os auxilie, a presença de intérpretes de Libras, além de outras consequências positivas.

Estes surdos acadêmicos que vivenciam cotidianamente a interação do meio acadêmico, na prática, comprovaram-na com a teoria. Juntas as duas trarão por consequência o ampliar de contextos ligados à valorização

da língua de sinais, da educação dos surdos, etc.

Não adianta querer isolar-se da Libras dizer que ela não tem valor; não adianta tentar fugir disso. A língua de sinais está cada vez mais presente no meio acadêmico, assim como os surdos participantes deste meio. Não há como esconder ou evitar, é parte do dia a dia, é parte das novas vertentes educacionais, impostas ou não. O que pode ser visto em:

A universidade não pode ser concebida isolada dos problemas vividos pela sociedade e a construção da identidade de seus docentes está vinculada ao cenário mais amplo em que ela se insere [...]. Para os educadores, a formação da pessoa, com conhecimento de si mesma e do contexto, natureza, sociedade e cultura herdada, continua sendo a tarefa prioritária da universidade e pede o compromisso de todos os que nela atuam. [...]. (ENRICONE, 2008, p.12)

A universidade como parte do caminho para a construção social e linguística deve pensar em como a diversidade reflete as novas possibilidades, ou, nas palavras de Fischer:

Pensar é exercitar um modo de vida, estudar e viver a própria vida presente. Desta forma, nossas investigações sobre problemas educacionais serão tão mais instigadoras a que nosso leitor se mobilize ele também a pensar diferente do que pensava, quanto mais estivermos efetivamente falando deste presente que muitas vezes açoita-nos, marca-nos, atormenta-nos e instiga. (FISCHER in COSTA, 2007, p. 69)

Esta inserção do surdo no meio acadêmico é vista como uma marca presente. A participação do surdo neste meio eleva sua identidade educacional, tornando necessários uma movimentação e um desenvolvimento em prol das novas políticas educacionais.

Para muitos seria mais fácil deixar o surdo à margem do processo educacional e impor-lhe algo que por muitas vezes não seria – e/ou não é – sua necessidade, ou ainda excluí-lo do que ele realmente queria ou precisava. Sendo assim, muitos surdos ainda não conseguem ingressar em uma pós-graduação ou mesmo graduação pela falta de conhecimento da universidade, ausência de intérpretes ou ainda de desinformação sobre a língua de sinais por parte do corpo docente.

O meio acadêmico, para inserir o surdo na Universidade, ainda

necessita modificar suas concepções e práticas: avançar implica a necessidade de mudança de concepções e dos elementos do cotidiano para que o surdo tenha as mesmas chances que qualquer outro aluno em relação a sua presença e participação no ambiente acadêmico, conforme os preceitos de Freire:

A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta (FREIRE, 1996, p. 93).

É uma esperança de prosseguir com melhorias na educação dos surdos. É preciso, também, utilizar a dúvida sobre se o que se tem é suficiente ou se é preciso ir além: a inquietação sobre o novo, sobre o diferente, para a renovação constante é fundamental. É preciso a aceitação da Libras quanto língua, tanto gramatical quanto socialmente e do surdo em interação e inter-relação.

Todos esses aspectos estão interligados e nada deve ser deixado de lado, à margem; é a interação entre o mundo e as realizações pessoais que formam os sujeitos pertencentes à esfera acadêmica e social, como se pode inferir do que Stobäus & Mosquera revelam:

Podemos ainda dizer que o organismo é todo integrado, com tendências dinâmicas à auto-realização, portanto é tão importante relacionar a auto-imagem à auto-estima e à realização pessoal do ser humano, numa dialética dinâmica integradora (MOSQUERA & STOBÄUS, 2008, p. 115).

Portanto a inserção do surdo no ambiente acadêmico é fundamental para o desenvolvimento da pessoa surda em termos educacionais, linguísticos e socioculturais. Inserir o surdo no meio acadêmico não se trata somente de abrir vagas no quadro de alunos, mas sim colocar em prática os necessários aspectos linguísticos e culturais relacionados a estes acadêmicos. Desta forma, o surdo será realmente inserido e conseguirá interagir neste meio e com os demais participantes, interação que será exposta a seguir.

2.2.2 A interação do surdo no meio acadêmico

O surdo, durante muito tempo à margem da sociedade e do processo

de escolarização, visto numa visão patológica, dela emerge, ao ter seus direitos assegurados e passa a usufruir do acesso a uma educação de qualidade, buscando completar sua formação como educador e pesquisador e, assim, poder afirmar sua identidade, sua cultura e a Libras.

A Libras é vista como presente no contexto social por uma cada vez maior necessidade de conhecê-la, bem como das variadas pesquisas a ela vinculadas. Com tais argumentos, a língua de sinais é vista como uma das muitas línguas naturais presentes no meio acadêmico.

As pesquisas vinculadas à língua de sinais têm como referência assuntos como a linguística da língua de sinais, a cultura surda, a identidade surda, o ambiente socioeducacional, a tradução e a interpretação da Libras e os fatores psicossociais do surdo, temas diretamente relacionados ao cotidiano do surdo tanto no meio social quanto no meio acadêmico.

É pela interação social e linguística que o surdo irá transformar os saberes adquiridos em práticas e pesquisas. A interação da pessoa surda no meio acadêmico está essencialmente vinculada à presença da língua de sinais. Sem a presença desta língua no meio acadêmico, a interação seria impossível, em virtude da dificuldade da comunicação.

Tal interação no ambiente acadêmico se manifesta através de Libras, com a qual o surdo pode exteriorizar a sua identidade individual, social e histórica, suas aspirações e sentimentos de querer pertencer à comunidade como um todo, bem como a forma como referencia suas experiências, principalmente, utilizando-se de narrativas. O surdo, assim, deseja mostrar sua identidade de membro de um grupo social e linguístico, de participante de um processo educacional e de pesquisador na pós-graduação.

Com o avanço acadêmico do surdo e a persistência de muitos deles, alguns conseguiram cursar - ou cursam - o mestrado/doutorado. Assim, podem dedicar-se a pesquisas em prol do desenvolvimento e valorização da língua de sinais e da cultura surda, apoiando-se nisto para conquistar as reivindicações da comunidade surda.

A valorização da língua de sinais é parte de uma defesa ardente e contínua e parte da interação. A busca e a luta pela derrubada de barreiras socioeducacionais e linguísticas são parte desta trajetória e caracterizam o pesquisador surdo como um intelectual específico, conforme a citação de Gros (2004), que aplica seus conhecimentos para uma crítica pontual:

Na visão de Foucault [...] o intelectual específico, que age segundo outra relação entre teoria e prática. O intelectual específico possui certo número de conhecimentos, que põe em ação de maneira imediata, para operar uma crítica determinada, em um campo que recobre suas competências, sobre um ponto específico. (GROS,

2004, p. 41)

As competências específicas do surdo são fruto de suas experiências cotidianas na construção de sua identidade individual e como comunidade que luta pelos espaços para integrar-se no mundo contemporâneo, sendo o mais importante, o espaço educacional, no qual a interação acontece pelo convívio do surdo com o outro ouvinte: colegas, professores, intérpretes e demais participantes, no caso da presente pesquisa, da pós-graduação.

Busca-se, nesta pesquisa, compreender como a identidade do surdo é consolidada, quando tem a chance de entrar em um curso de mestrado/doutorado e no processo de se tornar pesquisador, transforma a realidade com suas práticas. Coloca-se, assim, o surdo como *“um sujeito vivente, não-abstrato. Um sujeito capaz de aprender, inventar e criar ‘em’ e ‘durante’ o seu caminho.”* (MORIN, CIURANA & MOTTA, 2003, p. 18)

No entanto, conforme verificaremos através dos depoimentos, mesmo com uma visível interação, mestrandos e doutorandos surdos ainda se sentem desconhecidos neste meio, apesar de já participarem dele há mais de, aproximadamente, duas décadas. A pouca valorização se apresenta também em poucos livros com teorias publicados por surdos sobre suas pesquisas. Grande parte das publicações ainda se concentra nas mãos de pesquisadores ouvintes, em virtude, em grande parte, de dois fatores: a falta de uma estrutura editorial que sustente as publicações em *signwriting* e o domínio ainda insuficiente, por parte do pesquisador surdo, do registro científico escrito no PB.

Quando o surdo ingressa no meio acadêmico, evidentemente, ele não ficará neutro e colocará em prática a interação essencial ao ambiente acadêmico. O surdo está ali por uma causa e esta é visível a todos. Contudo, o surdo sabe que não é fácil romper barreiras e resistências sempre existirão, conforme assinala Sánchez:

Mesmo sabendo que não há reformas sem resistências, pois toda mudança é dolorosa na medida em que obriga a deixar a comunidade do conhecido para aventurar-se no terreno incerto do novo. (SÁNCHEZ, 2009, p. 16)

Um dos obstáculos observados à interação do surdo no meio acadêmico é o controle linguístico caracterizado pela falta de comunicação e pela dificuldade no uso de duas ou mais línguas, tanto para o surdo como para o ouvinte. Este controle também será visto através da imposição de uma língua, como, por exemplo, a imposição do uso da língua portuguesa no lugar da língua de sinais ou ainda o fato de não aceitação de textos escritos em língua portuguesa pelo surdo por não considerá-los escritos na

norma culta da língua.

Observa-se que o ouvinte por muitas vezes não domina a língua de sinais usada pelo surdo e isso leva à falta de comunicação e, conseqüentemente, de interação como afirmado acima: assim, essa não interação linguística acarretará uma perda na convivência, por parte do ouvinte não fluente na língua de sinais, uma vez que ele permanece longe desta língua.

O surdo, no entanto, ao entrar na pós-graduação, possui mais do que vontade de concluir um curso de pós-graduação: deseja adquirir conhecimentos e informações através da interação com o meio acadêmico, além de bibliografias, de forma a ampliar saberes e, assim, poder pesquisar e enriquecer a difusão de mais informações tanto entre outros surdos quanto na sociedade.

No entanto, a presente pesquisa demonstra que se está muito longe de atender os anseios do surdo, em virtude da ausência de condições efetivas para que o surdo possa interagir com seus colegas e professores; para que tenha acesso à informação tanto exposta em sala de aula quanto impressa; para que, realmente, possa ter aceitos seus trabalhos escritos.

Em resumo, a interação do surdo no meio acadêmico, condição para a construção de sua identidade, não acontece, primordialmente, pela barreira linguística, pois, um sujeito sem contato linguístico não interage com o mundo, faltando-lhe uma das condições primordiais que caracterizam o ser humano.

Falta no meio acadêmico que se perceba a língua de sinais como uma língua de instrução, de interação, uma língua de referência, uma língua identitária, isso, porque a língua dos sinais é o elemento central para as trocas entre comunidade, família, escola, trabalho, cultura, identidade e o próprio sujeito surdo.

Quando se refere a empoderar, leva-se em consideração não somente o significado da palavra, o de ter poder, como também um significado mais próximo à realidade: valorizar. Pode parecer estranho o uso deste significado, mas, em se tratando da Libras, é fundamental. Empoderar é igualmente colocar a língua em uso, constante, no ir e vir, no acrescentar e retirar. Esse empoderamento só acontece com a interação do surdo com o meio socioeducacional.

Porém, para que isso aconteça, para que haja a valorização da língua usada pelo surdo acadêmico e pesquisador, é preciso que se vençam desafios como o controle linguístico, a desvalorização da Libras e a visão de que a língua de sinais é algo sem valor e potencialidade linguística.

Impor uma língua, no caso a língua oral, seria favorecer a sociedade não falante da língua de sinais, retirando o *status* de língua à língua de sinais. Não somente isso, mas como também a desvalorização da língua de sinais. As relações de poder nem sempre são as mesmas de sempre: pode ou

não haver mudanças ou rupturas com o passado. E isso dificulta a valorização da cultura surda de modo a dar ao surdo a sensação de possuir amarras.

Ao colocar a língua oral como prioridade, retira-se a possibilidade de empoderamento do surdo. A universidade, quando não abre suas portas para estes acadêmicos e para pesquisas envolvendo a Libras, nega o direito linguístico de uma vertente social que, apesar de presente cotidianamente na sociedade, ainda tem suas possibilidades negadas por preconceitos e pré-conceitos sociais.

Interagir como forma de empoderar-se é expor e perceber quais os elementos existentes dentro desse conjunto, o que há e o que pode vir a haver. É mostrar que se é detentor de características e percepções visuais peculiares e favorecedoras de outra percepção de mundo a que a sociedade está acostumada. A identidade atua como uma marca do fortalecimento político do sujeito surdo.

“É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.” (FREIRE, 1996, p. 54); tal afirmação de Freire foca exatamente o empoderamento da LIBRAS. Não basta ser o objeto, é preciso ser o sujeito da história. É preciso ser o pesquisador e/ou o aluno presente, aquele que busca e, inserindo-se, influencia com sua pesquisa a sociedade.

2.2.2.1 O meio acadêmico

No meio acadêmico há diferenças e igualdades. Analisando isto, deve-se considerar tal meio como um local de encontro entre o ‘eu’ e o ‘outro’, entre o que se é e o que se pode vir a ser. Assim

[...] o *similar* só oferece ao saber uma face perturbadora, pronta a se desfazer, e que cabe ao conhecimento analisar imediatamente para que apareçam, lado a lado e cuidadosamente separados, o idêntico e o diferente [...]. Atualmente, o semelhante é tão alheio ao nosso saber, tão misturado aos jogos solitários da percepção, da imaginação e da linguagem, que facilmente esquecemos que ele tenha podido ser, e por muito tempo, uma forma de saber positivo [...]. São ‘convenientes’ as coisas que, aproximando-se uma da outra, acabam por se tocar; elas se tocam no limite, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o início da outra [...]. De modo que, nessa articulação das coisas, uma semelhança aparece. (FOUCAULT,

2008, p. 10-12)

O meio acadêmico, assim, tem o papel de fonte da experiência educativa, ou seja, *“o ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras, educadores, juntos, “convivam” de tal maneira com este como com outros saberes de que falarei que eles vão virando sabedoria.”* (FREIRE, 1996, p. 58) São conhecimentos que junto à prática criam uma situação considerada ideal por Freire, saberes que se multiplicarão entre não só os que pesquisam como também entre quem ensina.

O ingresso no meio acadêmico, em uma linha de pesquisa, é parte de um emaranhado de tentativas e consequências.

Desde muito antes da lei de Libras, há estudos e pesquisas sobre esta língua embora muitas vezes os conteúdos e descobertas não tenham registros, tendo sido passados de surdo para surdo. Com o avanço dos surdos nos níveis de escolarização até a universidade, passou-se a ter o registro e documentação dos fatos em relação a língua de sinais e seus contextos.

O meio acadêmico como fonte de tal experiência aceita ou repele a Libras? É a indagação existente no meio de tudo o que se observa. Afinal, para muitos docentes e discentes a inclusão de surdos em cursos de mestrado e doutorado é relativamente recente. No Brasil, os primeiros surdos mestres e/ou doutores começaram a se formar aproximadamente no ano 2000.

A questão não é só observar sobre aceitar/repelir, mas sim sobre ensinar. Se um professor não se estimula a procurar caminhos, seus alunos farão isso menos ainda. Em se tratando do meio acadêmico, uma língua é via de mão dupla, assim como ensinar.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível –depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 1996, p. 24)

O meio acadêmico descrito nesta tese representa o local de encontro não somente com o conhecimento, mas também com a interação social. Será neste local que o surdo irá se expor ao mundo e, intrinsecamente, a este meio, ou seja, à universidade.

A universidade deve ser um centro de crítica que

forme profissionais capazes de pensar e criticar com independência e que saibam transmitir à sociedade este espírito. A capacidade de reflexão, de busca, de crítica, como qualquer outra, desenvolve-se pelo exercício. Justifica-se, por isso, a necessidade da ‘universidade de pesquisa’, onde a verdade nunca é adquirida de uma vez. Onde ela é procurada, sem cessar, segundo suas próprias vias, em todas as direções possíveis. (GRESSLER, 2007, p. 19)

Atenta-se que o ambiente acadêmico é muitas vezes visto como “o topo”, um lugar onde muitos querem estar, mas não sabem realmente como acontece. Há, sim, uma idealização deste ambiente. Vários acadêmicos, após convivência contínua neste meio, dizem que a realidade é muito diferente do que se imagina. “*A universidade é um espaço novo para os surdos. A postura de acadêmico, a autonomia e o interesse pelo campo de estudo no sentido de formação profissional passam a se consolidar.*” (ALBRES, 2010, p. 208)

Academicamente, este ambiente reflete o social e, portanto, há também a presença de preconceitos, pré-conceitos, jogos de poder, tentativas de normalização, etc. Mas também há possibilidades, expansões de conhecimento, pesquisas produtivas e diversificadas que mostram e colocam a Librase o português oral no mesmo patamar.

No meio acadêmico existem “*Dois tipos de conhecimento: o dos conteúdos e o pedagógico, relacionados, mas distintos.*” (ENRICONE, 2008, p. 07). O conteúdo articula-se com o pedagógico. De nada adianta o conteúdo isolado da parte prática, a qual leva a melhorias e desenvolvimento.

Há uma visível melhoria e derrubada de barreiras na universidade mesmo com relativamente poucos mestres e doutores surdos; mas não é fácil mudar a sociedade que persiste no tradicionalismo e, por vezes, somente cede espaço ao surdo para que se mostre tocada pelo tema e que respeita a todos, ou pela obrigação de ter o surdo no meio acadêmico.

A universidade é vista como uma instituição social de natureza contraditória, inserida numa sociedade desigual, pois não está acessível a todas as pessoas, principalmente às pessoas com uma diferença linguística. Considero que ela nos dá possibilidade de mudança tanto pela possibilidade de mostrarmos para a sociedade que somos capazes como na autorrealização, quando escolhemos uma profissão de que gostamos.

(ALBRES, 2010, p. 221)

Assim, esse ambiente socioeducacional não é observado sob a ótica do ‘melhor’ ou do ‘ideal’, mas sim pela percepção das mãos em movimento e da visão dos sujeitos que não são somente pesquisadores, mas parte essencial, de sua própria pesquisa.

No terreno incerto do meio acadêmico, observam-se resistências vindas das relações de poder que acontecem a todo o momento e em qualquer ambiente. Impor o poder linguístico, por exemplo, da língua oral é o meio mais fácil de permanecer no controle do outro, no caso do surdo.

Estar no meio acadêmico já proporciona ao surdo uma elevação em seu papel social como discente e membro participante da comunidade surda. Estar e permanecer no meio acadêmico são parte da política linguística no sentido de que coloca a Libras no mesmo patamar linguístico de qualquer outra língua oral, refazendo o cenário de uma só língua dominante:

No Brasil, a ideologia da ‘língua única’, desde tempos coloniais, tem camuflado a realidade plurilíngue do país, parecia haver pouco lugar para as questões empíricas e teóricas levantadas pelos estudiosos das políticas linguísticas. (OLIVEIRA in CALVET, 2007, p. 7)

Não só com a política linguística se garante a presença de língua de sinais no meio acadêmico. Fica evidente que esta é uma das bases da presença e permanência do surdo neste ambiente, mas não se devem deixar à parte as reivindicações sociais também presentes. Como? Em muitos casos, somente se dará valor ao que o surdo diz se este tiver respaldo teórico, o qual será adquirido no meio acadêmico através de suas pesquisas e interação.

2.2.2.2 O surdo como pesquisador

Valorizar a língua de sinais como língua do surdo pesquisador é favorecer a capacidade de adquirir saberes essenciais ao que se deseja pesquisar e assim multiplicá-los.

Para entender o porquê da vontade do surdo em se pesquisar e pesquisar o que vivencia é preciso descobrir que o outro é singular, ou seja, *“o importante é ressaltar que, para conhecer como o outro experimenta a vida, faz-se necessário o exercício sensivelmente difícil de sairmos de nós mesmos.”* (MACEDO, 2006, p. 28)

O surdo pesquisador não foge à regra de pesquisar o que se vivencia e dedica suas pesquisas a algo relacionado a ele próprio, a cultura surda, a

Libras, a estudos linguísticos, identitários e literários, a políticas linguísticas ou a contextos relacionados. Pesquisar sobre a língua brasileira de sinais impõe optar por teorias que auxiliem a exposição do tema e que transitem pela linguística, sociolinguística e estudos culturais, bem como rastrear os seus antecedentes históricos.

O surdo sente a necessidade de mostrar seu ponto de vista, sua experiência e assim comprovar o teor de sua pesquisa com a realidade. Tal necessidade vem do fato de que a visão do surdo pode ser diferente da visão do ouvinte no ato de pesquisar e toda e qualquer visão deve ser exposta para que se tenham meios de mudar, interferir ou desmistificar valores e conceitos referentes ao surdo e ao que a ele se refere.

As pesquisas dos surdos acadêmicos atualmente buscam afirmar mudanças do que hoje a sociedade apresenta, ou seja, uma busca constante do que saber e como viver diariamente com a teoria que servirá de comprovação, criando possibilidades de produção e de construção de conhecimentos.

As configurações de saberes são sempre, em última instância, configurações de práticas sociais. A democratização da universidade mede-se pelo respeito do princípio da equivalência dos saberes e pelo âmbito das práticas que convoca em configurações inovadoras de sentido. (SANTOS, 2008, p. 228)

Cada surdo pesquisador recebe e cede trocas socioculturais e linguísticas dos participantes do meio acadêmico e da interação. O convívio entre os surdos e ouvintes pesquisadores é, aparentemente, linguisticamente harmônico, mesmo com a percepção das variedades linguísticas, em se tratando dos ouvintes e surdos que possuem contato diário e por observar o ingresso do surdo através de provas que valorizam sua primeira língua.

Pesquisar pode ser considerado como uma descoberta, independente do que se pesquisa, de como se pesquisa ou de como se obtém o resultado. A pesquisa decorre da necessidade de responder a algo que aflige ou desafia o pesquisador. Este, para saciar essa sede pelo desconhecido, entrega-se à pesquisa de corpo, mente e coração.

O ato de pesquisar e buscar fontes formadoras de conhecimento seria uma reinvenção? Sim, seria. Reinventar. Constatar. Educar. Intervir. Ao se intervir em algo, reinventa-se o que já se considerava por certo. Toma-se outra visão de uma mesma coisa e se constroem meios sob certezas ou não. É pelo reinventar do mundo que as pessoas são quem são hoje. É pelo intervir que o surdo pesquisador detém o que hoje lhe é dado por direito: a língua. Assim:

Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. No próprio mundo físico minha constatação não me leva a impotência. (FREIRE, 1996, p. 77)

No Brasil, o surdo pesquisador aluno de mestrado e/ou doutorado precisa de muito mais do que a aprovação em uma linha de pesquisa para se mostrar capacitado a pesquisar. O meio acadêmico e a sociedade mantiveram (e mantêm) barreiras que dificultam ao surdo participar de tal núcleo: são barreiras não físicas, mas sim linguísticas e socioeducacionais, conforme já examinado.

O pesquisador surdo posiciona-se de acordo com o que cita Grillo: *“Antes, é indispensável saber aproveitar, ao longo da vida, as oportunidades de atualizar, de aprofundar, de enriquecer e de transformar os conhecimentos iniciais, integrando-se a uma sociedade em mudança.”* (GRILLO in ENRICONE, 2008, p. 67)

Ao colocar em prática a identidade educacional como pesquisador, é indispensável saber aproveitar, ao longo de toda vida, oportunidades de atualizar, de aprofundar, de enriquecer e de transformar conhecimentos, integrando-se a uma sociedade em mudança e interagindo em favor desta mudança (GRILLO in ENRICONE, 2008).

O surdo pesquisador estará no meio acadêmico envolto não só de possibilidades socioeducacionais como também de elementos a transpassar, tais como as barreiras linguísticas. É necessário lembrar que, por mais que o surdo pesquise o geral, sempre haverá algo de particular. A interação no meio acadêmico não existirá somente a partir de uma visão pessoal:

O geral está estreitamente ligado ao singular e dele deriva quase naturalmente. É a partir de si que se pode fazer funcionar questões técnicas e locais, que representam outros tantos pontos de vista que levam a uma visão de conjunto da sociedade e de seu funcionamento. (GROS, 2004, p. 46)

Ao adquirir a identidade de pesquisado ou de pesquisador, o surdo, assim, passa a ter a possibilidade de contar sua própria história linguística, valorizando não somente a língua de sinais, mas a si como participante, observador, pesquisador e, conseqüentemente, empoderando-se. A identidade de pesquisador leva conseqüentemente o surdo a um

empoderamento, a uma valorização de sua língua.

Pesquisar seria, metaforicamente, desbravar. Desbravar? Sim, porque pesquisadores constroem pesquisas em cima do que pouco ou nada se conhece. Constroem-se saberes cujo final nem imaginamos por vezes qual seja. O pesquisador começa uma pesquisa pensando uma coisa e acaba, por fim, descobrindo outra ou ainda um emaranhado de pontos que se encaixam ou discordam: isto, independente da língua, visto que muitas línguas se misturam na pesquisa, referências variadas, amplas, que dão a certeza e até a incerteza sobre o inicialmente proposto.

Percorrer o meio acadêmico como aluno e pesquisador surdo é abraçar a valorização linguística de sua diversidade num mundo em que o diferente é algo que participa de um jogo de presença e ausência. A universidade põe e propõe a presença do surdo e da Libras, ao mesmo tempo em que impõe a ausência de caminhos, caminhos estes que podem ser representados pela falta de disciplinas específicas aos contextos da Libras (mesmo que haja algumas), ocorrendo, por exemplo, a existência de quinze disciplinas comuns para duas ou três especificamente da língua de sinais. Segundo Foucault, saber por onde seguir é de extrema importância e isto pode acontecer através de um ensino de qualidade, o qual irá influenciar na formação do sujeito:

Uma das principais funções do ensino era que a formação do indivíduo fosse acompanhada da determinação de seu lugar na sociedade. Seria preciso concebê-lo hoje de tal forma que ele permita ao indivíduo modificar-se a seu gosto, o que somente é possível desde que o ensino seja uma possibilidade aberta “permanentemente”. (FOUCAULT, 2008, p. 305)

Sendo assim, pesquisar sobre a (s) identidade (s) do surdo pesquisador ao participar do meio acadêmico, como são suas relações de interação, aprendizado e pesquisa neste meio é um caminho amplo. Será a partir de todo o conjunto acima citado que ele mostrará sua identidade, ou melhor, suas identidades.

No referencial teórico, viu-se a necessidade de reconhecer: a identidade surda enquanto uma identidade educacional, descobrindo teorias e aplicando-as; uma identidade linguística, interagindo em língua de sinais e valorizando-a; uma identidade sociocultural, levando através de pesquisas, novos saberes sobre vários conceitos e aplicando conhecimentos a fim de derrubar barreiras; uma identidade histórica, colocando o ser, o estar, o saber, o interagir como parte essencial do sujeito surdo na busca pela efetividade de seus direitos, desenvolvimento e empoderamento.

3 METODOLOGIA

A metodologia pode ser definida “*como um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos*” (SEVERINO, 2007.p. 102). Enfatizar o que se pesquisa leva a uma necessidade de obter dados que comprovem as teorias, a fim de enriquecê-las com as observações que surgem. A metodologia será baseada nas características do que se pesquisa, do que se procura e do que se deseja obter. É preciso lembrar que toda pesquisa é a busca de uma solução de uma questão, compreendendo assim a realidade.

Pesquisar é uma atividade que corresponde a um desejo de produzir saber, conhecimentos, e quem conhece governa. Conhecer não é descobrir algo que existe de uma determinada forma em um determinado lugar do real. Conhecer é descrever, nomear, relatar, desde uma posição que é temporal, espacial e hierárquica. O que chamamos de “realidade” é o resultado desse processo. A realidade ou “as realidades” são, assim, construídas, produzidas na e pela linguagem. Isto não quer dizer que não existe um mundo fora da linguagem, mas sim que o acesso a este mundo se dá pela significação mediada pela linguagem. (COSTA in COSTA, 2007, p.104 - 105)

Segundo Gressler, a metodologia desenvolve a “*preocupação em torno de como captar e manipular a realidade, questionando a cientificidade da produção tida como científica. Lança o desafio da comprovação daquilo que se crê ser científico*” (GRESSLER, 2007, p. 48), analisando métodos sobre suas limitações, ajudando a compreender o próprio processo de pesquisar.

Neste trabalho o pesquisar e, por conseguinte, a metodologia toma parte no desenvolvimento da tese sobre a identidade do surdo pesquisador na PGL e por isso “*procura-se o ponto de vista do sujeito pesquisador para indagar-se sobre o que ele pensa, sente, analisa e julga*”. (MACEDO, 2006, p. 19)

Para esta tese, exigem-se especificações. Segundo Gatti (2006), não se pode colocar a palavra pesquisa de forma ampla e vaga, mas sim centrá-la em uma acepção acadêmica utilizando métodos específicos, preocupando-se com o rigor metodológico e a ampliação e construção de novos conhecimentos sobre uma questão. Para isso seria preciso:

Sair do nível do recolhimento de informações superficiais ou de senso comum [...] e buscar, como método, uma compreensão que ultrapasse nosso entendimento imediato, elaborando um conhecimento que desvende processos obscuros, subjacentes, um conhecimento que lance luz sobre fenômenos, sobre uma questão, segundo algum referencial. (GATTI, 2006, p. 26)

Sendo assim, a metodologia se centrará em recolher dados e informações para uma pesquisa no meio acadêmico com a finalidade de descobrir como surge e se desenvolve a (s) identidade (s) do surdo.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Definir como pesquisar é requisito para a compreensão do que se pesquisa. Este trabalho trata das reflexões a partir das vivências, pesquisas e observações como doutoranda na pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, à luz dos autores compulsados, usando um paradigma da complexidade, onde há tomando por base COSTA (2007) a convivência e a participação como processo de investigação, os quais podem ser vistos nos fenômenos multidimensionados, como interação com o contexto, com conflitos e contradições. A relação entre o mundo e o sujeito, entre a Librase o meio determina como necessidade desta pesquisa a de conhecer e interpretar a experiência, procurando sobre ela refletir.

De acordo com o nível de abrangência no enquadramento do objeto, a pesquisa é temática; de acordo com os diferentes tipos de objetos e fontes, trata-se de uma pesquisa teórica na qual se faz uso do material produzido sobre o objeto de estudo; de acordo com os objetivos, aplicações e tipo de conhecimento implicado, trata-se de uma pesquisa voltada ao estudo de caso da identidade dos acadêmicos presentes na PGL.

Assim, tem-se uma pesquisa a partir do estudo de caso que demonstrará aspectos específicos dos entrevistados. A pesquisa por estudo de caso dedica-se a:

Estudos intensivos do passado, presente e de interações ambientais (socioeconômicas, políticas, cultural) de uma unidade: indivíduo, grupo, instituição ou comunidade, selecionada por sua especificidade. É uma pesquisa profunda [...], que abarca a totalidade dos ciclos de vida da unidade [...]. Baseia-se em uma variedade de fontes de

informação e procura englobar os diferentes pontos de vista presentes numa situação. (GRESSLER, 2007, p. 61)

E ainda sobre estudo de caso:

O estudo do caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Além de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística. (GOLDENBERG, 2011, p. 33-34)

Em se tratando de uma pesquisa por estudo de caso, enfatiza-se a história de vida dos participantes a fim de investigar as características peculiares do sujeito, tomando por base entrevistas que abordaram as questões discutidas nesta tese. O estudo de caso é essencial para o tema da identidade, uma vez que envolve questões subjetivas de cada pesquisador. Sobre as histórias de vida:

[...] cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social, é possível [...] conhecer o social partindo-se da especificidade irredutível de uma vida individual. (GOLDENBERG, 2011, p. 36-37)

Focalizando, esta pesquisa utilizará a abordagem qualitativa e quantitativa, as quais se vinculam aos objetivos que se têm e a maneira de formular o problema ao alcance dos resultados pretendidos. Segundo Gatti (2006), mesmo colocando os dois focos de abordagem, um não está totalmente afastado do outro, pois não há uma oposição, mas sim uma complementação. Como pode ser visto em:

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e de qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que, de um lado, a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um

significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza), e de outro, ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois, em si, seu significado é restrito. Por outro lado, nas abordagens qualitativas, é preciso que o evento, o fato, se manifeste em uma grandeza suficiente para sua detecção – ou seja, há uma quantidade associada a ela. (GATTI, 2006, p. 28)

Complementando a explicação de Gatti, Goldenberg (2011) revela que os métodos qualitativos e quantitativos passam de opostos para complementares ao serem usados para balancear os dados obtidos. Em se tratando da pesquisa qualitativa tem-se que:

Pesquisa Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. (SILVA & MENEZES, 2011, p. 20)

Já sobre a pesquisa quantitativa:

Caracteriza-se pela formulação de hipóteses, definições operacionais das variáveis, quantificação nas modalidades de coleta de dados e informações, utilização de tratamentos estatísticos. Amplamente utilizada, a abordagem quantitativa tem, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e interpretação. (GRESSLER, 2007, p. 49)

Ainda sobre abordagem de pesquisa:

Precisamos considerar dois aspectos, como ponto de partida: primeiro, que os números, frequências, medidas, têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles [métodos quantitativos], e que deixam claro

seu alcance; segundo, que as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema [...]. (GATTI, 2006, p. 28)

Essas abordagens na pesquisa são parte da construção desta tese permitindo perceber e problematizar em que se baseia a observação da condição humana, sua constituição, e as diversidades que apresenta. Ao utilizar tal abordagem qualitativa, coloca-se em foco a relação entre língua e sociedade, sujeito e objeto, os quais são fatores imprescindíveis ao objeto de estudo vinculado a esta pesquisa, indo em direção às noções de mundo e à participação, tão necessárias à argumentação que caracteriza a pesquisa qualitativa.

O uso da abordagem quantitativa é necessário para conseguir agrupar os conceitos e os contextos observados, vivenciados e analisados no desdobramento da pesquisa, uma vez que ela está fundamentada nas experiências de surdos no cotidiano da PGL.

Assim, somente com essas duas abordagens alcança-se uma análise mais contundente do que se deseja, qualificando, desta forma, o meio a que se refere. Ou seja, *“os métodos quantitativos supõem uma população de objetos comparáveis, os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado”* (GOLDENBERG, 2011, p. 50).

Deseja-se, ao utilizar tal método de pesquisa, encontrar a melhor forma de comparar as respostas para poder ponderar sobre a identidade do surdo pesquisado na PGL, visto que uma pesquisa *“não se reduz a um mero levantamento e exposição de fatos ou a uma coleta de dados”* (SEVERINO, 2007, p. 126), mas, sim, à articulação entre teoria e dados buscando aprofundar o processo de conhecimento.

3.2 SUJEITOS

Cada sujeito social absorve uma gama de conhecimentos que absorve de um meio, conhecimento que transforma o indivíduo e o faz tornar-se parte de uma comunidade ou grupo social, descobrindo a si e ao redor, absorvendo cultura, saberes e valores de um mundo onde o conhecimento é indispensável à vida humana.

Assim temos que *“os sujeitos se constituem no interior de tramas históricas. Eles são, simultaneamente, constituídos e constituintes. Nesta concepção, a centralidade da linguagem passa a ser evidente.”* (COSTA, 2007, p.99)

O ser humano, possuidor de uma língua – seguidora das mudanças

de um mundo que evolui e muda rapidamente e que o predispõe a mudanças culturais contínuas -, desenvolve regras e conceitos para socializar-se, cabendo à educação um papel importante neste processo.

E isso não acontece somente por conhecer uma teoria, mas também por conhecer o meio social que vivencia, o qual retornará ao indivíduo saberes necessários ao contato com o mundo e com os outros sujeitos sociais. Essa leitura de mundo favorecerá o enriquecimento das experiências.

Sendo assim, para poder responder ao objeto de estudo desta pesquisa, procurou-se reunir um grupo de cinco participantes representativos de mestrandos e/ou doutorandos da UFSC, cursando, ou que já tivessem concluído o curso.

Observa-se que a escolha dos cinco participantes não ocorreu por seleção, mas sim disponibilidade e aceitação dos mesmos em participar da pesquisa. Isto aconteceu uma vez que inicialmente houve um contato com aproximadamente dez mestrandos ou doutorandos surdos, dos quais somente dois se manifestaram com a intenção de participar. Houve assim a necessidade de contatar um segundo grupo, o qual consta nesta pesquisa.

As características abaixo foram mencionadas pelos entrevistados sendo que uns enfatizaram mais do que outros sobre quando começaram a aprender a língua de sinais. As características citadas abaixo podem influenciar a descoberta e desenvolvimento da identidade do surdo tanto no meio social quanto no meio acadêmico.

Observa-se que todos os entrevistados se colocaram como bilíngües; a maioria aprendeu a língua de sinais tardiamente, embora tenham tido em casa uma comunicação por meio de sinais caseiros (sinais criados no convívio familiar para desenvolver uma comunicação com a criança surda).

Entrevistados	Idade	Quando ficou surdo	Quando começou a aprender Libras	Bilíngüe
Entrevistado 1	35 anos	Com menos de 6 meses	12 anos	Sim
Entrevistado 2	47 anos	13 anos	34 anos	Sim
Entrevistado 3	48 anos	Nasceu surda	Os primeiros sinais foram caseiros, posteriormente usava sinais	Sim

			criados pelos jovens da família, até 18 anos. Aos 19 anos ingressou em escola de surdos.	
Entrevistado 4	28 anos	Nasceu surdo	18 anos	Sim
Entrevistado 5	28 anos	Foi percebido aos 9 meses	A comunicação foi acontecendo por meio de gestos, bem como sinais caseiros. Aos 16 anos começou a aprender a Libras.	Sim

3.3 INSTRUMENTOS DA PESQUISA

O instrumento da pesquisa foi uma entrevista semi-estruturada, cujos preenchimentos se encontram nos anexos, contendo os seguintes pontos fundamentais: tema da pesquisa, motivações, experiência, resistência, carências, respeito ao surdo e ao meio acadêmico e dificuldades, além de informações que se tornaram pertinentes no decorrer da mesma, formando narrativas, fundamentais à tese.

As entrevistas foram respondidas por escrito em língua portuguesa ou em Libras. Neste caso foram filmadas e depois transcritas para a língua portuguesa, para a posterior análise quantitativa e qualitativa.

Para transcrever estas filmagens, utilizou-se a transcrição da Libras para a língua portuguesa. Trata-se de uma forma natural de traduzir o que foi sinalizado sem perda do valor do que foi dito pelo surdo, mostrando sua língua, sua cultura, suas vontades, suas necessidades.

Ao se entrevistarem surdos, observa-se que a entrevista não acontece somente no momento em que se liga a filmadora, mas sim antes, durante e depois de tudo concluído. O surdo manifesta seu pensamento informalmente e isso é aprofundado durante a filmagem, possibilitando uma melhor articulação entre dados e observação.

Além das entrevistas, ocorreram observações no cotidiano do aluno surdo da pós-graduação, incluindo suas atividades em sala de aula e de seus

projetos de pesquisa. Assim, os instrumentos aqui utilizados facilitaram a coleta e posterior análise dos dados obtidos.

Analisando o conteúdo das pesquisas e observações desejo ponderar e analisar o tema desta tese de forma que contribua para o desenvolvimento de mais pesquisas e da própria vivência dos surdos pesquisadores e do meio acadêmico.

3.4 LOCAL

Ao selecionar um local para as pesquisas, optou-se pela pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na qual surdos de vários lugares do país participam dos cursos de mestrado e doutorado. Isso acontece porque a UFSC possui o projeto Interprogramas, referência na formação do surdo pesquisador.

O Projeto Interprogramas, ou seja, Projeto Interprogramas Estudos Surdos: expansão de formação e pesquisa nos níveis de mestrado e doutorado é parte do processo de seleção de mestrado e doutorado voltado para área de Libras na UFSC nos programas de pós-graduação em linguística, tradução e literatura.

Segundo Quadros (2008) o projeto possui como objetivo abrir espaços de desenvolvimento de pesquisas relacionadas com a Língua Brasileira de Sinais – Libras, motivadas pela Lei de Libras 10.436/2002 e o decreto 5.626/2005. Com a percepção da necessidade de formar pesquisadores na área, foi criado o programa em 2007 e realizada a primeira seleção em três programas de Pós-Graduação vinculados ao Centro de Comunicação e Expressão: Programa de Pós-Graduação em Linguística, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução e Programa de Pós-Graduação em Literatura. Este projeto alcança diferentes programas de Pós-Graduação para que sejam ampliados os campos de investigação envolvendo a língua brasileira de sinais, a tradução e interpretação dessa língua e a educação de surdos. No período de 2003 a 2008, já havia um projeto de formação de professores surdos, professores bilíngues e intérpretes de língua de sinais aprovado pela CAPES no Programa de Pós-Graduação em Educação.

O candidato surdo tem a opção de fazer as provas dissertativas em língua portuguesa ou em língua de sinais e a prova de língua estrangeira correspondendo à língua portuguesa, uma vez que sua primeira língua é a língua de sinais.

Desta forma a metodologia descrita nesta tese permite alcançar os objetivos propostos. No capítulo a seguir, a análise dos dados obtidos, encontram-se as análises dos dados obtidos nas entrevistas.

4 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Os comentários descritos neste capítulo funcionam como uma estratégia para aprofundar conhecimentos sobre a identidade do surdo. O cotidiano apresentado, observado e vivido proporciona uma ampliação dos fenômenos linguísticos, sociais e educacionais que, presentes na universidade, levam o surdo não a uma troca de papel, mas sim a uma complementação, e ainda a um desenvolvimento pela interação. Assim, sobre analisar tem-se que:

Análise é a discussão, a argumentação e explicação nas quais o pesquisador se fundamenta para anunciar as proposições. É a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. (GRESSLER, 2007, p. 200)

É interessante observar que a língua de sinais e seus contextos estão presentes em praticamente todas as respostas. Tudo gira em função desta língua e mais do que, especificamente, do surdo. As coordenadas, em prol de pesquisas sobre educação, direitos e deveres são todas ligadas e baseadas na língua de sinais.

Sendo assim, a identidade do surdo está, por este ponto de vista, totalmente enraizada na língua de sinais e no que esta língua representa. Através das entrevistas é possível observar esta forte identificação linguística. A língua de sinais envolve o surdo e vice-versa, num complemento constante de significações, relacionando a língua de sinais ora como sujeito da história ora como objeto a ser observado, analisado e aperfeiçoado através de pesquisas e das experiências.

As análises serão divididas em análise dos dados das entrevistas e observações sobre o desenvolvimento dos alunos surdos no ambiente da pós-graduação e de seus projetos de pesquisa.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS DAS ENTREVISTAS

Nesta análise constam características da exposição do tema em perguntas pertinentes à interação e pesquisa dos acadêmicos surdos participantes da PGL para assim reconhecer sobre a identidade do surdo. Baseados nisto, pode-se dizer que qualquer realidade humana é um processo de interação, pois há sempre uma troca de saberes ou de experiências.

Estas trocas neste processo de interação serão essenciais para a existência de dados nesta tese e para a compreensão do que a identidade do surdo representa. Como dito anteriormente, a análise aqui contida é sobre as

respostas das entrevistas feitas aos cinco acadêmicos surdos da pós-graduação na UFSC.

Os dados foram analisados conforme os parâmetros educacionais, linguísticos e sociais observados no dia a dia do surdo no meio acadêmico, levando em consideração os apontamentos sobre a identidade do surdo pesquisado na PGL em concordância com os autores citados anteriormente no capítulo dois sobre o referencial teórico. A análise dos dados obtidos gera uma maior compreensão sobre a identidade linguística, educacional, sociocultural e histórica do surdo.

Desta forma, podem-se associar as reflexões teóricas feitas no início desta tese com os dados da análise a seguir, de forma que se observem a interação, desenvolvimento e necessidades do surdo acadêmico no ambiente social e educacional.

A análise dos dados obtidos foi feita através de cada pergunta existente na entrevista, utilizando, para isto, gráficos quantitativos e as próprias respostas dos entrevistados como base. Como foram cinco entrevistados, os resultados são proporcionais às respostas e a esta quantidade, o que pode ser avaliado abaixo.

4.1.1 Tema de pesquisa no mestrado/doutorado

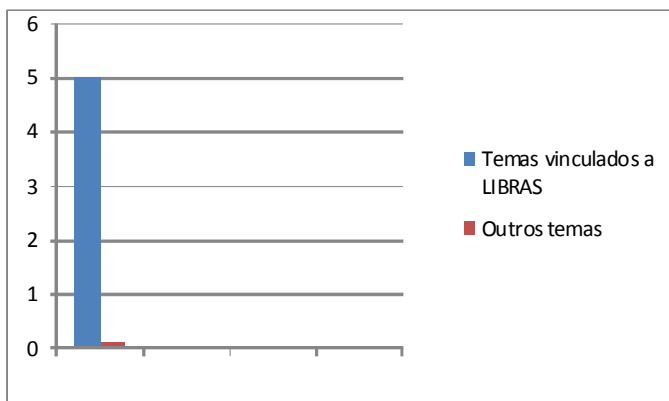


Gráfico 01: Temas de pesquisa.

Os temas pesquisados no mestrado são em sua maioria vinculados a Libras, ou a algo com ela relacionados. São poucos, ou raros, os casos em que surdos pesquisam um tema fora do contexto da língua de sinais. De acordo com as entrevistas, isto não aconteceu. Os temas mais presentes são Libras, currículo, leitura em português, português como segunda língua,

políticas linguísticas, fonologia e demais temas ligados à linguística da língua de sinais.

“Currículo e língua de sinais.” (Entrevistado 1)

“Meu tema de pesquisa no mestrado é a capacidade de leitura do surdo em ler português como segunda língua e sua interação e metodologia de apoio.” (Entrevistado 2)

“Mapeamento das línguas de sinais emergentes.” (Entrevistado 3)

“O tema do meu mestrado é formalidade e informalidade na Libras.” (Entrevistado 4)

“Meu tema de pesquisa é o desenvolvimento fonológico, dividido em dois grupos: um, com pessoas ouvintes começando a aprender Libras e outro, com pessoas ouvintes fluentes em Libras.” (Entrevistado 5)

Os temas apontam uma visível presença da língua de sinais nas pesquisas destes acadêmicos. Tem-se com isso a necessidade de o surdo, com suas pesquisas, poder apontar a realidade que vivencia através de sua própria língua. Os acadêmicos surdos alegam que ouvintes possuem visões diferentes e retratam os temas de outra forma, sendo necessário que o surdo entre na pós-graduação, pesquise e produza conhecimentos para se ter algo muito mais próximo da sua realidade.

4.1.2 Para que você quis cursar o mestrado ou doutorado?

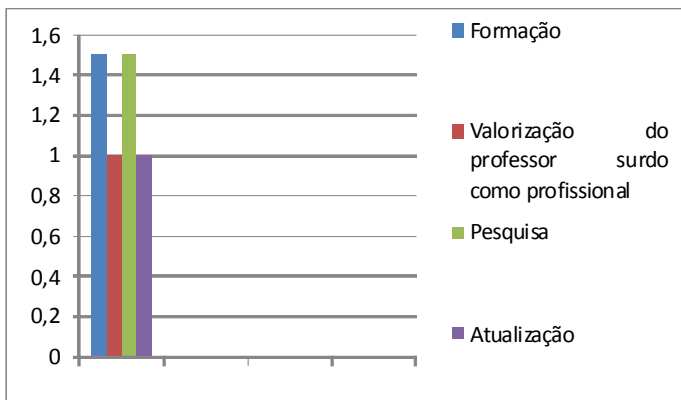


Gráfico 02: Motivações para o mestrado ou doutorado.

Os objetivos de ingresso na pós-graduação são os mais variados, porém muitos possuem um elemento em comum: a vivência. Esta vivência permitiu, conjuntamente, a formação, valorização do professor surdo como profissional, atualização e pesquisa. Comprova-se isto com o que dizem os entrevistados sobre o objetivo e/ou significado de cursar o mestrado/doutorado:

“Querida buscar mais atualização na educação de surdos e buscar nova experiência da pesquisa após anos de trabalho na escola de surdos.” (Entrevistado 1)

“Meu objetivo de passar no mestrado é a importância da formação dos professores surdos porque na sociedade, na faculdade todas as áreas precisam de professor surdo como um profissional melhor e com profundo conhecimento. Também no passado estudei na faculdade de Letras, pesquisei e a faculdade aceitou a pesquisa monográfica própria do surdo com o tema sobre português como segunda língua e inglês como terceira língua. Percebi o problema e as dificuldades do surdo dentro da escola. Senti vontade de como pesquisar a capacidade do surdo em conseguir ler textos em português, ter entendimento claro e as dificuldades; além de como conseguir metodologia, interação e apoio.” (Entrevistado 2)

“Para ter possibilidade de estar no espaço acadêmico e tornar pesquisadora.” (Entrevistado 3)

“Para enriquecer a minha formação profissional e que possa ser professor universitário com nível de conhecimento necessário.” (Entrevistado 4)

“Porque eu precisava estudar para desenvolver, aprender e conhecer; além da formação para ajudar a entender, porque assim posso trabalhar como professor de universidade e também estudar, pesquisar e multiplicar o que aprendi.” (Entrevistado 5)

Observa-se uma mescla entre o surdo cidadão e o pesquisador. Há um limite e uma ponte de cada lado dos objetivos em cursar a pós-graduação. Apresenta-se uma identidade acadêmica mesclada com a de pesquisador.

Tem-se então que dos cinco entrevistados, três deles justificaram o ingresso através da vivência como professor, o qual possui a necessidade de atualização constante. Uma entrevistada cita a vontade de se tornar pesquisadora, ou seja, como foi dito acima, enquanto adquirir uma identidade de pesquisador é uma descoberta para alguns, outros já possuem conceitos sobre o contexto no qual desejam ingressar e pesquisar. Dois entrevistados apontam a necessidade de aprender a fim de aprimorar-se.

A identidade do surdo participante e pesquisador nos cursos de pós-graduação é construída pela vivência social e linguística diária no meio em questão. É preciso ver que com tais diversos objetivos não há, assim, uma única identidade. Há uma identidade que se apresenta, seja ela uma identidade linguística, educacional ou sociocultural, a depender do objetivo que o levou a ingressar no meio acadêmico, especificamente, na pós-graduação.

4.1.3 Como foi sua experiência de ingresso no mestrado e/ou doutorado?

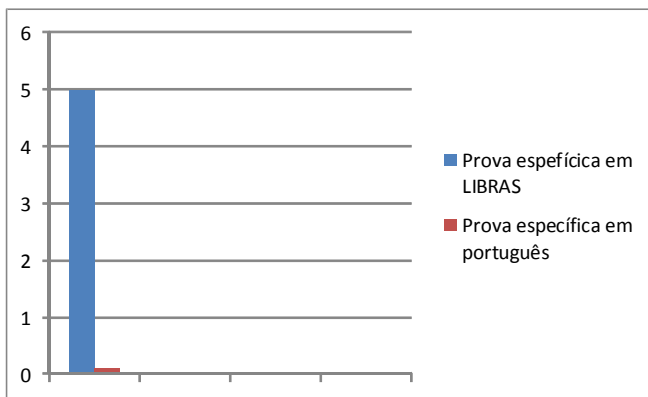


Gráfico 03: Experiência de ingresso no Mestrado ou Doutorado.

Ingressar na pós-graduação da universidade requer muito mais do que vontade de cursar o mestrado ou doutorado. Na pós-graduação, o ingresso acontece, geralmente, através da seleção feita por prova dissertativa específica, de língua estrangeira e entrevista para análise do projeto de pesquisa. Na UFSC, em se tratando do candidato surdo, há a disponibilidade referindo-se à prova dissertativa de esta ser traduzida para Libras e a possibilidade de que o candidato responda a prova ou em português ou em língua de sinais.

É necessário observar que mesmo com a prova em Libras o candidato surdo deverá ter conhecimento do conteúdo proposto para a seleção e tal conteúdo está escrito em português. Sobre o ingresso, os entrevistados revelam que:

“Foi boa experiência, houve apresentação em Libras nas duas fases (provas).” (Entrevistado 1)

“A prova para entrar no mestrado foi difícil por causa da leitura dos textos, conteúdos e bibliografia são iguais para surdos e ouvintes. Os surdos leem o português e têm dificuldade de entender. Também o horário da prova adaptação por dia não tem. O surdo pode escolher escrever a resposta ou filmar, mas as perguntas são iguais para surdos e ouvintes. Importante transcrever a prova combinando com o jeito do surdo.” (Entrevistado 2)

“Através de seleção, sem cota, apenas solicitei

ILS para as provas.” (Entrevistado 3)

“Essa experiência de ingresso no mestrado é uma das experiências mais importantes da minha carreira profissional, que me ajuda a construir os saberes de explorar conhecimentos. Na universidade (UFSC) onde eu estudo mestrado tem fortalecido o uso de Libras e ao ingressar o mestrado sinto que a minha língua como Libras é valorizada e respeitada até aceita que a prova de seleção de mestrado e doutorado em Linguística na UFSC é em Libras, essa é entre as pouquíssimas” (Entrevistado 4)

“Eu encontrei os amigos do Letras/Librase eles me avisaram para procurar na internet, no site da pós-graduação em linguística da UFSC, lá eu olhei orientadores, documentos, organizei projeto, só isso. O que foi mais difícil? Nada, foi normal, mas uma coisa mais difícil foi o projeto porque precisava de um tema diferente. Pensei, procurei em livros que me ajudassem e consegui para desenvolver.” (Entrevistado 5)

Há também a questão de que no momento da entrevista pode ocorrer que o orientador não aceite o candidato. Convém lembrar que nem todas as linhas de pesquisa possuem docentes seguros em aceitar alunos surdos. Isto seria por conta da questão linguística, uma vez que muitos professores não são fluentes em língua de sinais, outros podem não acreditar nas potencialidades desta língua e do acadêmico surdo, enfim, são vários os motivos possíveis: podem ocorrer até mesmo por conta da falta de intérpretes de língua de sinais em uma universidade. Abaixo se percebe a indagação do entrevistado sobre os motivos reais de não ter sido aceito.

“Na primeira tentativa de entrar no mestrado na universidade, não fui aprovada. Este orientador pesquisou sobre surdos em vários livros, mas difícil aceitar surdos no mestrado; já entrou surdos com este orientador, mas bem poucos. Sempre aceitou ouvintes para orientar. Naquele momento, fui aprovada na primeira fase, a prova escrita. Segunda fase, a entrevista, geralmente teria banca com dois ou três professores avaliando, mas no meu caso, somente estava o

orientador, eu e o intérprete; então não fui aprovada pela decisão dele. Já vi outros surdos que tentaram com ele e também não foram aprovados e atualmente terminaram o mestrado e doutorado em outras universidades. Fico refletindo que tipo ele é? Ele pesquisa surdos, que surdos são diferenças e não deficiente, mas será que é a própria visão dele ou ele acha que são deficientes e por isso não conseguem estudar mestrado e doutorado.” (Entrevistado 1)

Sempre há a inquietude do porquê, a necessidade de respostas sempre existirá. Por causas e consequências da vivência do surdo, ele sempre coloca a questão da diferença em primeiro lugar, como uma possibilidade de resposta. É por conta da necessidade de descobrir que ele se insere no meio acadêmico para pesquisar.

4.1.4 A língua de sinais foi bem aceita? Você sentiu resistência por parte dos professores ou outros alunos?

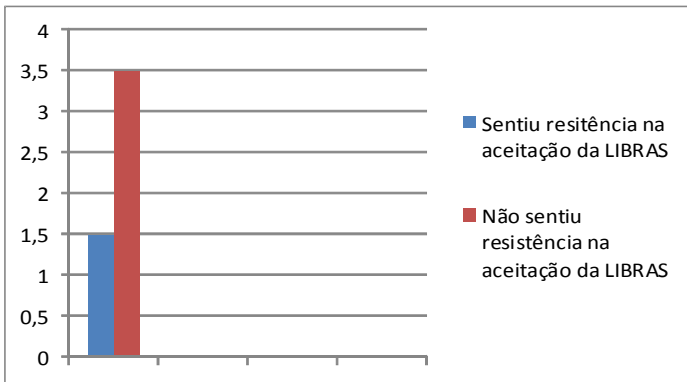


Gráfico 04: Resistência a Libras.

Quando se refere a sentir resistência, significa que há outros participantes do meio acadêmico e social que não aceitam a língua de sinais, ignoram o surdo ou não sabem Librase agem como se o surdo tivesse a obrigação de entender prontamente a leitura labial e o português como único meio de comunicação, ignorando assim a língua de sinais. Porém são casos que podem vir a acontecer embora, no cotidiano, a aceitação de Libras como primeira língua do surdo já está bem mais visível do que em algum tempo atrás.

Conforme o resultado das entrevistas, o surdo para muitos é visto como um aluno tal qual qualquer outro. Porém, não há como generalizar: mesmo com pouca resistência, esta existe, embora disfarçada. Observa-se que os entrevistados colocam aceitação como a presença de ILS, no ambiente acadêmico ou o fato de outros participantes desse meio saberem ou não a língua de sinais.

Seria aceitar somente isto? Aceitar não significa somente se conformar com algo. Não se trata de aceitar a presença da língua de sinais sem o uso de estratégias para a afirmação desta língua no ambiente acadêmico. Ter o intérprete em sala de aula é essencial sim, como também que o professor compreenda a língua de sinais e valorize a participação do acadêmico.

Após o ingresso, surgem as atividades para garantir a permanência. Estas serão subdivididas em presença do intérprete para aulas, leitura de textos e interação. Para a permanência no curso, o aluno surdo conta com a presença do intérprete de Libras em sala de aula já que a maioria dos professores da pós-graduação são ouvintes, não-fluentes na língua de sinais e as aulas são tradicionalmente em língua oral. O ILS é um dos fatores fundamentais para o acompanhamento das aulas e orientações com o orientador da pesquisa.

“Foi bem aceita, tinha tudo acessibilidade (tinha ILS em todas as disciplinas que fiz), tinha grupo de surdos e ouvintes para discutir na pesquisa tudo em Libras até disciplina não tem falada, somente Libras, tinham dois ouvintes que faziam mestrado, usavam Libras se esforçavam para incluir de nós surdos e ouvintes fluentes de Libras.” (Entrevistado 1)

“Na UFSC dentro do meio os professores, também os colegas e alunos aceitam a LIBRAS, mas na verdade falta interação porque na sala de aula tem dois intérpretes que interpretam a aula e no fim desta eles saem da sala ficando o surdo sem conseguir se comunicar. É difícil. É importante aceitar a língua de sinais, mas as pessoas conhecem pouco da Libras; também conhecem pouco do jeito, da identidade e cultura surda porque precisa de comunicação livre. O surdo não pode ser dependente do intérprete.” (Entrevistado 2)

“Eu não senti resistência devido a maioria dos

professores já terem sido professores de surdos mestrando ou doutorando ou o professor era surdo. Quando isso acontecia o intérprete era para os ouvintes.” (Entrevistado 3)

“Na universidade (UFSC) onde eu estudo mestrado tem fortalecido o uso de Libras e ao ingressar o mestrado sinto que a minha língua como Libras é valorizada e respeitada até aceita que a prova de seleção de mestrado e doutorado em Linguística na UFSC é em Libras, essa é entre as pouquíssimas universidades brasileiras que têm consciência da importância de Libras para os surdos.” (Entrevistado 4)

“Mais ou menos, porque antes eu me inscrevi em uma disciplina de fonologia e a professora mandou-me fazer a prova. Ok. Estudei e na hora da aula era a prova. Escrevi as resposta não usando um português bom, culto, mas sim normal, parcial. Por fim entreguei e perguntei à professora qual a preocupação com a avaliação, o conceito e o conteúdo de estudo e o que assimilei ou a escrita das frases em português. A professora pareceu hesitar e respondeu que precisava de português perfeito, culto na escrita. Eu calei e disse à professora que ia pra casa, corrigiria o texto e a avisaria. A professora na outra aula já tinha corrigido e me entregou e pediu que eu olhasse o texto em português e arrumasse. Eu calei e levei o texto. Tem problemas de barreiras.” (Entrevistado 5)

Como visto, a maioria reclama da falta de materiais e de professores fluentes em língua de sinais, e ainda algo mais específico como no caso do entrevistado com baixa visão.

É interessante observar sobre a colocação da obrigação de uma escrita em língua portuguesa como prova da não aceitação da língua de sinais. A resistência é visível uma vez que o professor exige que a língua portuguesa seja escrita dentro das normas e tal língua não é a primeira língua do surdo. Tem-se um impasse formado: aceitar a língua portuguesa como segunda língua do surdo e assim não exigir o rigor desta língua ou em se tratando de um ambiente acadêmico exigir que o surdo se adapte à língua do meio acadêmico?

4.1.5 Você, como pesquisador, sente falta de algo na universidade? Faça uma lista do que sente falta.

A percepção correspondente ao sentir falta de algo será descrita com base também na idealização do que o acadêmico surdo deseja durante a duração de seu curso de pós-graduação e em respeito aos seus direitos linguísticos.

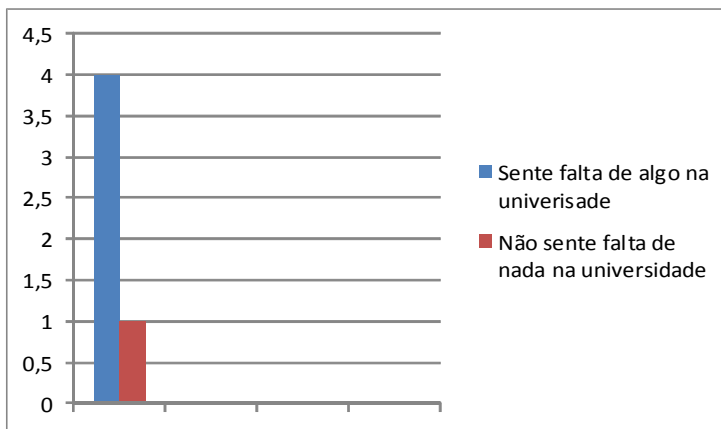


Gráfico 05: Carências

Quando se pergunta aos entrevistados se algo falta no meio acadêmico, a resposta pode estar além de materiais, sendo a comunicação e a interação também apontadas como, parcialmente, em falta. Esta sensação de falta é baseada na comparação com o que se tem com o que se deseja, logo, a falta se refere aos aspectos linguísticos, educacionais e sociais.

Atente-se para o fato de que a presença do acadêmico surdo na pós-graduação é algo recente e que ainda há fatores a serem revistos, modificados e complementados.

“Naquela época, sentia falta, mas eram poucas coisas:

- Professores surdos, tinha só uma.

- Poucas pessoas na pesquisa” (Entrevistado 1)

“Bem, é meio complicado descrever o que sinto falta de algo na universidade porque vivo enfrentando a realidade brasileira no momento. Porém, ao comparar com os ouvintes, eles têm domínio em português como L1 e acessam na

universidade onde todos os professores ouvintes têm o mesmo domínio em língua deles e a mesma facilidade de comunicar com eles, bem como a única língua, por exemplo. E agora com os surdos é outra história, pois para o momento atual a grande maioria de surdos vive acompanhada pelos intérpretes de Libras para que possam se comunicar com os professores que não sabem em Libras, portanto, o processo de comunicação é muito diferente daquele processo de comunicação dos ouvintes com os ouvintes, a comunicação entre os surdos, intérpretes e professores sempre dá trabalho de traduções interlinguais. Por isso, nesse caso os surdos precisam do tempo maior para comunicar o suficiente com eles. A sala de aula que utiliza a Libras é perfeita para os surdos, o diálogo desse contexto fica mil vezes melhor. Para contar uma lembrança minha, eu fiquei feliz em entrar na experiência incrível quando estudei numa disciplina na pós-graduação em Estudos de Tradução que utilizou exclusivamente em Libras e eu e outros surdos ganhamos essa sensação fantástica na comunicação como se fosse o mundo de Libras. Bom, agora é para listar do que sinto falta, ou melhor, necessidade:

- artigos científicos, dissertações, teses, pesquisas, etc. publicam em Libras (mas agora estão crescendo);*
- professores de disciplinas, secretário, coordenador da pós-graduação e outros sabem Libras;*
- revisor de português para os surdos que escrevem;*
- provas e/ou trabalhos de disciplinas no mestrado ou doutorado em Libras (mas algumas disciplinas ministradas pelos professores que sabem Libras aceitam na hora os trabalhos e/ou provas em Libras).” (Entrevistado 4)*

“Coisas para pesquisa e material não faltam. Sinto dificuldade porque às vezes problema de interação junto orientador. É importante o aluno e o professor orientador interagirem; precisa de uma comunicação clara e boa para troca e

auxílio mútuo. Se há problema de comunicação, atrapalha. Mas a minha dificuldade é que sou surdo e também tenho baixa visão e preciso de material especial como, por exemplo, textos ampliados, digitalização dos textos, precisa de adaptação e também de novas tecnologias para apoio à leitura. A faculdade às vezes não tem. Também eu já relatei com P. do núcleo de acessibilidade da UFSC que me apoia muito, mas sabe que sou o primeiro aluno surdo com baixa visão dentro do programa de pós-graduação da faculdade. É difícil, falta experiência junto com aluno.” (Entrevistado 2)

“Eu sou pesquisador, mas não atuo dentro da universidade e sim do Centro de Formação para Profissionais da Educação e atendimento as pessoas com Surdez – CAS/MS vinculado a Secretaria de Estado de Educação no Projeto Índio Surdo.” (Entrevistado 3)

“Na universidade sinto falta de: depois de fazer a prova, dá-la a um profissional, um ILS, para colocá-la em um português na norma culta; texto levados para casa, ao ler há frases que não dá para entender; é difícil, ou se não conhece a palavra procura no dicionário, mas às vezes não combina com o contexto e precisa procurar profissional intérprete; texto precisa adaptar a Libras, a UFSC tem profissional intérprete, mas para traduzir não aceitam qualquer texto.” (Entrevistado 5)

Os entrevistados apontam questões, outros também enumeram sugestões. Tem-se a tentativa de propor o que seria mais de acordo com o que se vive no meio acadêmico pelo surdo baseado no que se tem. A identidade linguística e educacional influencia o pedido dos entrevistados, os quais sentem a necessidade de material específico em língua de sinais para obter maior conhecimento de teorias através da Libras.

4.1.6 Você se sente respeitado com sua língua de sinais?

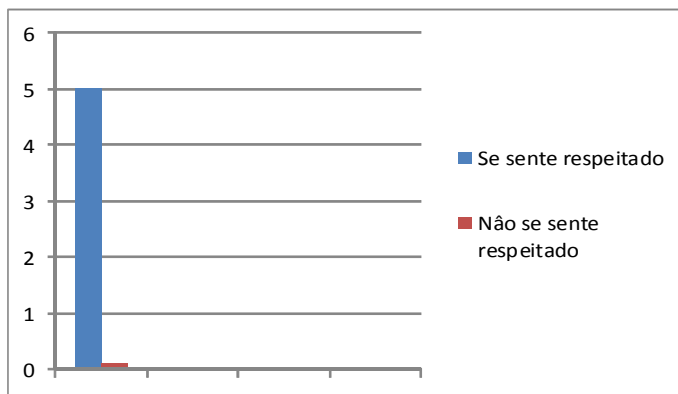


Gráfico 06: Respeito ao surdo.

*“Naquela época, sentia respeitada sim.”
(Entrevistado 1)*

*“Sim, eu sinto que a UFSC constrói um trabalho em áreas e diferentes locais aceitam a Libras e respeitam o surdo. Também às vezes percebe e sente pessoas que ficam preocupadas em como conseguir uma comunicação com o surdo.”
(Entrevistado 2)*

“Sim, quando não fui respeitado acabei indo para MPE.” (Entrevistado 3)

“Sim.” (Entrevistado 4)

“Sim, eu sinto que respeitam a Libras, claro que sim.” (Entrevistado 5)

A identidade linguística tem como base o respeito e valorização do sujeito e desua própria língua. Os entrevistados colocam também ao responder esta questão o respeito a LIBRAS, mostrado na interação surdo/ouvinte no meio acadêmico, respeito à língua de sinais como língua tal qual qualquer língua oral. Observa-se que os entrevistados se dizem respeitados, mas na exposição sobre a aceitação da língua de sinais há poréns. A aceitação seria mais específica e abrangente do que o respeito: este seria primordial nas relações sociais. Assim, há pessoas que apesar de

respeitem a Libras não aceitam completamente sua existência linguística.

O ponto a observar é que os entrevistados falam de respeito, porém apontam inúmeras faltas, como visto na pergunta anterior. Seria o caso de refletir como se deve considerar o respeito linguístico no meio acadêmico.

4.1.7 Você percebe se o meio acadêmico usa e/ou valoriza as pesquisas feitas pelo surdo pesquisador?

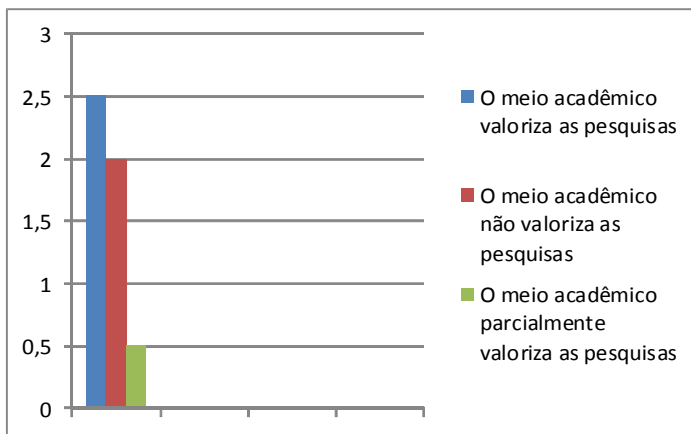


Gráfico 07: Respeito no meio acadêmico

Em se tratando da pesquisa, os entrevistados revelam que percebem a valorização de seus projetos, os quais foram examinados na sessão 4.2.1 desta tese. Sobre essa valorização têm-se respostas diversificadas.

“Boa pergunta! A minha resposta que maioria meio acadêmica ouvintes (principal aqueles que trabalham na área da Educação de Surdos; professores ouvintes) não valoriza as pesquisas feitas pelo surdo, só elogiam, mas não usam, não divulgam sobre artigos/trabalhos/pesquisas dos surdos, nem convidam para publicar ao artigo do livro que ouvinte organiza. Poucos valorizam. Somente ouvintes que nunca viram temas sobre surdos, valorizam, pois tinha menos conhecimento” (Entrevistado 1)

“Sim, eu sinto que a UFSC constrói um trabalho em áreas e diferentes locais aceitam a Libras e respeitam o surdo. Também às vezes percebe e

sente pessoas que ficam preocupadas em como conseguir uma comunicação com o surdo. [...] eu sinto que minha pesquisa é importante e valorizada dentro da UFSC o programa de pós-graduação de linguística da UFSC e também fora na sociedade porque hoje há uma forte discussão política sobre o problema da escola bilíngue e pode ajudar a provar que o surdo tem dificuldade no português e ajuda em como conseguir metodologia de trabalho com o surdo dentro da escola tendo Libras como primeira língua e o português como segunda língua. Como conseguir melhorar o trabalho dos professores e conseguir um equilíbrio e valorização do aluno surdo aprendendo o português.” (Entrevistado 2)

“Acredito que sim, principalmente para validar novas metodologias com ver surdos, mas ainda que somos desconhecidos no meio acadêmico.” (Entrevistado 3)

“Sim, muitos trabalhos e pesquisas feitas pelos surdos foram espalhados pelo meio acadêmico.” (Entrevistado 4)

“Eu percebi a valorização das pesquisas dos surdos. Eu penso que sim é importante ajudar surdos a pesquisar e desenvolver, mas há um problema que parece não combinar. Exemplo: eu quero ingressar no mestrado, a prova é em Libras; a prova escrita é em português e a resposta filmada em Libras, no fim eu passei. Na hora da aula não tem Libras, mas sim textos em português, inglês, francês e várias outras línguas, parece que isso não combina. Mas o surdo que estuda mestrado ou doutorado precisa de mais conhecimento profundo de linguística porque a prova de mestrado é fácil em Libras, mas a essência um pouco difícil. O importante é a preocupação de quantos surdos no mestrado ou doutorado, isso precisa aumentar. Mas, exemplo, todos os ouvintes querem, tem vontade, de ingressar no mestrado ou doutorado e a prova é muito difícil, dura, com poucos aprovados porque precisa de um português escrito muito bom.

Exemplo só para comparar.” (Entrevistado 5)

A valorização das pesquisas condiz, visualizando o conteúdo das respostas acima, com a validação da pesquisa, utilização dos dados obtidos, meio de possibilitar novas pesquisas ou ainda a continuação/aprofundamento, entre outros fatores. Caso esta valorização não ocorra, o surdo pesquisador sente-se, por vezes, inferior a outros pesquisadores, como dito por um entrevistado acima.

A identidade do surdo como pesquisador será mais captada e este terá um trabalho mais produtivo quando não houver diferenciação de uma pesquisa para outra, mas sim quando houver a valorização e utilização do que pesquisou. Além disso, a identidade educacional aqui se mostra enraizada na questão da inserção e interação do surdo no meio acadêmico através da valorização da língua de sinais.

4.1.8 Você sente dificuldade em acompanhar as aulas?

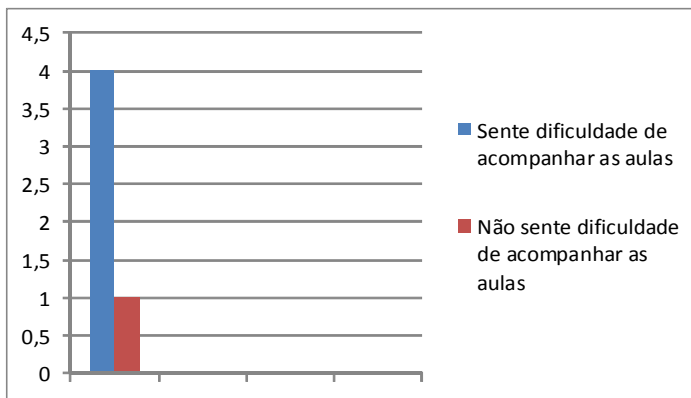


Gráfico 08: Dificuldades em acompanhar as aulas.

Atente-se ao fato de que somente um dos surdos alegou não ser difícil acompanhar as aulas. Isto se deve ao fato de os alunos não estarem familiarizados com o assunto, os professores falarem muito rápido e os intérpretes, também, por vezes, terem dificuldades na tradução. Alguns surdos alegam que, nos seminários, os expositores usam *power-point* e apagam as luzes e, desta forma, os surdos não podem ver a sinalização dos intérpretes.

A identidade sociocultural e educacional aqui se apresenta na interação do surdo. Para poder participar das aulas, reuniões e orientações com professores, o aluno surdo precisa dispor de um intérprete de língua de

sinais eficiente, caso o professor ouvinte não sinalize – o que acontece com a maioria. O surdo pesquisador sente, também, falta de interação com o restante dos alunos visto que a maioria não conhece a Libras.

“Alguma, o problema é de ILS se não for boa interpretação, complicaria nas aulas, também depende disciplina se for puxada, não combina ao ILS fraco.” (Entrevistado 1)

“Sim, eu tenho dificuldade de acompanhar as aulas em sala de aula com o grupo de ouvintes porque às vezes é rápido às vezes não. Às vezes o problema é quando o professor ou o aluno apresenta seminário com o uso do powerpoint e apaga a luz. E o surdo no escuro não vê sinalizar a língua de sinais, fica difícil e atrapalha, precisa da luz. Também às vezes o professor explica rápido e o intérprete se perde o contexto. Também alguns intérpretes sinalizam devagar e com calma, outros sinalizam muito rápido e se perdem também. Conversar, comunicar e interagir com calma. Também às vezes tenho dificuldade de entender o conteúdo da aula porque sinalizando rápido perde o conteúdo.” (Entrevistado 2)

“Somente quando não tenho base do assunto e fico assustada ser algo comum ao ouvinte e para mim muito complexo.” (Entrevistado 3)

“Sim, o principal é quando a(s) disciplina(s) e o(s) professor (es) (não sabe[em] Libras) abordam muito sobre o português ou teorias tão complicadas por motivo do processo sofrido pela interpretação interlingual entre o português e a Libras. Como eu disse, qualquer interpretação precisa do tempo maior para realizar certa tradução.” (Entrevistado 4)

“Eu penso que não, é normal, desenvolvo bem.” (Entrevistado 5)

A complexidade de assuntos ou ainda a falta de fluência do professor são alguns dos motivos para que haja dificuldades.

4.1.9 Você sente dificuldade em compreender os textos indicados para leitura pelos professores?

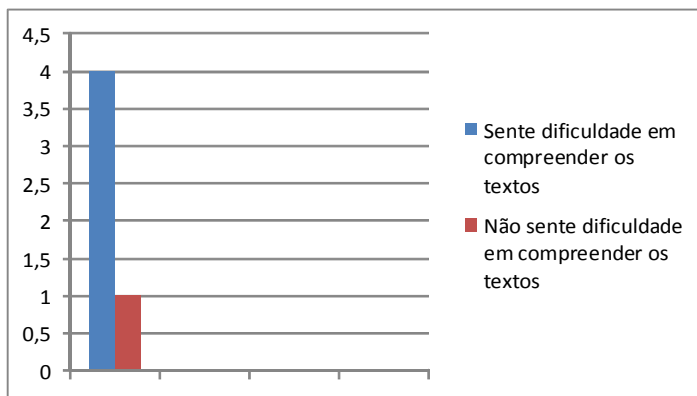


Gráfico 09: Dificuldade de compreensão do português escrito.

Um fator importante para a identidade educacional é a capacidade de compreensão não somente das aulas mas também dos conteúdos impressos. Por isso, outro ponto para permanência é a capacidade de leitura e compreensão dos textos das disciplinas e demais bibliografias usadas durante o curso e pesquisa. Sim, há a possibilidade de o intérprete traduzir o texto se o aluno surdo necessitar. São da responsabilidade do aluno a leitura, entendimento e execução das atividades propostas.

Porém, é revelada no cotidiano, e pela maioria dos próprios entrevistados, a existência de dificuldades de entender textos teóricos, particularmente em inglês ou francês, como pode ser visto abaixo. Deve-se atentar que os entrevistados pontuam que não são todos os textos.

“Algum texto, mas é normal. Faz parte da vida! Para mim tudo bem, leio e escrevo, só difícil é leitura nos livros teóricos, depende autor, por exemplo, Foucault, é difícil. Mas agora melhor tem interprete na universidade.” (Entrevistado 1)

“Dificuldade de leitura de textos e artigos às vezes tem porque em alguns artigos a leitura parece clara. Por exemplo, em algumas teorias a leitura se encontra fácil, mas às vezes a leitura é densa, precisa ler de novo, de novo e de novo para conseguir entender. Mas às vezes o autor, seja ele homem ou mulher, tem linguagem clara e

é fácil de entender às vezes não tem, depende do texto. Leitura de textos e artigos maioria é em inglês e alguns em espanhol. Ler em espanhol é fácil pelo contexto, mesmo não conhecendo algumas palavras dá para entender. Inglês é mais complicado e o dicionário ajuda a ler e entender. Também às vezes adaptação porque a cópia do texto precisa ser digitalizada e isso pode ajudar a procurar a tradução no Google. Em outras vezes precisa ler rápido e traduzi-lo. É mais fácil se tem tempo para ler com calma, direto no inglês e assim consegue.” (Entrevistado 2)

“Sim quando não tenho fundamentação acadêmica do assunto.” (Entrevistado 3)

“Apesar de que sou bilíngue (Libras – L1 e Português – L2), as teorias em português bem profundas e complexas eu sinto dificuldades de compreendê-las e alguns ouvintes que são fluentes em português como L1 também assumem as mesmas dificuldades de compreendê-las. Imagina as dificuldades de compreendê-las pelo surdo que utiliza o português como L2. E quase todos os professores indicam as leituras em outras línguas como português, inglês e espanhol.” (Entrevistado 4)

“Sim, mas todos os textos não. Alguns parágrafos eu marco e procuro o intérprete, mas ele não aceita, não quer. Ok. Eu mesmo me esforço e tento procurar no dicionário como seria o contexto, raciocinando, pensando, mas é difícil porque eu não consigo. O professor explica e as palavras eu não ouço, não consigo, só a LIBRAS, só a mão e nesta não há palavra só sinais. É difícil, sim.” (Entrevistado 5)

Em se tratando de textos em língua estrangeira, são raros os que não se sentem dificuldades pela leitura em outra língua. Às vezes o problema não é geral, mas sim específico a um ou outro texto, como dizem os entrevistados. É preciso lembrar que esta dificuldade também pode se estender a quaisquer acadêmicos, não necessariamente aos surdos.

4.1.10 Você, ao entrar no mestrado ou doutorado tinha planos de pesquisa. Conseguiu concluí-los?

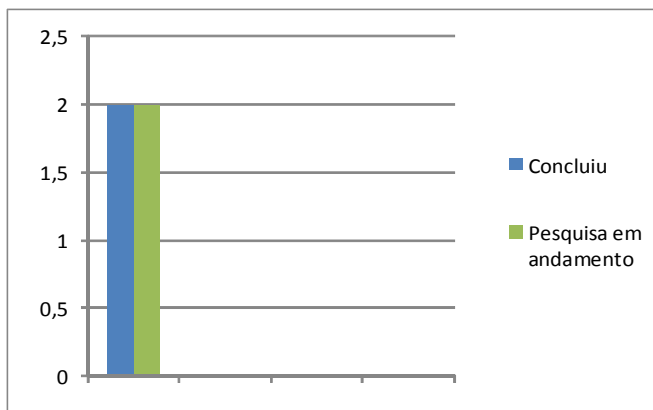


Gráfico 10: Conclusão do curso.

Ao entrar no curso de pós-graduação, o acadêmico surdo dispõe de planos, os quais deseja aprofundar e pesquisar. Uma identidade surda é totalmente visível em termos linguísticos, socioculturais e educacionais neste momento. É possível observar que os entrevistados possuem planos de pesquisa associados a questionamentos vindos da realidade cotidiana.

“Sim, consegui, só que pensava diferente, pois tinha menos conhecimento na pós-graduação como mestrado. Agora estudo doutorado e já sei o que pretendo fazer. Na dissertação que fiz, não pretendo continuar desenvolvendo na pesquisa, projeto, etc. Acho é importante para quem quer continuar desenvolver na pesquisa da relação da minha dissertação.” (Entrevistado 1)

“Não respondeu.” (Entrevistado 2)

“Sim, a dissertação e hoje também tenho um livro que é inédito no Brasil.” (Entrevistado 3)

“Sim, continuo seguindo o tema e o objetivo previstos pelo projeto, mas o método de pesquisa alterou um pouco, só isso.” (Entrevistado 4)

“Antes já havia preparado a pesquisa, quando

entrei no mestrado com o tempo eu entendi e percebi qual era o mais importante e qual a vontade de pesquisar. Troquei de idéia e mudei o projeto, desenvolvendo-o e num futuro próximo termino a pesquisa.” (Entrevistado 5)

Dos cinco entrevistados, dois já concluíram o mestrado. Apesar desta diferença, é evidente que as dificuldades, necessidades e percepções sejam parecidas com as dos demais entrevistados ainda em formação.

O Entrevistado 1 revela que, apesar de concluir o que pretendia no mestrado, não continuou a pesquisar o mesmo tema no atual doutorado; muda-se o tema, mas sempre se continua com algo ligado a Libras.

É possível perceber que durante as entrevistas efetuadas ocorreram outras observações mais aprofundadas, como, por exemplo, o entrevistado que explicou sobre a existência e funcionamento do AAI presente na UFSC ao se referir à necessidade de material específico:

Dificuldade de leitura de alguns textos porque às vezes o professor dá a cópia no formato de imagens embaçadas e não consigo ler. Por isso precisa levar essas cópias ao AAI, ambiente de acessibilidade informacional, que é um trabalho novo na universidade dentro da biblioteca. Lá tem digitalização de textos ou imagens ou ampliação de textos da internet (pode trocar a letras ou pôr em cor diferente) e ajudar na leitura, assim fica fácil. Se não tem apoio na leitura, não adianta nada. (Entrevistado 3)

Compreende-se a identidade do surdo e suas possibilidades pelo cruzamento das respostas obtidas. Assim, este surdo revela-se propenso a delimitar seu campo de pesquisa em uma língua e seus contextos, visto ser ela a base de toda a argumentação do que se é e como se vive.

A identidade do surdo enquanto pesquisador, assim como uma identidade educacional, se formará por esta vivência, pelas pesquisas, por mostrar o surdo como cidadão e sujeito possuidor de características próprias, peculiares e essenciais à condição de pesquisador. No meio acadêmico, o surdo manifesta a identidade por aquilo que divulga, sejam os resultados obtidos de suas pesquisas, sejam exposições em sala de aula.

Através dos dados acima se considera que o surdo, em um ambiente acadêmico, possui inquietações linguísticas e socioeducacionais, influenciando e desenvolvendo sua identidade, embora mantenha suas características primordiais, isto é, a defesa da Libras.

Conclui-se assim que, embora haja surdos pesquisadores, e pesquisas sobre a língua de sinais e contextos a ela relacionados (pesquisas feitas por surdos ou ouvintes), ainda se observa a necessidade de aberturas no meio acadêmico para a interação linguística e social.

Tal abertura não será somente por possíveis vagas para novos alunos, mas sim uma abertura de compreensão sobre as necessidades dispostas pelos acadêmicos surdos, observadas ao longo das respostas das entrevistas: predominam uma maior interação e captação da importância da língua de sinais dentro e fora do meio acadêmico.

4.2 OBSERVAÇÕES DE COMO OS ALUNOS SURDOS ESTUDAM, SUAS ATUAÇÕES EM SALA DE AULA E SOBRE SEUS PROJETOS DE PESQUISA

O surdo ao ingressar em um curso de pós-graduação não irá somente pesquisar. Ele precisará participar das aulas das disciplinas do curso em questão e necessárias a sua formação. A participação do acadêmico surdo será essencial para a compreensão da diversidade linguística e cultural existente na sociedade.

A identidade do surdo como pesquisador está intimamente ligada ao que ele pesquisa e isto é observado nos projetos propostos ao PGL. O surdo desenvolve pesquisas em relação à língua, identidade e sociedade, contextos em que a necessidade de afirmar-se como sujeito pertencente a um grupo sociolinguístico é constante. A língua de sinais passa, assim, a ser um vínculo de permanência e pesquisa no meio acadêmico:

Quando os sujeitos narram a si próprios, eles falam de suas experiências historicamente constituídas desde o lugar que ocupam, e são essas histórias que produzem uma identidade particular, diferente, não subsumida na identidade essencialista do sujeito da modernidade. (COSTA in COSTA, 2007, p.109)

Narrar a si e as histórias que vivencia, identificar-se, apontam a presença da identidade do surdo no ato de sua constituição. Complementando a constatação, será este o momento em que o surdo se colocará como participante de uma realidade social que vem a ser:

Uma realidade social que é o conjunto dos objetos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo pensamento do senso comum, emergindo num mundo de numerosas relações de

interações. É o mundo dos objetos culturais e das instituições sociais nas quais nascemos, onde nós nos reconhecemos. (MACEDO, 2006, p 53)

Ingressa-se no meio acadêmico com um objetivo, seja ele qual for. Pode ser por uma melhoria na vida profissional, por pura vontade, por um ideal ou pela vontade de pesquisar. Porém, entre iniciar-se na pós-graduação e permanecer, existe um vasto caminho a percorrer, observação esta que pode se referir não só ao aluno surdo, mas a qualquer aluno.

É suficiente lembrar que embora haja uma Portaria³⁶ com instruções de como uma instituição de ensino deva proceder com um aluno surdo, muitos não seguem o que está abaixo transcrito:

Parágrafo único:

c) para alunos com deficiência auditiva

- Compromisso formal da instituição de proporcionar, caso seja solicitada, desde o acesso até a conclusão do curso, sala de apoio contendo:

- quando necessário, intérpretes de língua de sinais/língua portuguesa, especialmente quando da realização de provas ou sua revisão, complementando a avaliação expressa em texto escrito ou quando este

não tenha expressado o real conhecimento do aluno;

- flexibilidade na correção de provas escritas, valorizando o conteúdo semântico;

- aprendizado da língua portuguesa, principalmente na modalidade escrita (para uso de vocabulário pertinente às matérias do curso em que o estudante estiver matriculado);

- materiais de informações aos professores para que se esclareça a especificidade linguística dos surdos. (BRASIL, 1999)

Observa-se que há meios para a permanência do surdo no meio acadêmico: não será por falta de caminhos, mas sim da consolidação dos

³⁶Portaria n.º 1.679 de 2 de dezembro de 1999. Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/c1_1679.pdf. Acesso em: 11 de abril de 2011.

passos dados que haverá a continuidade da presença de surdos na pós-graduação. A língua não deve ser tratada como uma barreira, mas sim como parte da consolidação do surdo neste meio, propiciando o desenvolver do acadêmico surdo e das pesquisas deste e, junto a isso, a afirmação da Libras, como pode ser visto abaixo:

[...] ao propiciar aos surdos uma educação que admite efetivamente a língua de sinais, tal decreto significa um avanço na busca de uma escola e de uma sociedade que reconheçam seus direitos e suas identidades. Outros, no entanto, o diagnosticam como um retrocesso na construção de um projeto inclusivo para a sociedade brasileira. (ARANTES, 2007, p. 10)

O decreto a que Arantes se refere é o Decreto 5.626³⁷ que já foi citado anteriormente. Já o projeto inclusivo referido é o de que todo e qualquer aluno deve frequentar um ambiente escolar/acadêmico em que haja todo e qualquer tipo de alunado.

No meio acadêmico essa inclusão acontece pela presença de surdos, ouvintes, e demais pessoas envolvidas. Porém, é necessário ressaltar que não é pelo fato de que o surdo esteja neste ambiente que ele priorizará a língua do meio, ou seja, a língua oral, e não a sua, a língua de sinais; a Libras é sua língua e dela não abrirá mão.

Os obstáculos presentes no meio acadêmico são inúmeros e quem participa deste ambiente percebe quais são: obstáculos físicos, linguísticos, financeiros, emocionais, sociais, etc.. e, para os surdos, o mais complicado: o linguístico. Coloca-se em foco nesta questão a dificuldade de muitas pessoas em entender a língua de sinais como primeira língua do surdo e a língua portuguesa como segunda língua.

Para tanto é necessário compreender o bilinguismo. Este vem a ser explicado, no caso do surdo, como a presença da língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua.

O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças

37 Citado no início desta tese.

surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. (QUADROS, 1997, p.27)

Explica-se: o bilinguismo não se aplicará somente a crianças, como dito na citação acima, mas também a todo e qualquer surdo, independente da idade ou escolaridade. O uso de duas, ou mais línguas, não é exclusivo para surdos, afinal em toda e qualquer sociedade a prática do monolinguismo não dura muito tempo. A própria sociedade se encarrega de propagar a miscelânea linguística existente no mundo.

Um sujeito social, dificilmente, salvo exceções, será monolíngue; na maioria dos casos o indivíduo na sociedade terá conhecimento, podendo ser até somente letrado, em outra língua. É a necessidade, é o desenrolar sem pausa do mundo que desenvolverá essa necessidade de tão amplo conhecimento linguístico e, por assim dizer, cultural.

Geralmente a língua de sinais, mesmo sendo aprendida tardiamente, tende a se tornar a língua preferida na interação entre surdos. Com interlocutores surdos bilíngues que usam as mesmas duas línguas – língua de sinais e língua majoritária, dependendo do conhecimento que ambos têm das duas línguas, da situação e do tópico, eles escolhem uma língua de base, geralmente a língua de sinais, e podem recorrer ao alfabeto digital e à articulação, por exemplo, para complementar a comunicação. (PEREIRA, 2009)

Quando iniciaram a difusão do bilinguismo, tal conceito veio como um recurso para a “dificuldade” da organização (opressiva e expressiva) e da comunicação total (que representava uma mistura de vários elementos cotidianos, mas nenhum enfaticamente), mas tal associação é uma ilusão, visto que envolve mudanças, as quais não são de todo aceitas na sociedade.

Colocar o bilinguismo como recurso serve para descrever a sensação e ações do corpo docente e discente que buscavam um caminho para o que chamavam de ‘dificuldade de comunicação’. Afinal, não era fácil para ninguém comunicar-se enquanto um lado usava a língua portuguesa e o outro a língua de sinais. Surge, então, na comunidade surda o bilinguismo, utilizando a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda.

O bilinguismo varia de idade, nível social, comunitário e identitário, ou seja, de acordo com as realidades psicossocial, cultural e linguística que

devem ser consideradas pelos profissionais no processo de ensino-aprendizagem (QUADROS, 1997). A relação entre a primeira língua e a segunda língua estará enraizada ao nível da interação e aceitação das línguas pelo sujeito surdo. Para o surdo a primeira língua será a língua de sinais e precisa de interação, influência e aprendizado desde cedo.

Além da língua de sinais e da língua portuguesa, ainda há textos em línguas estrangeiras ou na língua portuguesa, aulas expositivas: como o surdo se sai diante disso? Para acompanhar as aulas, há a presença do intérprete de Libras, profissional que é defendido pela comunidade surda e visto como indispensável em sala de aula tanto pelo que se vivencia quanto pela lei.

Mesmo com a presença e mediação do intérprete de língua de sinais, alguns surdos sentem dificuldade em acompanhar as aulas, processar o conteúdo ou compreender os textos escritos. Sim, porque um dos obstáculos para o desenvolvimento do processo educacional do aluno surdo são os textos escritos em língua portuguesa ou outra estrangeira, embora isso não possa ser generalizado.

Pode-se comprovar isto no tópico anterior desta tese o qual se refere à dificuldade de compreensão de textos. Os entrevistados expõem sobre dificuldades de leitura e entendimento do texto e enfatizam que isso não ocorre em todos os textos, mas somente em alguns, não somente em língua portuguesa, mas também em estrangeira. É preciso atentar que ler em língua estrangeira pode ser tarefa complexa para qualquer pessoa, não somente ao surdo.

Especifica-se que não são todos os surdos que possuem certa dificuldade em um entendimento textual. Há surdos que compreendem com mais facilidade. Tudo pode influenciar este fato: professores anteriores mais capacitados e/ou conhecedores de estratégias de ensino de língua portuguesa como segunda língua; influência familiar para estímulo e desenvolvimento da leitura; vocabulário; desenvolvimento linguístico (tanto na primeira quanto na segunda língua), entre outros fatores.

Como dito acima, as aulas são em língua oral e interpretadas para Libras. Há casos em que algumas aulas são diretamente em Libras, se o professor é fluente em língua de sinais, com interpretação para a língua oral, caso haja ouvintes não-fluentes em língua de sinais presentes. Embora sejam poucas, estas aulas são as melhores na opinião do aluno surdo quando diz que preferiria a aula somente em língua de sinais, ou seja, sua primeira língua.

Em se tratando de textos, a presença solicitada pelo aluno em alguns casos do intérprete é necessária ao surdo. Na observação para esta tese assim como nas falas dos entrevistados foi visto que a língua escrita está integrada no cotidiano. O surdo lê e escreve na língua portuguesa, sendo que alguns possuem mais dificuldade para compreensão de textos teóricos.

Tal dificuldade não é recente para muitos surdos e pode ser caracterizada pela educação anteriormente recebida. Observa-se a necessidade de lembrar que há diferentes níveis de leitura e entendimento de textos em língua portuguesa entre alunos surdos.

É preciso compreender que a língua portuguesa escrita para o surdo será sua segunda língua e, por isso, haverá diferenças na leitura e na escrita. Em muitos anos de escolarização a maioria dos surdos teve professores que não conheciam a língua de sinais, não fazendo, portanto, uma conexão entre as duas línguas, dificultando a aprendizagem da língua portuguesa escrita pelo surdo, o que fará falta a ele posteriormente.

Não só por isso, mas também por que os professores não recebem formação para ensino de português como segunda língua, e se recebem tal formação, não utilizam no ensino dos surdos. Há também o caso de que por ser a segunda língua, o surdo pensará em sua primeira língua no momento da escrita. Observa-se que há evidente diferença gramatical de uma língua para outra.

A maioria dos textos usados durante o mestrado/doutorado e nas pesquisas está em português e ainda há textos em espanhol, inglês e francês, dependendo da disciplina ou do conteúdo que se queira como se pode ver em:

Leitura de textos e artigos maioria é em inglês e alguns em espanhol. Ler em espanhol é fácil pelo contexto, mesmo não conhecendo algumas palavras dá para entender. Inglês é mais complicado e o dicionário ajuda a ler e entender. Também às vezes adaptação porque a cópia do texto precisa ser digitalizada e isso pode ajudar a procurar a tradução no Google. Em outras vezes precisa ler rápido e traduzi-lo. É mais fácil se tem tempo para ler com calma, direto no inglês e assim consegue. (Entrevistado 2)

A dificuldade não é somente em línguas estrangeiras, mas na própria língua portuguesa, em virtude da falta de entendimento em alguns textos, como dito pelos entrevistados. O aluno citado acima diz que para ele tudo bem, ele consegue ler e escrever bem na língua portuguesa, mas mesmo assim em alguns textos teóricos ele precisa do tradutor. Alguns alunos precisam buscar auxílio de entendimento no uso de vocabulário não dominado ou pouco usado pelo surdo, como qualquer aluno.

Isso acontece porque alguns teóricos escrevem de uma forma mais rebuscada e acadêmica, dificultando a compreensão. É bem observado que isso não acontece somente com surdos: mesmo para ouvintes a leitura de

teóricos é algo complicado.

Dificuldade de leitura de textos e artigos às vezes tem porque em alguns artigos a leitura parece clara. Por exemplo, em algumas teorias a leitura se encontra fácil, mas às vezes a leitura é densa, precisa ler de novo, de novo e de novo para conseguir entender. Mas às vezes o autor, seja ele home ou mulher, tem linguagem clara e é fácil de entender às vezes não tem, depende do texto. (Entrevistado 2)

O texto em língua escrita apresenta para alguns surdos um desafio. Vale lembrar que alguns alunos possuem mais facilidade do que outros no conhecimento da língua escrita, conforme já mencionado; um pouco mais complicado seria dominar um idioma estrangeiro. Porém essa dificuldade em um idioma estrangeiro não se refere somente a acadêmicos surdos³⁸.

Sem um entendimento completo do material bibliográfico, é difícil dominar os conhecimentos produzidos no meio acadêmico e as necessidades da pesquisa. Por isso, o acadêmico surdo pode vir a dispor de um intérprete de LIBRAS que, ao sinalizar o texto, auxilia a compreensão do conteúdo, assim como participar de um grupo de surdos também pós-graduandos, quando um deles relata o conteúdo do texto em questão, expandindo o conhecimento, por ter compreendido melhor, aos que não dominaram o texto.

Existe uma carência diante da necessidade de uma bibliografia em LIBRAS. Textos filmados em LIBRAS são poucos, mas existem³⁹. Há, por conseguinte, a necessidade de traduzir para a língua de sinais, através de filmagens, mais textos teóricos ampliando, assim, conhecimentos.

É fato que seria interessante, bem como uma inovação, traduzir para

38 Há surdos que fizeram curso de leitura e interpretação de textos em língua estrangeira (inglês) na UFSC para melhorar a compreensão do que se utilizava na teoria das disciplinas.

39 Alguns textos em língua de sinais são:

- Traduções de dissertação: MATOS, Lucienne. Narrativas surdas Capixabas. Florianópolis: UFSC, 2008.

- Textos teóricos: TISLR 9: 9º Congresso internacional de aspectos teóricos das pesquisas nas línguas de sinais. Florianópolis: UFSC, 2006; Materiais do Curso Superior Ead Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2006 – 2010. (vários autores e disciplinas).

a língua de sinais os textos teóricos usados no ambiente acadêmico, mas estes são muitos, tornando mais complicada esta tarefa de tradução. O acadêmico surdo compreende esta situação de falta de materiais traduzidos e põe-se a estudar os textos escritos em língua portuguesa com ou sem o auxílio de intérprete.

Mesmo com essa possibilidade de traduzir textos teóricos para a língua de sinais, não se pode aqui ignorar a lei, ao assinalar que a língua de sinais não substitui o português escrito. Como previsto na Lei 10.436: “*Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.*” (BRASIL, 2002), ou seja, não se pode substituir totalmente uma língua por outra.

Há uma possibilidade de escrever a língua de sinais utilizando a escrita da língua de sinais (SignWriting). O uso do sistema de escrita SignWriting, criado por Valerie Sutton em 1974, se restringe às pessoas que a conhecem, ensinam ou a aprendem.

A escrita da língua de sinais utiliza símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais. Este “alfabeto” - uma lista de símbolos visualmente delineados - é utilizado para escrever movimentos de qualquer língua de sinais no mundo. No Brasil, [...] a escrita da língua de sinais começou a receber atenção desde 1996. Os textos escritos na língua de sinais brasileira começaram a despertar o interesse de surdos e profissionais, pois representam o texto em línguas de sinais. Nesse sentido, a escrita apresenta possibilidades de expressar os recursos gramaticais desta língua, bem como suas modulações visuoespaciais incorporadas nos sinais e no discurso. (SUTTON, 2006, p. 3-6)

No contexto socioeducacional esta escrita não é usada pela sociedade, sendo deixada à parte. São poucos os que a dominam perfeitamente a ponto de usá-la.

Mesmo com todos os obstáculos apontados aqui, o surdo não faz disso um empecilho à conclusão de sua pesquisa e interação de forma a alcançar caminhos que levem sua pesquisa e participação no meio acadêmico adiante, em continuidade ao que se propôs.

4.2.1 Exame de alguns projetos de pesquisa dos alunos surdos

A participação na universidade não se limitará à troca de informações, mas sim ao desafio intelectual, dando desenvolvimento à capacidade crítica e às atividades de indagação (GRESSLER, 2007). Serão as indagações e a capacidade reflexiva que levarão o surdo pesquisador a elaborar projetos de pesquisa como os analisados neste subcapítulo.

Relacionam-se aqui os projetos de pesquisa dos entrevistados para esta tese, lembrando que o surdo, ao pesquisar, irá, em muitos casos, pesquisar algo relacionado ao que vivencia, instiga ou afronta. É preciso compreender o que arrasta o surdo a investigar o tema escolhido por ele na pós-graduação, levando em conta sua história de vida.

Sendo assim, apresentam-se aqui projetos vinculados a Libras. Os temas mais presentes são língua de sinais, currículo, leitura em português, português como segunda língua, políticas linguísticas, fonologia e demais temas ligados à linguística.

O que o surdo conhece na prática cria possibilidades de pesquisa e influencia o seu cotidiano. A participação, experiência e vivência do surdo no meio social e educacional são essenciais para se desvendar como:

a realidade social só aparece sob a forma de como os indivíduos veem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através 'dos olhos dos pesquisados'. (GOLDENBERG, 2011, p.27)

Com os cinco entrevistados nesta pesquisa, nota-se a preocupação constante de apontar a realidade e a possibilidade de abranger, durante a pesquisa, o tema escolhido obtendo, ao fim da pesquisa, argumentos, sugestões e esclarecimentos. Cada sujeito, em uma pesquisa, terá a possibilidade de apontar e explorar um problema com ênfase e isso aguça a identidade de pesquisador do surdo.

Abaixo, analisam-se os projetos dos entrevistados através da relevância do tema. O Entrevistado 1 teve por tema o currículo e a língua de sinais. A importância observada é a necessidade de uma melhoria na relação e presença da língua de sinais no currículo, levando a um maior aproveitamento e desenvolvimento linguístico e educacional pelo aluno surdo. A língua de sinais seja na escola ou na universidade ainda é, para muitos, algo fora do comum e não presente em seu cotidiano. Por isso a necessidade da existência de um currículo abrangendo a Libras.

O projeto do Entrevistado 2 tem por tema a capacidade de leitura do surdo em ler português como segunda língua. Atente-se à preocupação do

mestrando em um tema de constante presença no ambiente educacional, inclusive no meio da pós-graduação e que foi apontado pelos entrevistados como um dos obstáculos para a compreensão dos textos teóricos.

Os Entrevistados 4 e 5 possuem projetos voltados para o estudo linguístico da Libras, o primeiro, enfatizando a formalidade e a informalidade e o segundo, o desenvolvimento fonológico. É relevante salientar que os estudos linguísticos da Libras ainda têm pela frente um amplo caminho a percorrer. Cada pesquisa elaborada é mais uma forma de expandir conhecimentos sobre a língua de sinais.

O Entrevistado 3 se dedica a uma pesquisa voltada para a política linguística, enfatizando a necessidade de mapear e registrar a língua de sinais. Trata-se, sem dúvida, de pesquisa pertinente no campo, também, da sociolinguística.

Em alguns dos projetos citados acima, de acordo com as entrevistas, houve mudanças no decorrer das pesquisas a fim de adequar o objeto e os objetivos com o que se desenvolveu. Nem sempre o pesquisador mantém o projeto inicial. Afinal, sabe-se que:

Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – o ‘possível’ para ele.” (GOLDENBERG, 2011, p. 13)

Sobre este processo do que é possível, o entrevistado 5 revela que fez mudanças em sua pesquisa durante o desenvolvimento do projeto:

Antes já havia preparado a pesquisa, quando entrei no mestrado com o tempo eu entendi e percebi qual era o mais importante e qual a vontade de pesquisar. Troquei de ideia e mudei o projeto, desenvolvendo-o e num futuro próximo termino a pesquisa. (Entrevistado 5)

Tal como dito acima, nem sempre uma pesquisa permanece do começo ao fim com o mesmo tema ou metodologia: por vezes, o pesquisador é levado a modificações, ou seja, “o pesquisador deve estar preparado para lidar com uma grande variedade de problemas teóricos e com descobertas inesperadas, e, também, para reorientar seu estudo.” (GOLDENBERG, 2011, p.35)

Observar os projetos dos entrevistados faz perceber que os objetivos

e probabilidades de desenvolvimento são os mesmos, basicamente, no campo da linguagem, para todo e qualquer pesquisador, seja surdo ou ouvinte. A diferenciação será linguística, um pesquisando para e com sua língua de sinais e o outro com sua língua oral, porém a forma escrita estará presente em todos os trabalhos.

Ao analisar os projetos acima descritos, nota-se a presença da identidade linguística, pelo uso constante da língua de sinais, a identidade surda educacional, colocando o surdo como aluno e pesquisador e a identidade sociocultural, através da interação do surdo com o meio.

Atenta-se através desta análise que valorizar a Libras é colocá-la em um mesmo patamar de elemento/meio formador de um grupo linguístico, ou seja: *“Uma língua não é, em si mesma, racional ou eficaz; ela responde ou não a necessidades sociais, ela segue ou não a progressão da demanda social”* (CALVET, 2007, p.26).

A língua de sinais supre a necessidade linguística do surdo. Ela fornece ao surdo a mesma possibilidade que qualquer língua a qualquer pessoa. E, sim, ela responde à demanda socioeducacional a que se vincula; isto por que o surdo dispõe de uma competência linguística que envolve o lado visuoespacial favorecendo o processamento da linguagem.

Analisar os projetos dos entrevistados é mais do que dizer sobre qual tema o pesquisador escolheu: é apontar que o surdo, enquanto possuidor de uma identidade de pesquisador passará a olhar a sua própria língua como objeto de estudo e pesquisa e não somente como meio de comunicação e interação.

Mesmo com mudanças, dificuldades e demais pontos mostrados pelos entrevistados, a pesquisa continua. É a necessidade de se mostrar ao meio acadêmico e social e prosseguir, conquistando não só os objetivos da pesquisa em si, mas como também o respeito e a continuidade da Libras.

5 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Observar o meio acadêmico é mais do que analisar quem participa ou como são as relações sociais e linguísticas presentes em tal meio. Analisar a (s) identidade (s) do surdo neste ambiente é mais do que perceber a (s) língua (s) utilizada (s) por e com este sujeito linguístico.

Nesta tese ocorreu a reflexão sobre como o surdo apresenta uma identidade, ou várias, dentro do ambiente acadêmico tendo sua língua natural, a língua de sinais, como instrumento e meio para esta construção e identificação. Ao propor este objetivo, constatou-se que a língua de sinais é a parte fundamental para o ingresso, presença e permanência do surdo enquanto acadêmico e pesquisador na pós-graduação.

Esta pesquisa teve por objetivo geral a reflexão sobre como se apresenta a identidade do surdo no ambiente acadêmico e suas contextualizações, assumindo a Libras como seu principal instrumento. O objeto de estudo tratou da identidade do surdo, acadêmico e pesquisador na pós-graduação nos cursos de mestrado ou doutorado da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. O problema investigado foi o de que o surdo possui identidades variáveis de acordo com o que e/ou com quem interage.

Justificou-se esta pesquisa tendo em vista que o meio acadêmico se torna um meio no qual o surdo pesquisador busca a si mesmo; busca conhecer, desbravar saberes, para que assim possa absorver e propagar conhecimentos aos outros surdos, consolidando o empoderamento cultural e linguístico da comunidade surda. A pesquisa é relevante por apresentar dados atuais sobre surdos acadêmicos participantes da pós-graduação. O referencial teórico versou sobre teóricos da identidade, sobre a língua de sinais, interação sociocultural e educação.

Desta forma, a tese aqui redigida tomou como meio de fundamentação teórica tópicos como a língua de sinais, interação no meio acadêmico, identidade e demais contextualizações, todos complementados pela análise qualitativa e quantitativa dos dados obtidos junto aos entrevistados, os quais permitiram aprofundar a reflexão sobre a identidade do surdo pesquisado e pesquisador, na pós-graduação em linguística.

Coletaram-se dados, aos quais foram aplicados métodos qualitativos e quantitativos, sobre experiências sociais, linguísticas e educacionais de cinco acadêmicos surdos que já concluíram ou concluirão futuramente a pós-graduação na UFSC. Utilizando tais métodos, analisaram-se as entrevistas feitas tanto em língua de sinais quanto em português na modalidade escrita.

O que pode ser retirado das análises são as observações referentes ao ingresso (por meio de provas e entrevistas em língua de sinais), permanência (pesquisas e conhecimentos adquiridos no dia a dia das aulas)

e conclusão (alcançando seus objetivos de pesquisa propostos).

Observando as entrevistas e a partir destas análises, o surdo entra em um curso de pós-graduação com a finalidade de aprofundar conhecimentos, adquirir formação e expor, defender e investigar a presença da língua de sinais.

O surdo que pesquisa, por mais que seja reconhecido por sua língua natural, a língua de sinais, deverá compreender a língua portuguesa em sua modalidade escrita, uma vez que esta é a forma em que se apresentam em grande parte os artigos, livros e demais textos técnicos ou científicos utilizados em aprofundamentos teóricos.

O acadêmico surdo que possua dificuldades em compreender uma língua escrita terá dificuldades de entender e se inserir em uma parte do universo de pesquisa. Lembre-se de que muitos desses textos estão em outras línguas, além da língua portuguesa. Compreender um texto escrito em língua portuguesa abre mais possibilidades enquanto pesquisadores abertos a múltiplas experiências.

Após tantas questões, tem-se o surdo pesquisador visto como um sujeito com anseio de se mostrar à sociedade, anseio marcado pela possibilidade de apontar caminhos, através de suas pesquisas, para que ocorra uma melhoria na qualidade de vida e de educação. O surdo com identidade de pesquisador abrirá caminhos para novas formas de ver, estudar, desenvolver, aprofundar e discutir sobre contextos em prol da comunidade surda.

A descoberta pelo acadêmico surdo de seu objeto de estudo leva ao processo de criação e pesquisa. O surdo nem sempre dispõe da identidade de pesquisador antes de entrar na PGL. Analisando as respostas de cada entrevistado sobre o interesse de ingressar na pós-graduação têm-se elucidações sobre essa identidade de pesquisador, não somente uma identidade de pesquisador, mas uma identidade acadêmica, visto que antes de pesquisar algo é necessário conhecer profundamente o assunto e isto só acontecer pelo estudo e de textos teóricos e trocas entre os participantes do meio acadêmico.

Três dos entrevistados justificaram o ingresso através da atuação de professor, o qual possui a necessidade de atualização constante. Uma entrevistada cita a vontade de se tornar pesquisadora, ou seja, como foi dito acima, enquanto adquirir uma identidade de pesquisador seja uma descoberta para alguns, outros já possuem conceitos sobre o contexto no qual desejam ingressar e pesquisar. Dois entrevistados apontaram a necessidade de aprender a fim de aprimorar-se.

A identidade do surdo participante e pesquisador nos cursos de pós-graduação é construída pela vivência social e linguística diária no meio em questão. Tal identidade é tão mutável quanto qualquer outra, levando em conta as características reais do que significa participar deste ambiente e do

que o surdo traz a este meio. É fato que se deixa de lado por vezes a identidade de cidadão ou ainda a de estudante para se centrar na identidade de pesquisador coletando ou analisando um tema proposto. Embora não seja fácil, tal troca é necessária no ato de pesquisar.

A identidade do surdo pesquisador é construída com elementos apreendidos e aprendidos dentro e fora das salas de aulas ou entre temas e línguas, sendo, a identidade mais uma vertente exposta pelo surdo dentre todas as outras identidades que formam o surdo (identidade linguística, cultural, social, profissional, etc.).

A identidade pode ser atribuída a uma caracterização do que é valorizado ou ainda seria assim uma relação social entre o 'eu' e o 'outro', justificando a diferença derivada pela identidade e uma demarcação de fronteiras entre o "nós" e o "eles" (SILVA *in* SILVA, 2012). Cita-se Silva:

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles" [...]. (SILVA *in* SILVA, 2012, p. 82)

Essas vozes sociais promovem uma relação dialógica entre o nós e o eles, transformando a interação essa relação em uma relação interacional. Favorecendo uma intertextualidade de culturas, línguas e sujeitos sociais que constroem uma troca social baseada na alteridade. Esta sendo uma possibilidade de como o sujeito social interage e interdepende do outro.

O 'nós' surdos, o 'eles' ouvintes; o 'nós' acadêmicos pesquisadores, o 'eles' receptores de conhecimento que se multiplica; o 'nós' fluentes em língua de sinais, o 'eles' não fluentes; o 'nós' alunos, o 'eles' professores. São muitos os 'nós'. São muitos os 'eles', mas mesmo com toda a diversidade, a identidade armazena essa multiplicidade de características no 'eu'.

Nesta tese a identidade linguística do surdo é característica fundamental de quem ele é e a que grupo pertence. A língua assim tem uma função além da primordial, a de favorecer a comunicação, pois é elemento indispensável ao empoderamento social, educacional e linguístico do surdo, uma vez que ser fluente em uma língua vai além de se expressar, interagindo com uma multiplicidade de significados presentes na língua e na cultura.

A língua, aqui enfaticamente a língua de sinais, proporciona participar do ambiente em que se está, proporciona desenvolver-se, expor-se, interagir, expressar, dividir ideias e ideais, aproximar-se de algo, de alguém ou ainda de uma, ou várias, teorias. A língua significa estar em, permanecer em e continuar uma jornada em busca de si e do outro.

O conceito de identidade é transversado por vários estudos e

discursos. Refere-se nesta tese ao estudo da identidade linguística do surdo, não deixando de lado o caráter híbrido da identidade, a qual pode ser observada pela existência de elementos de diversas origens.

A identidade e suas flutuações são proporcionais às flutuações na pesquisa, portanto: “*É necessário conviver com o desejo, a curiosidade e a criatividade humanas; com as utopias e esperanças; com a desordem e o conflito; com a precariedade e a pretensão; com as incertezas e o imprevisto.*” (MACEDO, 2006, p. 38)

O surdo aprende a criar-se na identidade, aprendendo, assim, a diferença entre o surdo cidadão que vive e luta por melhorias e o surdo pesquisador que necessita de imparcialidade para, em sua pesquisa, expor sua realidade. Desta forma apresenta os problemas sem se perder na militância, demonstrando o campo por ele investigado, sem ignorar, contudo, que ele continua sendo um sujeito político, devendo explicitar suas posições. Sem ser neutro, explicita de onde parte e para onde almeja ir.

Conclui-se que a identidade do surdo pesquisado na PGL é construída no tempo e em contato com o ambiente, a língua e demais participantes deste meio e fora dele. Assim como não há uma identidade única, aponta-se desta forma a diversidade de identidades apresentadas e podem ser caracterizadas aqui como a identidade educacional, sociocultural, linguística, profissional, etc.

Esta identidade é construída pelo identificar-se com o meio, com a língua e a interação, identidade aberta ao novo, ao que vivencia no ambiente da pós-graduação. Identificar quem se é para assim expor-se em um ambiente até então desconhecido. Identificar-se seria como se apresentar através de seus projetos, ideias, aceitações e negações.

O surdo, ao descobrir-se como participante de um meio em que, através de pesquisas, pode mudar a realidade, vê, nisto, a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento não somente de onde está, mas, também, de toda uma comunidade que frequenta, com a qual interage, observando o que é necessário mudar. Isso por que “*Os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas*” (HALL, 2006, p. 31).

As possíveis identidades do surdo, desta forma, mesmo que diversas e com singularidades, são movidas pela língua, pela vivência do surdo, interação, valorização, ou seja, há todo um conjunto de fatores que influenciam essa experiência do pesquisador. Qualquer identidade do surdo que hoje pesquisa é tão política quanto educacional, incluindo uma forma de se auto-redescobrir e se mostrar na sociedade.

Identificar-se é encontrar-se e poder expor esse encontro. É poder buscar respostas e perguntas a fim de comprovar a importância e presença da língua de sinais e do próprio surdo como elementos presentes e participantes de uma sociedade. Identificar-se é ir do geral ao particular e

vice-versa ao colocar a língua como fator de existência e permanência no meio acadêmico.

O surdo, independente da identidade momentânea que possui, será participante do meio social e linguístico, podendo, assim, apresentar-se como ser único e possuidor de uma pluralidade e singularidade necessárias para distinguir-se entre muitos e, ao mesmo tempo, unir-se a outros e colocar-se no mesmo degrau de pesquisador e cidadão, favorecendo o elemento inicial e fundamental para a interação, construção social, valorização linguística e identificação: a Libras.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva. **Surdos & Inclusão educacional**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010.
- ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação de Surdos**. São Paulo: Sammus Editorial, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BENTO, Nanci. **Os parâmetros fonológicos: Configuração de mãos, ponto de articulação e Movimento na aquisição da língua brasileira de sinais – um estudo de caso**. Dissertação de mestrado (UFBA). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. In: **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRASIL. **Portaria n.º 1.679 de 02 de dezembro de 1999**. Dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências, para instruir os processos de autorização e de reconhecimento de cursos, e de credenciamento de instituições. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/c1_1679.pdf. Acesso em: 11 de abril de 2011.
- BRASIL. **Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em 17 de março de 2011.
- BRASIL. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 de abril de 2011.
- CALVET, Louis-Jean. CALVET, Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- COSTA, Marisa. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos investigativos II. Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.
- DIRKSEN, H.. BAUMAN, L. **Open youreyes. Deaf studies talking**. Minnesota, USA: University of Minnesota, 2008.
- DOURADO, Maura. POSHAR, Heliane. A cultura na educação linguística no mundo globalizado. In: SANTOS, Pecília& Alvarez, Maria. **Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira**. Campinas, SP:

Pontes editora, 2010.

ENRICONE, Délcia (Org.). **A Docência na Educação Superior Sete Olhares**. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

FARIA, Elaine T. *Mediação e interação no ensino superior*. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **A Docência na Educação Superior Sete Olhares**. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

FELIPE, Tania. **Dicionário de Libras**. Disponível em: <http://www.acesso brasil.org.br/libras/index.swf>. Acesso em: jun de 2013.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Libras**. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/libras.asp>. Acesso: jun de 2013.

FERREIRA BRITO, Lucinda & LANGEVIN, Remi. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. In: FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FISCHER, Rosa Maria. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos de enfrentar. In: COSTA, Marisa (Org.). **Caminhos investigativos II. Novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à educação prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete. Pesquisar em educação: considerações sobre alguns pontos-chave. In: **Revista diálogo educacional**. Curitiba: Champagnat, 2006, v.6,n.19, set./dez.2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GRESSLER, Lori. **Introdução à pesquisa. Projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2007.

GRILLO, Marlene. *Percurso da constituição da docência*. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **A Docência na Educação Superior Sete Olhares**. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.

GROS, Frédéric (Org.). **Foucault, a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

- HOBSBAWM, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LANE, Harlan, HOFFMEISTER, Robert & BAHAN, Ben. **A journey into the Deaf-world**. San Diego, California: DawnSignPress, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MACEDO, Roberto S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber livro editora, 2006.
- MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. In: **Intervenções**. Disponível em: http://scielo.bvspsi.org.br/scielo.php?pid=S1413-9072002000100003&script=sci_arttext. Acesso em 25 de out. de 2008. Jun 2002. Vol7. nº 13.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa:Edições 70, 2001.
- MENDES, Edleise. “Por que ensinar língua como cultura?”. In: SANTOS, Pecilia & Alvarez, Maria. **Língua e cultura no contexto de português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes editora, 2010.
- MOREIRA, Renata. **Uma Descrição da Dêixis de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira: Pronomes Pessoais e Verbos Indicadores**. Pós-doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- MORIN, Edgard, CIURANA, Emilio & MOTTA, Raúl. **O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOSQUERA, Juan & STOBÄUS, Claus. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização na universidade. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **A Docência na Educação Superior Sete Olhares**. Rio Grande do Sul: Edipucrs, 2008.
- OLIVEIRA, Gilvan. *Prefácio*. In: CALVET, Jean. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- PAVLOSKI, Evanir. *Identidades instáveis: os fragmentos do sujeito moderno*. In: HARMUCH, Rosana & SALEH, PascoalinaBailon. (Orgs.). **Identidade e subjetividade. Configurações contemporâneas**. Campinas: Mercado das Letras, 2012.
- PEREIRA, Maria Cristina da Cunha & Maria Inês da Silva Vieira. *Bilinguismo e Educação de Surdos*. In: **Revista Intercâmbio**. Volume XIX: 62-67, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/4_MCristina_.pdf
- PERLIN, Gladis. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- PERLIN, Gladis. **O ser o estar sendo surdos: alteridade, diferença e**

identidade. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

QUADROS, Ronice Müller de Quadros. **Educação de Surdos a Aquisição da Linguagem.** Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

QUADROS, Ronice & KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira. Estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice. **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LETRAS LIBRAS** Disponível em: http://letrasLibras.grad.ufsc.br/files/2013/04/projeto_Libras_presencial_FIN_AL-nov2008.pdf. Acesso em: jun de 2013.

RAMOS, Célia. **LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros.** Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>. Acesso em: agosto de 2011.

ROSA, Emiliana Faria. **Olhares sobre si: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas.** Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SÁNCHEZ, Carlos. A escola, o fracasso escolar e a leitura. In: LODI, Ana Claudia Balieiro, et al. **Letramento e minorias.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

SANTOS, Boaventura S. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edna & MENEZES, E. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Disponível em: <http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>. Acesso em: agosto de 2011.

SILVA, Tomas Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não tivesse ai?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro na cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para a língua de sinais.** Tradução Marianne Stumpf. Florianópolis: UFSC, 2006.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.* In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

ANEXOS

Anexo A

Modelo de entrevista aplicada para os acadêmicos surdos da PGL

1. Tema de pesquisa no mestrado/doutorado.
2. Para que você quis cursar o mestrado ou doutorado?
3. Como foi sua experiência de ingresso no mestrado e/ou doutorado?
4. A língua de sinais foi bem aceita? Você sentiu resistência por parte dos professores ou outros alunos?
5. Você, como pesquisador, sente falta de algo na universidade? Faça uma lista do que sente falta.
6. Você se sente respeitado com sua língua de sinais?
7. Você percebe se o meio acadêmico usa e/ou valoriza as pesquisas feitas pelo surdo pesquisador?
8. Você sente dificuldade em acompanhar as aulas?
9. Você sente dificuldade em compreender os textos indicados para leitura pelos professores?
10. Você, ao entrar no mestrado, ou doutorado tinha planos de pesquisa. Conseguiu concluí-los?

Anexo B

Tabelas comparativas a partir das respostas transcritas dos entrevistados

1. TEMA DE PESQUISA NO MESTRADO/DOCTORADO.

Entrevistado 1	Currículo de língua de sinais.
Entrevistado 2	Meu tema de pesquisa no mestrado é a capacidade de leitura do surdo em ler português como segunda língua e sua interação e metodologia de apoio.
Entrevistado 3	Mapeamento das línguas de sinais emergentes.
Entrevistado 4	O tema do meu mestrado é Formalidade e Informalidade na LIBRAS.
Entrevistado 5	Meu tema de pesquisa é o desenvolvimento fonológico, dividido em dois grupos: um, com pessoas ouvintes começando a aprender LIBRAS e outro, com pessoas ouvintes fluentes em LIBRAS.

2. PARA QUE VOCÊ QUIS CURSAR O MESTRADO OU DOCTORADO?

Entrevistado 1	Queria buscar mais atualização na educação de surdos e buscar nova experiência da pesquisa após anos de trabalho na escola de surdos.
Entrevistado 2	Meu objetivo de passar no mestrado é a importância da formação dos professores surdos porque na sociedade, na faculdade todas as áreas precisam de professor surdo como um profissional melhor e com profundo conhecimento. Também no passado estudei na faculdade de Letras, pesquisei e a faculdade aceitou a pesquisa monográfica própria do surdo com o tema sobre português como segunda língua e inglês como terceira língua. Percebi o problema e as dificuldades do surdo dentro da escola. Senti vontade de como pesquisar a capacidade do surdo em conseguir ler textos em

	português, ter entendimento claro e as dificuldades; além de como conseguir metodologia, interação e apoio.
Entrevistado 3	Para ter possibilidade de estar no espaço acadêmico e tornar pesquisadora.
Entrevistado 4	Para enriquecer a minha formação profissional e que possa ser professor universitário com nível de conhecimento necessário.
Entrevistado 5	Porque eu precisava estudar para desenvolver, aprender e conhecer; além da formação para ajudar a entender, porque assim posso trabalhar como professor de universidade e também estudar, pesquisar e multiplicar o que aprendi.

3. COMO FOI SUA EXPERIÊNCIA DE INGRESSO NO MESTRADO E/OU DOUTORADO?

Entrevistado 1	Foi boa experiência, houve apresentação em LIBRAS nas duas fases (provas).
Entrevistado 2	A prova para entrar no mestrado foi difícil por causa da leitura dos textos, conteúdos e bibliografia são iguais para surdos e ouvintes. Os surdos lêem o português e têm dificuldade de entender. Também o horário da prova adaptação por dia não tem. O surdo pode escolher escrever a resposta ou filmar, mas as perguntas são iguais para surdos e ouvintes. Importante transcrever a prova combinando com o jeito do surdo.
Entrevistado 3	Através de seleção, sem cota, apenas solicitei ILS para as provas.
Entrevistado 4	Essa experiência de ingresso no mestrado é uma das experiências mais importantes da minha carreira profissional, que me ajuda a construir os saberes de explorar conhecimentos.

Entrevistado 5	Eu encontrei os amigos do Letras/LIBRAS e eles me avisaram para procurar na internet, no site da pós-graduação em linguística da UFSC, lá eu olhei orientadores, documentos, organizei projeto, só isso. O que foi mais difícil? Nada, foi normal, mas uma coisa mais difícil foi o projeto porque precisava de um tema diferente. Pensei, procurei em livros que me ajudassem e consegui para desenvolver.
----------------	---

4. A LÍNGUA DE SINAIS FOI BEM ACEITA? VOCÊ SENTIU RESISTÊNCIA POR PARTE DOS PROFESSORES OU OUTROS ALUNOS?

Entrevistado 1	Foi bem aceita, tinha tudo acessibilidade (tinha ILS nas todas disciplinas que fiz), tinha grupo de surdos e ouvintes para discutir na pesquisa tudo em LIBRAS até disciplina não tem falada, somente LIBRAS, tinham 2 ouvintes que faziam mestrado, usavam LIBRAS e se esforçavam para incluir de nós surdos e ouvintes fluentes de LIBRAS.
Entrevistado 2	Na UFSC dentro do meio os professores, também os colegas e alunos aceitam a LIBRAS, mas na verdade falta interação porque na sala de aula tem dois intérpretes que interpretam a aula e no fim desta eles saem da sala ficando o surdo sem conseguir se comunicar. É difícil. É importante aceitar a língua de sinais, mas as pessoas conhecem pouco da LIBRAS; também conhecem pouco do jeito, da identidade e cultura surda porque precisa de comunicação livre. O surdo não pode ser dependente do intérprete.
Entrevistado 3	Eu não senti resistência devido a maioria dos professores já terem sido professores de surdos mestrando ou doutorando ou o professor era surdo. Quando isso acontecia o intérprete era para os ouvintes.
Entrevistado 4	Na universidade (UFSC) onde eu estudo mestrado

	<p>tem fortalecido o uso de Libras e ao ingressar o mestrado sinto que a minha língua como Libras é valorizada e respeitada até aceita que a prova de seleção de mestrado e doutorado em Linguística na UFSC é em Libras, essa é entre as pouquíssimas universidades brasileiras que têm consciência da importância de Libras para os surdos.</p>
Entrevistado 5	<p>Mais ou menos, porque antes eu me inscrevi em uma disciplina de fonologia e a professora mandou-me fazer a prova. Ok. Estudei e na hora da aula era a prova. Escrevi as resposta não usando um português bom, culto, mas sim normal, parcial. Por fim entreguei e perguntei a professora qual a preocupação com a avaliação, o conceito e o conteúdo de estudo e o que assimilei ou a escrita das frases em português. A professora pareceu hesitar e respondeu que precisava de português perfeito, culto na escrita. Eu calei e disse a professora que ia pra casa, corrigiria o texto e a avisaria. A professora na outra aula já tinha corrigido e me entregou e pediu que eu olhasse o texto em português e arrumasse. Eu calei e levei o texto. Tem problemas de barreiras.</p>

5. VOCÊ, COMO PESQUISADOR, SENTE FALTA DE ALGO NA UNIVERSIDADE? FAÇA UMA LISTA DO QUE SENTE FALTA.

Entrevistado 1	<p>Naquela época, sentia falta, mas eram poucas coisas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professores surdos, tinha só uma. - Poucas pessoas na pesquisa
Entrevistado 2	<p>Coisas para pesquisa e material não faltam. Sinto dificuldade porque às vezes problema de interação junto orientação. É importante o aluno e o professor orientador interajam; precisa de uma comunicação clara e boa para troca e auxílio mútuo. Se há problema de comunicação, atrapalha. Mas a minha dificuldade é que sou surdo e também tenho baixa visão e preciso de material especial como, por</p>

	<p>exemplo, textos ampliados, digitalização dos textos, precisa de adaptação e também de novas tecnologias para apoio à leitura. A faculdade às vezes não tem. Também eu já relatei com a Patricia do núcleo de acessibilidade da UFSC que me apóia muito, mas sabe que sou o primeiro aluno surdo com baixa visão dentro do programa de pós-graduação da faculdade. É difícil, falta experiência junto com aluno.</p>
Entrevistado 3	<p>Eu sou pesquisador, mas não atuo dentro da universidade e sim do Centro de Formação para Profissionais da Educação e atendimento as pessoas com Surdez – CAS/MS vinculado a Secretaria de Estado de Educação no Projeto Índio Surdo.</p>
Entrevistado 4	<p>Bem, é meio complicado descrever o que sinto falta de algo na universidade porque vivo enfrentando a realidade brasileira no momento. Porém, ao comparar com os ouvintes, eles têm domínio em português como L1 e acessam na universidade onde todos os professores ouvintes têm o mesmo domínio em língua deles e a mesma facilidade de comunicar com eles, bem como a única língua, por exemplo. E agora com os surdos é outra história, pois para o momento atual a grande maioria de surdos vive acompanhada pelos intérpretes de Libras para que possam se comunicar com os professores que não sabem em Libras, portanto, o processo de comunicação é muito diferente daquele processo de comunicação dos ouvintes com os ouvintes, a comunicação entre os surdos, intérpretes e professores sempre dá trabalho de traduções interlinguais. Por isso, nesse caso os surdos precisam do tempo maior para comunicar o suficiente com eles. A sala de aula que utiliza a Libras é perfeita para os surdos, o diálogo desse contexto fica mil vezes melhor. Para contar uma lembrança minha, eu fiquei feliz em entrar na experiência incrível quando estudei numa disciplina na pós-graduação em Estudos de Tradução que utilizou exclusivamente em Libras e eu e outros</p>

	<p>surdos ganhamos essa sensação fantástica na comunicação como se fosse o mundo de Libras. Bom, agora é para listar do que sinto falta, ou melhor, necessidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - artigos científicos, dissertações, teses, pesquisas, etc. publicam em Libras (mas agora estão crescendo); - professores de disciplinas, secretário, coordenador da pós-graduação e outros sabem Libras; - revisor de português para os surdos que escrevem; - provas e/ou trabalhos de disciplinas no mestrado ou doutorado em Libras (mas algumas disciplinas ministradas pelos professores que sabem Libras aceitam na hora os trabalhos e/ou provas em Libras).
Entrevistado 5	<p>Na universidade sinto falta de: depois de fazer a prova, dá-la a um profissional, um ILS, para colocá-la em um português na norma culta; texto levados para casa, ao ler há frases que não dá para entender, é difícil, ou se não conhece a palavra procura no dicionário, mas às vezes não combina com o contexto e precisa procurar profissional intérprete; texto precisa adaptar a LIBRAS, a UFSC tem profissional intérprete, mas para traduzir não aceitam qualquer texto.</p>

6. VOCÊ SE SENTE RESPEITADO COM SUA LÍNGUA DE SINAIS?

Entrevistado 1	Naquela época, sentia respeitada sim.
Entrevistado 2	Sim, eu sinto que a UFSC constrói um trabalho em áreas e diferentes locais aceitam a LIBRAS e respeitam o surdo. Também às vezes percebe e sente pessoas que ficam preocupadas em como conseguir uma comunicação com o surdo.
Entrevistado 3	Sim, quando não fui respeitado acabei indo para MPE .
Entrevistado 4	Sim.

Entrevistado 5	Sim, eu sinto que respeitam a LIBRAS, claro que sim.

7. VOCÊ PERCEBE SE O MEIO ACADÊMICO USA E/OU VALORIZA AS PESQUISAS FEITAS PELO SURDO PESQUISADOR?

Entrevistado 1	Boa pergunta! A minha resposta que maioria meio acadêmica ouvintes (principal aqueles que trabalham na área da Educação de Surdos; professores ouvintes) não valoriza as pesquisas feitas pelo surdo, só elogiam, mas não usam, não divulgam sobre artigos/trabalhos/pesquisas dos surdos, nem convidam para publicar ao artigo do livro que ouvinte organiza. Poucos valorizam. Somente ouvintes que nunca viram temas sobre surdos, valorizam, pois tinha menos conhecimento
Entrevistado 2	Sim, eu sinto que minha pesquisa é importante e valorizada dentro da UFSC o programa de pós-graduação de linguística da UFSC e também fora na sociedade porque hoje há uma forte discussão política sobre o problema da escola bilíngue e pode ajudar a provar que o surdo tem dificuldade no português e ajuda em como conseguir metodologia de trabalho com o surdo dentro da escola tendo LIBRAS como primeira língua e o português como segunda língua. Como conseguir melhorar o trabalho dos professores e conseguir um equilíbrio e valorização do aluno surdo aprendendo o português.
Entrevistado 3	Acredito que sim, principalmente para validar novas metodologias com ver surdos, mas ainda sinto que somos desconhecidos no meio acadêmico.
Entrevistado 4	Sim, muitos trabalhos e pesquisas feitas pelos surdos foram espalhados pelo meio acadêmico
Entrevistado 5	Eu percebi a valorização das pesquisas dos surdos. Eu penso que sim é importante ajudar surdos a pesquisar e desenvolver, mas há um problema que parece não

	<p>combinar. Exemplo: eu quero ingressar no mestrado, a prova é em LIBRAS; a prova escrita é em português e a resposta filmada em LIBRAS, no fim eu passei. Na hora da aula não tem LIBRAS, mas sim textos em português, inglês, francês e várias outras línguas, parece que isso não combina. Mas o surdo que estuda mestrado ou doutorado precisa de mais conhecimento profundo de linguística porque a prova de mestrado é fácil em LIBRAS, mas a essência um pouco difícil. O importante é a preocupação de quantos surdos no mestrado ou doutorado, isso precisa aumentar. Mas, exemplo, todos os ouvintes querem, tem vontade, de ingressar no mestrado ou doutorado e a prova é muito difícil, dura, com poucos aprovados porque precisa de um português escrito muito bom. Exemplo só para comparar.</p>
--	--

8. VOCÊ SENTE DIFICULDADE EM ACOMPANHAR AS AULAS?

Entrevistado 1	<p>Alguma, o problema é de ILS se não for boa interpretação, complicaria nas aulas, também depende disciplina se for puxada, não combina ao ILS fraco.</p>
Entrevistado 2	<p>Sim, eu tenho dificuldade de acompanhar as aulas em sala de aula com o grupo de ouvintes porque às vezes é rápido às vezes não. Às vezes o problema é quando o professor ou o aluno apresenta seminário com o uso do power point e apaga a luz. E o surdo no escuro não vê sinalizar a língua de sinais, fica difícil e atrapalha, precisa da luz. Também às vezes o professor explica rápido e o intérprete se perde o contexto. Também alguns intérpretes sinalizam devagar e com calma, outros sinalizam muito rápido e se perdem também. Conversar, comunicar e interagir com calma. Também às vezes tenho dificuldade de entender o conteúdo da aula porque sinalizando rápido perde o conteúdo.</p>
Entrevistado 3	<p>Somente quando não tenho base do assunto e fico assustada ser algo comum ao ouvinte e para mim muito complexo.</p>

Entrevistado 4	Sim, o principal é quando a(s) disciplina(s) e o(s) professor(es) (não sabe[em] Libras) abordam muito sobre o português ou teorias tão complicadas por motivo do processo sofrido pela interpretação interlingual entre o português e a Libras. Como eu disse, qualquer interpretação precisa do tempo maior para realizar certa tradução.
Entrevistado 5	Eu penso que não, é normal, desenvolvo bem.

9. VOCÊ SENTE DIFICULDADE EM COMPREENDER OS TEXTOS INDICADOS PARA LEITURA PELOS PROFESSORES?

Entrevistado 1	Algum texto, mas é normal. Faz parte da vida! Para mim tudo bem, leio e escrevo, só difícil é leitura nos livros teóricos, depende autor, por exemplo Foucault, é difícil. Mas agora melhor tem interprete na universidade q pd ser tradutor.
Entrevistado 2	Dificuldade de leitura de textos e artigos às vezes tem porque em alguns artigos a leitura parece clara. Por exemplo, em algumas teorias a leitura se encontra fácil, mas às vezes a leitura é densa, precisa ler de novo, de novo e de novo para conseguir entender. Mas às vezes o autor, seja ele home ou mulher, tem linguagem clara e é fácil de entender às vezes não tem, depende do texto. Leitura de textos e artigos maioria é em inglês e alguns em espanhol. Ler em espanhol é fácil pelo contexto, mesmo não conhecendo algumas palavras dá para entender. Inglês é mais complicado e o dicionário ajuda a ler e entender. Também às vezes adaptação porque a cópia do texto precisa ser digitalizada e isso pode ajudar a procurar a tradução no Google. Em outras vezes precisa ler rápido e traduzi-lo. É mais fácil se tem tempo para ler com calma, direto no inglês e assim consegue. Dificuldade de leitura de alguns textos porque às vezes o professor dá a cópia no formato de imagens embaçadas e não consigo ler. Por isso precisa levar essas cópias ao AAI, ambiente de acessibilidade

	informacional, que é um trabalho novo na universidade dentro da biblioteca. Lá tem digitalização de textos ou imagens ou ampliação de textos da internet (pode trocar a letras ou por em cor diferente) e ajudar na leitura, assim fica fácil. Se não tem apoio na leitura, não adianta nada
Entrevistado 3	Sim quando não tenho fundamentação acadêmica do assunto.
Entrevistado 4	Apesar de que sou bilíngue (Libras – L1 e Português – L2), as teorias em português bem profundas e complexas eu sinto dificuldades de compreendê-las e alguns ouvintes que são fluentes em português como L1 também assumem as mesmas dificuldades de compreendê-las. Imagina as dificuldades de compreendê-las pelo surdo que utiliza o português como L2. E quase todos os professores indicam as leituras em outras línguas como português, inglês e espanhol.
Entrevistado 5	Sim, mas todos os textos não. Alguns parágrafos eu marco e procuro o intérprete, mas ele não aceita, não quer. Ok. Eu mesmo me esforço e tento procurar no dicionário como seria o contexto, raciocinando, pensando, mas é difícil porque eu não consigo. O professor explica e as palavras eu não ouço, não consigo, só a LIBRAS, só a mão e nesta não há palavra só sinais. É difícil sim.

10. VOCÊ, AO ENTRAR NO MESTRADO, OU DOUTORADO TINHA PLANOS DE PESQUISA. CONSEGUIU CONCLUÍ-LOS?

Entrevistado 1	Sim, consegui, só que pensava diferente, pois tinha menos conhecimento na pós-graduação como mestrado. Agora estudo doutorado, já sei o que pretendo fazer. Na dissertação que fiz, não pretendo continuar desenvolvendo na pesquisa, projeto, etc. Acho é importante para quem quer continuar desenvolver na pesquisa da relação da minha dissertação
----------------	--

Entrevistado 2	Não respondeu.
Entrevistado 3	Sim, a dissertação e hoje também tenho um livro que é inédito no Brasil.
Entrevistado 4	Sim, continuo seguindo o tema e o objetivo previstos pelo projeto, mas o método de pesquisa alterou um pouco, só isso.
Entrevistado 5	Antes já havia preparado a pesquisa, quando entrei no mestrado com o tempo eu entendi e percebi qual era o mais importante e qual a vontade de pesquisar. Troquei de idéia e mudei o projeto, desenvolvendo-o e num futuro próximo termino a pesquisa.

Anexo C

Transcrição das entrevistas realizadas

Entrevistado 1.

35 anos.

Ficou surda com menos de seis meses e começou a aprender língua de sinais com 12 anos. Bilíngue.

1. Currículo de língua de sinais.

2. Quería buscar mais atualização na educação de surdos e buscar nova experiência da pesquisa após anos de trabalho na escola de surdos.

3. Foi boa experiência, houve apresentação em LIBRAS nas duas fases (provas).

4. Foi bem aceita, tinha tudo acessibilidade (tinha ILS nas todas disciplinas que fiz), tinha grupo de surdos e ouvintes para discutir na pesquisa tudo em LIBRAS até disciplina não tem falada, somente LIBRAS, tinham 2 ouvintes que faziam mestrado, usavam LIBRAS e se esforçavam para incluir de nós surdos e ouvintes fluentes de LIBRAS.

5. Naquela época, sentia falta, mas eram poucas coisas:

- Professores surdos, tinha só uma.

- Poucas pessoas na pesquisa

6. Naquela época, sentia respeitada sim.

7. Boa pergunta! A minha resposta que maioria meio acadêmica ouvintes (principal aqueles que trabalham na área da Educação de Surdos; professores ouvintes) não valoriza as pesquisas feitas pelo surdo, só elogiam, mas não usam, não divulgam sobre artigos/trabalhos/pesquisas dos surdos, nem convidam para publicar ao artigo do livro que ouvinte organiza. Poucos valorizam. Somente ouvintes que nunca viram temas sobre surdos, valorizam, pois tinha menos conhecimento.

8. Alguma, o problema é de ILS se não for boa interpretação, complicaria nas aulas, também depende disciplina se for puxada, não combina ao ILS fraco.

9. Algum texto, mas é normal. Faz parte da vida! Para mim tudo bem, leio e

escrevo, só difícil é leitura nos livros teóricos, depende autor, por exemplo Foucault, é difícil. Mas agora melhor tem interprete na universidade q pd ser tradutor.

10. Sim, consegui, só que pensava diferente, pois tinha menos conhecimento na pós-graduação como mestrado. Agora estudo doutorado, já sei o que pretendo fazer. Na dissertação que fiz, não pretendo continuar desenvolvendo na pesquisa, projeto, etc. Acho é importante para quem quer continuar desenvolver na pesquisa da relação da minha dissertação.

Complemento: Na primeira tentativa ao entrar mestrado na universidade, não fui aprovada, como este orientador que pesquisou sobre surdos nos vários livros, mas difícil aceitar surdos entram no mestrado, já entrou surdos com mesmo orientador, mas foram bem poucos.

Sempre aceitou ouvintes entram. Naquele momento, fui aprovada na primeira fase, é a prova escrita. Segunda fase, é a entrevista, geralmente teria banca com 2 ou 3 professores que avaliam, no meu caso, somente orientador, eu e interprete, então foi decisão dele que não fui aprovada. Já vi outros surdos que tentou com ele, nem foram aprovados, atualmente já terminaram doutorado e mestrado nas outras universidades.

Fico refletindo que tipo ele é? Ele pesquisa sobre surdos, que surdos são diferenças, não deficientes mas será é a própria visão dele também acham os surdos são deficientes por isso acham que surdos não conseguem estudar mestrado e doutorado.

Entrevistado 2.

47 anos.

Ficou surdo aos 13 anos e começou a aprender língua de sinais com 34 anos. Bilíngue.

1. Meu tema de pesquisa no mestrado é a capacidade de leitura do surdo em ler português como segunda língua e sua interação e metodologia de apoio.

2. Meu objetivo de passar no mestrado é a importância da formação dos professores surdos porque na sociedade, na faculdade todas as áreas precisam de professor surdo como um profissional melhor e com profundo conhecimento. Também no passado estudei na faculdade de Letras, pesquisei e a faculdade aceitou a pesquisa monográfica própria do surdo com o tema sobre português como segunda língua e inglês como terceira língua. Percebi o problema e as dificuldades do surdo dentro da escola. Senti vontade de como pesquisar a capacidade do surdo em conseguir ler textos em português, ter entendimento claro e as dificuldades; além de como conseguir metodologia, interação e apoio.

3. A prova para entrar no mestrado foi difícil por causa da leitura dos textos, conteúdos e bibliografia são iguais para surdos e ouvintes. Os surdos lêem o português e têm dificuldade de entender. Também o horário da prova adaptação por dia não tem. O surdo pode escolher escrever a resposta ou filmar, mas as perguntas são iguais para surdos e ouvintes. Importante transcrever a prova combinando com o jeito do surdo.

4. Na UFSC dentro do meio os professores, também os colegas e alunos aceitam a LIBRAS, mas na verdade falta interação porque na sala de aula tem dois intérpretes que interpretam a aula e no fim desta eles saem da sala ficando o surdo sem conseguir se comunicar. É difícil. É importante aceitar a língua de sinais, mas as pessoas conhecem pouco da LIBRAS; também conhecem pouco do jeito, da identidade e cultura surda porque precisa de comunicação livre. O surdo não pode ser dependente do intérprete.

5. Coisas para pesquisa e material não faltam. Sinto dificuldade porque às vezes problema de interação junto orientação. É importante o aluno e o professor orientador interagirem; precisa de uma comunicação clara e boa para troca e auxílio mútuo. Se há problema de comunicação, atrapalha. Mas a minha dificuldade é que sou surdo e também tenho baixa visão e preciso de material especial como, por exemplo, textos ampliados, digitalização dos textos, precisa de adaptação e também de novas tecnologias para apoio à leitura. A faculdade às vezes não tem. Também eu já relatei com a Patricia do núcleo de acessibilidade da UFSC que me apoia muito, mas sabe que sou o primeiro aluno surdo com baixa visão dentro do programa de pós-graduação da faculdade. É difícil, falta experiência junto com aluno.

6. Sim, eu sinto que a UFSC constrói um trabalho em áreas e diferentes locais aceitam a LIBRAS e respeitam o surdo. Também às vezes percebe e sente pessoas que ficam preocupadas em como conseguir uma comunicação com o surdo.

7. Sim, eu sinto que minha pesquisa é importante e valorizada dentro da UFSC o programa de pós-graduação de linguística da UFSC e também fora na sociedade porque hoje há uma forte discussão política sobre o problema da escola bilíngue e pode ajudar a provar que o surdo tem dificuldade no português e ajuda em como conseguir metodologia de trabalho com o surdo dentro da escola tendo LIBRAS como primeira língua e o português como segunda língua. Como conseguir melhorar o trabalho dos professores e conseguir um equilíbrio e valorização do aluno surdo aprendendo o português.

8. Sim, eu tenho dificuldade de acompanhar as aulas em sala de aula com o grupo de ouvintes porque às vezes é rápido às vezes não. Às vezes o problema é quando o professor ou o aluno apresenta seminário com o uso do power point e apaga a luz. E o surdo no escuro não vê sinalizar a língua de sinais, fica difícil e atrapalha, precisa da luz. Também às vezes o professor explica rápido e o intérprete se perde o contexto. Também alguns intérpretes sinalizam devagar e com calma, outros sinalizam muito rápido e se perdem também. Conversar, comunicar e interagir com calma. Também às vezes tenho dificuldade de entender o conteúdo da aula porque sinalizando rápido perde o conteúdo.

9. Dificuldade de leitura de textos e artigos às vezes tem porque em alguns artigos a leitura parece clara. Por exemplo, em algumas teorias a leitura se encontra fácil, mas às vezes a leitura é densa, precisa ler de novo, de novo e de novo para conseguir entender. Mas às vezes o autor, seja ele home ou mulher, tem linguagem clara e é fácil de entender às vezes não tem, depende do texto. Leitura de textos e artigos maioria é em inglês e alguns em espanhol. Ler em espanhol é fácil pelo contexto, mesmo não conhecendo algumas palavras dá para entender. Inglês é mais complicado e o dicionário ajuda a ler e entender. Também às vezes adaptação porque a cópia do texto precisa ser digitalizada e isso pode ajudar a procurar a tradução no Google. Em outras vezes precisa ler rápido e traduzi-lo. É mais fácil se tem tempo para ler com calma, direto no inglês e assim consegue.

Dificuldade de leitura de alguns textos porque às vezes o professor dá a cópia no formato de imagens embaçadas e não consigo ler. Por isso precisa levar essas cópias ao AAI, ambiente de acessibilidade informacional, que é um trabalho novo na universidade dentro da biblioteca. Lá tem digitalização de textos ou imagens ou ampliação de textos da internet (pode trocar a letras ou por em cor diferente) e ajudar na leitura, assim fica fácil. Se não tem apoio na leitura, não adianta nada.

10. Não respondeu.

Entrevistado 3.

48 anos.

Nasceu surda. Os primeiros sinais foram caseiros, posteriormente usava sinais criados pelos jovens da família, até 18 anos. Aos 19 anos ingressou em escola de surdos. Bilíngue.

1. Mapeamento das línguas de sinais emergentes.

2. Para ter possibilidade de estar no espaço acadêmico e tornar pesquisadora.

3. Através de seleção, sem cota, apenas solicitei ILS para as provas.
4. Eu não senti resistência devido a maioria dos professores já terem sido professores de surdos mestrando ou doutorando ou o professor era surdo. Quando isso acontecia o intérprete era para os ouvintes.
5. Eu sou pesquisador, mas não atuo dentro da universidade e sim do Centro de Formação para Profissionais da Educação e atendimento as pessoas com Surdez – CAS/MS vinculado a Secretaria de Estado de Educação no Projeto Índio Surdo.
6. Sim, quando não fui respeitado acabei indo para MPE.
7. Acredito que sim, principalmente para validar novas metodologias com ver surdos, mas ainda sinto que somos desconhecidos no meio acadêmico.
8. Somente quando não tenho base do assunto e fico assustada ser algo comum ao ouvinte e para mim muito complexo.
9. Sim quando não tenho fundamentação acadêmica do assunto.
10. Sim, a dissertação e hoje também tenho um livro que é inédito no Brasil.

Entrevistado 4.

28 anos.

Nasceu surdo, começou a aprender língua de sinais com 18 anos. Bilingue.

1. O tema do meu mestrado é Formalidade e Informalidade na Libras.
2. Para enriquecer a minha formação profissional e que possa ser professor universitário com nível de conhecimento necessário.
3. Essa experiência de ingresso no mestrado é uma das experiências mais importantes da minha carreira profissional, que me ajuda a construir os saberes de explorar conhecimentos.
4. Na universidade (UFSC) onde eu estudo mestrado tem fortalecido o uso de Libras e ao ingressar o mestrado sinto que a minha língua como Libras é valorizada e respeitada até aceita que a prova de seleção de mestrado e doutorado em Linguística na UFSC é em Libras, essa é entre as pouquíssimas universidades brasileiras que têm consciência da importância de Libras para os surdos.

5. Bem, é meio complicado descrever o que sinto falta de algo na universidade porque vivo enfrentando a realidade brasileira no momento. Porém, ao comparar com os ouvintes, eles têm domínio em português como L1 e acessam na universidade onde todos os professores ouvintes têm o mesmo domínio em língua deles e a mesma facilidade de comunicar com eles, bem como a única língua, por exemplo. E agora com os surdos é outra história, pois para o momento atual a grande maioria de surdos vive acompanhada pelos intérpretes de Libras para que possam se comunicar com os professores que não sabem em Libras, portanto, o processo de comunicação é muito diferente daquele processo de comunicação dos ouvintes com os ouvintes, a comunicação entre os surdos, intérpretes e professores sempre dá trabalho de traduções interlinguais. Por isso, nesse caso os surdos precisam do tempo maior para comunicar o suficiente com eles. A sala de aula que utiliza a Libras é perfeita para os surdos, o diálogo desse contexto fica mil vezes melhor. Para contar uma lembrança minha, eu fiquei feliz em entrar na experiência incrível quando estudei numa disciplina na pós-graduação em Estudos de Tradução que utilizou exclusivamente em Libras e eu e outros surdos ganhamos essa sensação fantástica na comunicação como se fosse o mundo de Libras. Bom, agora é para listar do que sinto falta, ou melhor, necessidade:

- artigos científicos, dissertações, teses, pesquisas, etc. publicam em Libras (mas agora estão crescendo);
- professores de disciplinas, secretário, coordenador da pós-graduação e outros sabem Libras;
- revisor de português para os surdos que escrevem;
- provas e/ou trabalhos de disciplinas no mestrado ou doutorado em Libras (mas algumas disciplinas ministradas pelos professores que sabem Libras aceitam na hora os trabalhos e/ou provas em Libras).

6. Sim.

7. Sim, muitos trabalhos e pesquisas feitas pelos surdos foram espalhados pelo meio acadêmico.

8. Sim, o principal é quando a(s) disciplina(s) e o(s) professor(es) (não sabe[em] Libras) abordam muito sobre o português ou teorias tão complicadas por motivo do processo sofrido pela interpretação interlingual entre o português e a Libras. Como eu disse, qualquer interpretação precisa do tempo maior para realizar certa tradução.

9. Apesar de que sou bilíngue (Libras – L1 e Português – L2), as teorias em português bem profundas e complexas eu sinto dificuldades de compreendê-

las e alguns ouvintes que são fluentes em português como L1 também assumem as mesmas dificuldades de compreendê-las. Imagina as dificuldades de compreendê-las pelo surdo que utiliza o português como L2. E quase todos os professores indicam as leituras em outras línguas como português, inglês e espanhol.

10. Sim, continuo seguindo o tema e o objetivo previstos pelo projeto, mas o método de pesquisa alterou um pouco, só isso.

Entrevistado 5.

28 anos.

A surdez foi percebida aos nove meses. A comunicação foi acontecendo por meio de gestos, bem como sinais caseiros e aos 16 anos começou a aprender a LIBRAS. Bilingue.

1. Meu tema de pesquisa é o desenvolvimento fonológico, dividido em dois grupos: um, com pessoas ouvintes começando a aprender LIBRAS e outro, com pessoas ouvintes fluentes em LIBRAS.

2. Porque eu precisava estudar para desenvolver, aprender e conhecer; além da formação para ajudar a entender, porque assim posso trabalhar como professor de universidade e também estudar, pesquisar e multiplicar o que aprendi.

3. Eu encontrei os amigos do Letras/LIBRAS e eles me avisaram para procurar na internet, no site da pós-graduação em linguística da UFSC, lá eu olhei orientadores, documentos, organizei projeto, só isso. O que foi mais difícil? Nada, foi normal, mas uma coisa mais difícil foi o projeto porque precisava de um tema diferente. Pensei, procurei em livros que me ajudassem e consegui para desenvolver.

4. Mais ou menos, porque antes eu me inscrevi em uma disciplina de fonologia e a professora mandou-me fazer a prova. Ok. Estudei e na hora da aula era a prova. Escrevi as resposta não usando um português bom, culto, mas sim normal, parcial. Por fim entreguei e perguntei a professora qual preocupação com a avaliação, o conceito e o conteúdo de estudo e o que assimilei ou a escrita das frases em português. A professora pareceu hesitar e respondeu que precisava de português perfeito, culto na escrita. Eu calei e disse a professora que ia pra casa, corrigiria o texto e a avisaria. A professora na outra aula já tinha corrigido e me entregou e pediu que eu olhasse o texto em português e arrumasse. Eu calei e levei o texto. Tem problemas de barreiras.

5. Na universidade sinto falta de: depois de fazer a prova, dá-la a um profissional, um ILS, para colocá-la em um português na norma culta; texto levados para casa, ao ler há frases que não dá para entender, é difícil, ou se não conhece a palavra procura no dicionário, mas às vezes não combina com o contexto e precisa procurar profissional intérprete; texto precisa adaptar a LIBRAS, a UFSC tem profissional intérprete, mas para traduzir não aceitam qualquer texto.

6. Sim, eu sinto que respeitam a LIBRAS, claro que sim.

7. Eu percebi a valorização das pesquisas dos surdos. Eu penso que sim é importante ajudar surdos a pesquisar e desenvolver, mas há um problema que parece não combinar. Exemplo: eu quero ingressar no mestrado, a prova é em LIBRAS; a prova escrita é em português e a resposta filmada em LIBRAS, no fim eu passei. Na hora da aula não tem LIBRAS, mas sim textos em português, inglês, francês e várias outras línguas, parece que isso não combina. Mas o surdo que estuda mestrado ou doutorado precisa de mais conhecimento profundo de linguística porque a prova de mestrado é fácil em LIBRAS, mas a essência um pouco difícil. O importante é a preocupação de quantos surdos no mestrado ou doutorado, isso precisa aumentar. Mas, exemplo, todos os ouvintes querem, tem vontade, de ingressar no mestrado ou doutorado e a prova é muito difícil, dura, com poucos aprovados porque precisa de um português escrito muito bom. Exemplo só para comparar.

8. Eu penso que não, é normal, desenvolvo bem.

9. Sim, mas todos os textos não. Alguns parágrafos eu marco e procuro o intérprete, mas ele não aceita, não quer. Ok. Eu mesmo me esforço e tento procurar no dicionário como seria o contexto, raciocinando, pensando, mas é difícil porque eu não consigo. O professor explica e as palavras eu não ouço, não consigo, só a LIBRAS, só a mão e nesta não há palavra só sinais. É difícil sim.

10. Antes já havia preparado a pesquisa, quando entrei no mestrado com o tempo eu entendi e percebi qual era o mais importante e qual a vontade de pesquisar. Troquei de idéia e mudei o projeto, desenvolvendo-o e num futuro próximo termino a pesquisa.

Anexo D

Termo de consentimento para entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: AQUISIÇÃO E PROCESSAMENTO DA
LINGUAGEM
PROFESSORA *EMERITUS LEONOR SCLiar-CABRAL*

Termo de consentimento

_____, aluno (a) da pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina está de acordo com a pesquisa a ser realizada através de entrevistas filmadas ou por escrito (de acordo com sua vontade/possibilidade).

A pesquisa será realizada ao longo de 2012, pela aluna do Doutorado em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Emiliana Faria Rosa, sob orientação da Professora Dra. *Emeritus Leonor Scliar-Cabral*.

O objetivo principal é a investigação sobre a identidade do surdo pesquisador na PGL e os contextos linguísticos e sociais a este tema relacionados.

Florianópolis,

de 2012.

Assinatura do entrevistado